Nº 70 — Cr$ 100,00 — Dezembro de 1981 — Ano VII

coojornal

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

"A Erva do Diabo" no currículo da UFRGS
Página 17

Raimundo Rodrigues Pereira escreve:

O Regime encurralado
Página 4

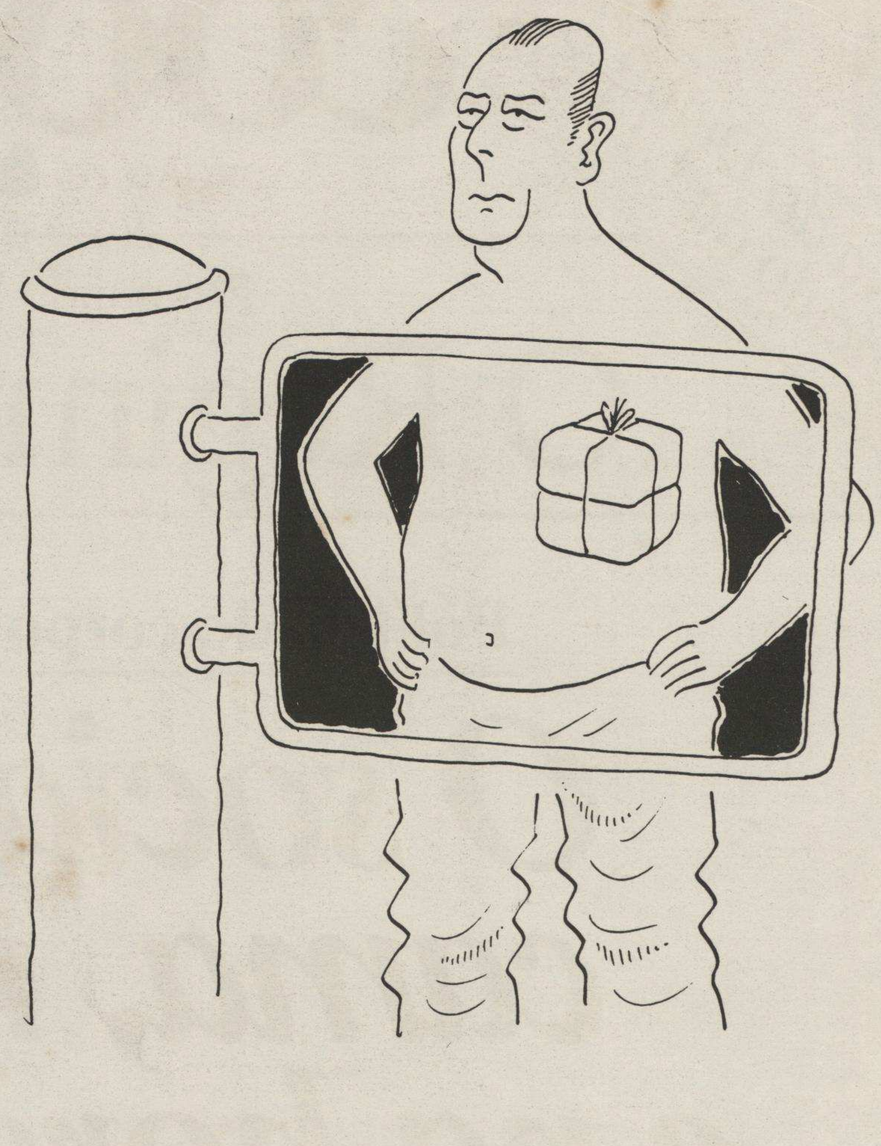
Política do corpo: Schilling × Gabeira

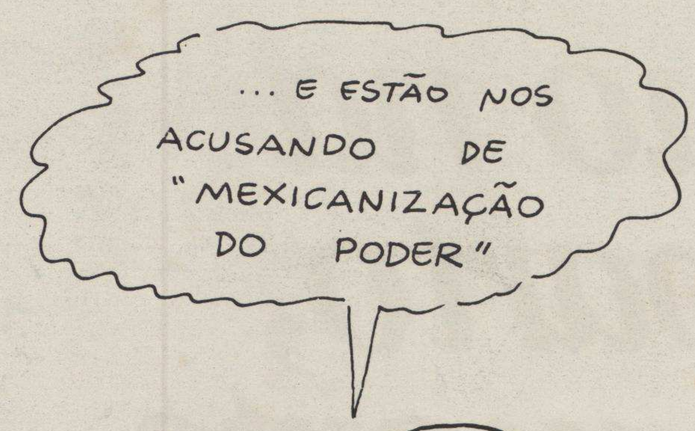
O socialismo na cama, no parto, e na hora da morte
Páginas 13 e Central

O voto ecológico se organiza no Rio Grande
Página 6

O equívoco dos empresários
Na sua campanha contra as cooperativas esquecem das multinacionais.
Págs. 22 e 23

ELEMENTAR CARO, ELEITOR!
SANTIAGO EXAMINA O PACOTE




... E ESTÃO NOS ACUSANDO DE "MEXICANIZAÇÃO DO PODER"

TEQUILA

MINISTRO, TEMOS AQUI ALGUMAS FRASES PARA TAXAR
SUPÉRFLUO
TEM ESSA AQUI: "HEI DE FAZER DESTE PAIS UMA DEMOCRACIA"
PODE TAXAR COMO SUPÉRFLUO!
... E ESTA OUTRA AQUI: "PRENDO E ARREBENTO"
NÃO! ESSA NÃO!

"DITADURA MILITAR FECHA MOVIMENTO!"

O título acima é um exemplo perfeito do estilo e do próprio pensamento do jornal *Movimento,* mas não foi usado na capa do número 334, da segunda quinzena de novembro. Atolado em dívidas que chegam a 10 milhões de cruzeiros, *Movimento* parou de circular, mas preferiu uma manchete neutra: ÚLTIMA EDIÇÃO. Foi a primeira vez, em seis anos e meio de existência, que o agressivo semanário político de oposição não soltou uma chamada de capa virulenta contra o governo.

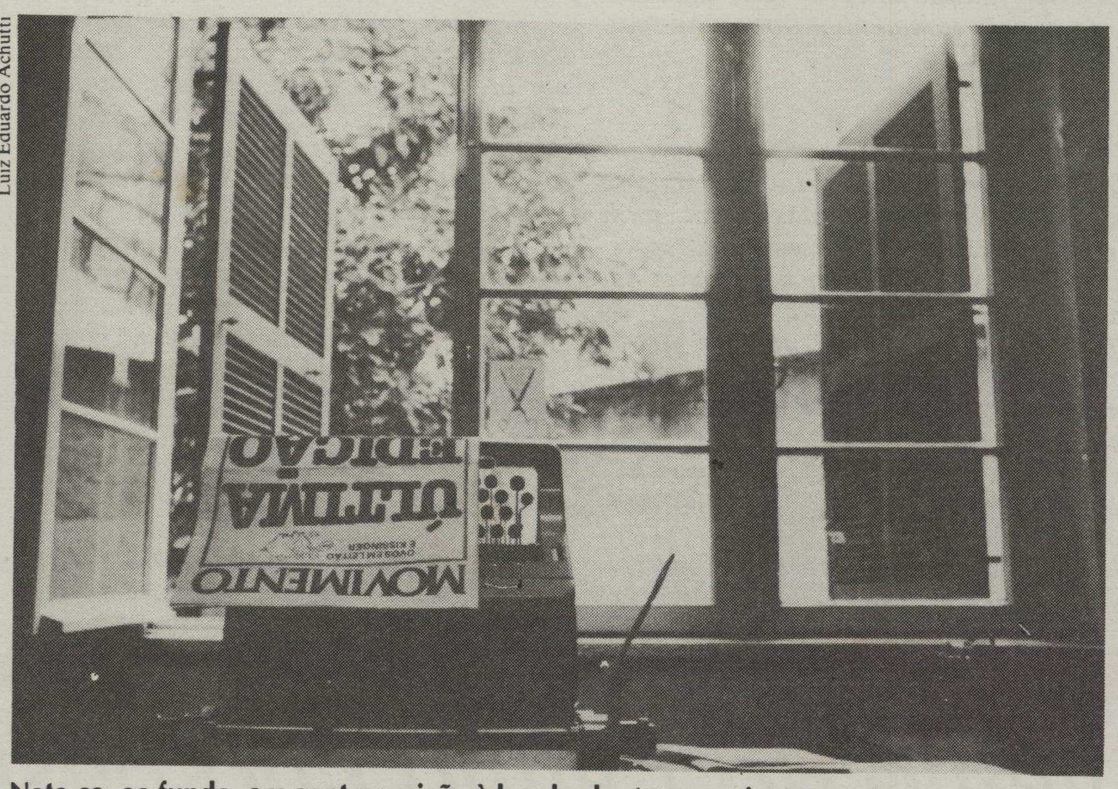
Sucessor de *Opinião,* um dos pioneiros da imprensa de oposição, que proliferou na década de 70 através dos chamados jornais "nanicos", *Movimento* acabou em virtude de "um desequilíbrio estrutural", nas palavras de seu fundador e editor, Raimundo Pereira. Gastava cerca de três milhões de cruzeiros para circular quatro vezes por mês e faturava entre dois e dois e e meio milhões. "O jornal sempre operou com um déficit de 5% a 10%, mas nos últimos meses o déficit chegou a 30%, tornando-se insustentável", afirma Raimundo. Seis meses atrás, ele propusera o fechamento do jornal, mas os acionistas (cerca de 700) e membros da redação se opuseram. Para sair do buraco em que estava, o jornal fez uma campanha para levantar seis milhões de cruzeiros. Levantou sete e parecia caminhar para o equilíbrio, mas a situação favorável não durou muito tempo. O dinheiro acabou, o déficit voltou, *Movimento* parou.

Para Raimundo, o problema fundamental do *Movimento* foram os atentados às bancas de jornais, em meados do ano passado. Com 70% de sua receita oriunda da venda em bancas, *Movimento* reduziu sua receita em mais da metade, pois o jornal passou a ser aceito em apenas 30% das bancas. Ameaçados, os jornaleiros se recusaram a vendê-lo. Para compensar a queda, foi intensificada a venda de assinaturas, que hoje chega a pouco mais de sete mil. "Se os atentados tivessem sido apurados e os autores punidos, *Movimento* continuaria circulando", diz Raimundo, salientando que os atentados ficaram impunes porque servem ao governo, que não tem interesse no fortalecimento da imprensa de oposição.

O SALDO POLÍTICO

Dos 10 milhões de cruzeiros de dívidas, mais da metade referem-se a pagamentos atrasados do INAMPS e do Imposto de Renda. O restante refere-se à gráfica (um milhão), fornecedora de papel (800 mil), pessoal (um milhão), empréstimos bancários (800 mil) e aluguel (300 mil). Raimundo Pereira, pessoalmente, está visitando os credores para fazer acordos a fim de pagar parceladamente. "Vamos pagar tudo o que devemos, deixando o terreno limpo para o caso de voltarmos", afirma Raimundo.

Luiz Eduardo Achutti



Nota-se, ao fundo, em contraposição à luz da abertura, um instrumento.

O patrimônio do jornal permite arrecadar boa parte do dinheiro necessário para pagar as dívidas. *Movimento* dispõe-se a vender seu título, possui uma linha de telex, uma linha de telefone, onze máquinas de escrever, escrivaninhas, cadeiras. Está negociando os títulos de alguns livros, vendendo coleções completas. Outro bem de valor inestimável é a lista de sete mil assinantes. O arquivo será mantido para o eventual lançamento de um novo jornal, no futuro.

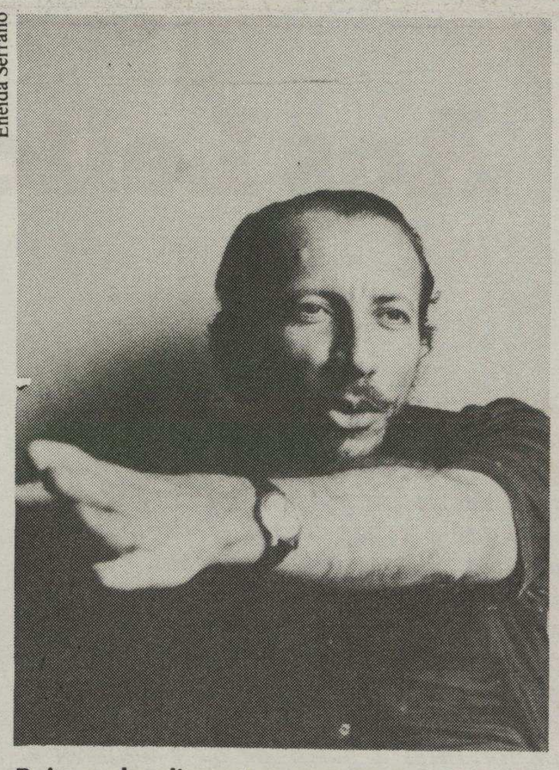
Raimundo Pereira está convencido de que há viabilidade para um semanário político de oposição, que absorva as virtudes de *Movimento* e saiba evitar os erros cometidos. "Fora o saldo político do jornal, que contribuiu para a informação e a organização popular, nos últimos seis anos", diz Raimundo, "acho que *Movimento* ensinou a um grupo de jornalistas um conjunto de regras jornalísticas para fazer um jornal de frente de oposição ao regime militar". Nos próximos meses, enquanto trata de "limpar o terreno" pagando as dívidas — e para isso espera a contribuição de assinantes, leitores, acionistas e amigos a quem sempre apelou nas horas difíceis — Raimundo pretende fazer um balanço de sua experiência no jornalismo de oposição, que já dura 10 anos. Formado em Física pelo famoso ITA, de São José dos Campos, Raimundo trabalhou no início de *Veja*, participou da equipe da revista *Realidade* e fundou *Opinião* e *Movimento*. Às pessoas que lamentam o fim de *Movimento,* ele responde que "esses jornais independentes de oposição sempre surgiram e desapareceram em todos os países". Portanto, na sua opinião, é provável que logo reapareçam as condições para lançar mais um. No fundo, é o que pretende fazer, pois não tem interesse em trabalhar na grande imprensa tradicional, onde poderia obter um salário três ou quatro vezes maior do que a retirada de 80 mil mensais que lhe garantia *Movimento.*

OS ERROS DE REVISÃO

Se lançar um novo jornal, Raimundo quer preservar uma das principais qualidades de *Movimento:* os debates internos, porteriormente publicados pelo próprio jornal, que revelava abertamente as divergências entre redatores, acionistas e colaboradores. Por outro outro lado, convencido de que *Movimento* preocupava-se excessivamente com os debates ideológicos (para definir a linha do jornal), desprezando a discussão das medidas práticas capazes de levar os debates ideológicos às últimas conseqüências no aspecto jornalístico, Raimundo afirma que nenhum jornal alternativo alcançará sucesso se não for feito com um nível profissional alto. "É lamentável, mas uma das causas do fim do *Movimento* foi o amadorismo, a falta de profissionalismo", diz Raimundo, citando os erros de revisão, a pobreza das ilustrações e outros detalhes que faziam de *Movimento* um jornal pouco atraente.

Freqüentemente, as discussões internas escorregavam para esses aspectos técnicos do jornal, mas a maioria dos participantes preferia debater a respeito das posições político-ideológicas a serem defendidas. Periodicamente, lembra Raimundo, era preciso realizar um grande esforço para convencer os mais apaixonados pela causa de *Movimento,* que o jornal devia dar espaço em suas páginas para os problemas da burguesia, do regime, do governo, por mais que isso parecesse distante dos problemas concretos do movimento popular e democrático, enfim, dos problemas do povão. "Nos últimos tempos, a maioria estava convencida de que o jornal devia acompanhar 'os grandes temas' explorados pela grande imprensa (como as fofocas palacianas, o rombo da Previdência), pois isso faz parte da realidade", diz Raimundo. A propósito, ele salienta que a experiência de *Movimento* lhe ensinou que a imprensa é uma peça importante da luta política. "Não há imprensa apartidária. Assim como *Movimento* é de oposição, existe a imprensa da situação, pois mais que ela se disfarce atrás de uma fachada liberal", explica ele.

Eneida Serrano



Raimundo: disposto a recomeçar

MONTE DE DINHEIRO

Justamente por ser explicitamente de oposição, *Movimento* viveu sob feroz censura prévia mais da metade de sua existência. Dos 334 números publicaods, *Movimento* sofreu censura prévia nos 180 primeiros. Foi apreendido cinco vezes, por causa de matérias sobre os contratos de risco do petróleo (1977), Constituinte (1978), resultado das eleições de 1978, trabalho da mulher (1980) e caso Riocentro (1981).

Por causa da censura e das apreensões, *Movimento* entrou na Justiça com duas ações contra o governo. No caso das apreensões, o jornal pede indenização por perdas e danos. Numa avaliação preliminar feita em 1978, *Movimento* calculou que suas perdas pelas apreensões montavam a 15 milhões de cruzeiros. Com a inflação, essa soma chegaria hoje perto de 100 milhões. Quanto à censura, *Movimento* também quer reparação, pois entende que ela foi exercida de forma discriminatória, já que os censores impediam a publicação em *Movimento* de matérias e artigos que já haviam sido publicados em outros jornais.

Se ganhar essas causas — os processos estão em fase inicial —, Raimundo Pereira ganhará um monte de dinheiro. É a única coisa que lhe falta para lançar um novo semanário político de oposição ao regime, pois experiência e disposição ele já possui bastante.

Geraldo Hasse

Móveis. Louças. Cerâmicas. Palhas. Livros.
Luminárias e aquelas coisinhas pra presente.

tempos modernos

AV. INDEPENDÊNCIA, 925 FONE: (0512) 25.4453

MÓDULO

Aos Leitores

O pacote eleitoral pegou os partidos de oposição em plena fase de entendimentos, com vistas às eleições. Por enquanto, eles ainda barganhavam postos, mediam forças e cada um enaltecia as virtudes e a popularidade de seus candidatos. Alguns até brigavam, como o PMDB e o PDT no Rio Grande do Sul, mas naturalmente as coligações faziam parte dos planos de todos os partidos. O pacotão, no entanto, caiu pesado sobre os sonhos da oposição, de ocupar espaços importantes a partir de 82 e abortou a esperança de milhões de eleitores de que algo de substancial poderia mudar na administração pública a na representação parlamentar.

Sem dúvida, o regime deu uma demonstração de força e até mesmo precaveu-se de inesperadas surpresas: obrigou os parlamentares do PDS, muitos dos quais também assustaram-se com o conteúdo do projeto eleitoral do Governo, a fecharem questão sobre a matéria, limitando-se a dizer amém a uma decisão tomada por poucas pessoas. E ponto final.

Surpreendidos (deveriam surpreender-se?), os oposicionistas voltaram a falar em reaglutinar suas forças num único partido que garantisse a materialização de um sonho até poucas semanas dado como certo: a vitória da oposição em 82. Porém, até para isto já era tarde. Os partidos já seguiam seu próprio rumo, já tinham suas aspirações específicas que, em alguns casos, transcendiam as próprias eleições. E o eleitor, ao que parece, terá que enfrentar mais uma eleição sem a possibilidade concreta de manifestar livremente seu desejo. Nesta página, Raimundo Rodrigues Pereira estréia no **Coojornal**, *opinando sobre o pacote do Governo.*

• • •

O alerta foi dado na insuspeita Fundação de Economia e Estatística: haverá um ingresso maciço de grandes capitais estrangeiros no Rio Grande do Sul na década de 80. E eles não serão destinados a novos projetos, mas basicamente à compra de empresas gaúchas.

Não se viu nenhum empresário ou homem público manifestar preocupação em relação a isto, ainda mais que a desgauchização *de nossas empresas já foi muito lamentada há cinco anos, quando capitais de outros Estados, principalmente São Paulo, abocanharam empresas gaúchas (só na área bancária, por exemplo, restou um único grande banco, o Sulbrasileiro).*

Daí, então, cresce a surpresa ao ver-se que há uma nova investida contra o crescimento que as cooperativas agrícolas gaúchas apresentaram nos últimos dez anos. Comércio e indústria estão torpedeando as cooperativas, esquecendo-se que elas são entidades privadas como qualquer outra, sujeitas a iguais impostos e custos sociais, e de capital genuinamente nacional (no caso, bem gaúcho).

Se o capital ou o controle de empresas estão sujeitos a transferirem-se para grupos de fora, isto jamais ocorrerá com o cooperativismo. Que, além de tudo, também gera renda, trabalho e o desenvolvimento real de regiões. Em nome de quê se quer negar isto?

Nas páginas 22 e 23 desta edição o leitor encontrará uma pequena amostra deste assunto, com alguns porquês que ajudam a explicar a campanha contra as cooperativas.

Os editores

O gênio do Leitão não basta

Raimundo Rodrigues Pereira

Sem Golbery, depois do pacote, o regime vai sendo encurralado politicamente.

Era uma boa hora, agora, para ouvir os puxa-sacos que passaram os últimos anos louvando o gênio do general Golbery! Que é do seu fantástico projeto de abertura, uma caixa de armadilhas para a oposição que se iria abrindo e, revelando pouco a pouco, com mágicas cada vez mais fulminantes: anistia, novos partidos, eleição para governador, nova lei das inelegibilidades, liberdade de propaganda no rádio e tevê e etc e tal? Vê-se agora que tudo não passou de um truque barato, de efeito curto demais e de mecânica logo descoberta. E nada deu certo:

O novo partido que Golbery mais queria, o PP — chamado no início, de "partido de oposição confiável" — ameaça dissolver-se no PMDB, que, aliás, tornou-se um partido poderosíssimo, e com alguns "radicais" no seu comando, justo ao contrário do que o plano previa.

Os partidos "radicais de esquerda", no jargão oficial, que deveriam ser encurralados com apoio nas "novas leis" a serem aceitas por grande maioria, cresceu e ganhou influência — o PT se legaliza, a despeito das perseguições, o PC do B e o MR-8, por exemplo, estão toda hora nas manchetes dos jornais e não passa dia sem que o próprio governo os acuse de ações tão grandiosas como os 14 dias de quebra-quebra em Salvador e as gigantescas invasões de áreas urbanas, que viraram moda em todo país; e, dentro do regime, os "duros" como Coelho Neto, a quem Golbery acusa de "babar sangue" e Medeiros, a quem ele detesta, não só sobem cada vez mais com suas *gangs* (1), como lhe aplicaram tantos golpes que o derrubaram de cima da carniça!

A derrota da sublegenda e a posterior edição do *pacote eleitoral* representam a pá de cal derradeira no cadáver da abertura, criatura nascida com anemia. A sublegenda já era uma espécie de aleijão do projeto *aberturista* inicial. Golbery e o então ministro da Justiça, Portella, queriam maiores facilidades para o partido de Tancredo, a fim de que ele crescesse; para isso admitiam até que levasse alguns dissidentes do PDS. Como a abertura já nasceu encalacrando, o PP não prosperou e a sublegenda foi uma fórmula casuística de remendar a situação: com ela os dissidentes dos chefes regionais do PDS teriam um mínimo de liberdade. A sublegenda era também a confissão vergonhosa de que a grande burguesia e os fazendeiros mais reacionários, que constituem o PDS, não tinham condições de formar um *partido* nacional, unificado em torno de idéias, metas, programas: as oligarquias regionais e as "grandes famílias" que compõem o "partido" não enxergam mais longe que os seus negócios e trapaças; não têm planos maiores que vender-se ou associar-se à primeira multinacional pelo maior preço de tabela — como, portanto, poderiam formar um *partido* político verdadeiro?

Com o *pacotão,* finalmente, cai a máscara; e da maquiagem da abertura só ficam alguns borrões na cara feia, que o regime sempre teve. Tentando *municipalizar* o pleito, desesperando-se para que os eleitores votem para quem fez mais demagogia ao tapar o buraco da rua, o governo confessa, por fim, que não tem mais nenhum plano *político,* nenhuma idéia, qualquer *projeto,* para *convencer* o povo a apoiar o inferno de calamidades que armou no país nestes dezessete anos.

A *abertura* fracassou, portanto. Ao contrário do que o regime queria, e dos sonhos da oposição mais conciliadora, ela não levou o país a um novo estágio de mais liberdade política, rumo à democratização plena. Como a oposição democrática e popular mais conseqüente sempre disse, a *abertura* não resolveu nenhum problema político, não criou qualquer condição para que os gravíssimos problemas nacionais fossem superados. Ao contrário, com suas meias soluções, ela retardou o encaminhamento efetivo dos problemas e o país aí está, assolado pela crise econômica e social, talvez a mais grave de sua história, com sua renda pior distribuída que antes, profundamente endividado, com seus ministros em caravana permanente pelo mundo, de chapéu na mão, como pedintes.

E, sintomaticamente, a abertura é derrotada sob fogo cruzado: de um lado, os *duros* do Riocentro; de outro, os democratas. O que mostra outro fato evidente, que os aberturistas oficiais e não-oficiais sempre tentaram desmentir ou anular com seus truques: a vida do país vai se radicalizando efetivamente, as ondas de descontentamento vão crescendo, elevando a tensão, buscando os choques frontais que trariam as soluções sempre adiadas.

Depois do *pacotão* eleitoral, sem o "gênio" de Golbery, o regime vai, além disso, sendo pouco a pouco encurralado. *Primeiro,* porque não é matemático que o *pacote* passe no Congresso. Será que não há nenhum homem de vergonha no PDS, capaz de votar contra, de perder o mandato para evitar essa "curra eleitoral", como já bem disse um deputado? A oposição está saindo às ruas, para que a pressão popular cerre suas fileiras e pressione os *pedessistas* descontentes; e pode obter algum resultado. *Segundo,* porque o *pacote* pode não ser suficiente. A intenção de *municipalizar* as eleições — fazer com que o eleitor vote principalmente no vereador e com isso amarre o seu voto no governador do PDS, já que o governo continuou largamente majoritário nas eleições municipais, mesmo em 1976 — pode não funcionar: ou porque já não funciona em Estados onde a oposição está mais avançada como de São Paulo para o sul; ou porque uma eventual liberalização da propaganda de rádio e tevê, para as eleições de governador, tenderia a dar às campanhas um caráter mais geral. *Terceiro,* porque a oposição, a despeito de todas as enormes dificuldades de ordem jurídica e política, ainda pode — e deve — encontrar fórmulas para unificar o voto oposicionista no pleito de 1982 (e estas fórmulas existem, *certamente!*).

O regime, portanto, vai sendo politicamente derrotado e acuado. A tentativa de buscar Leitão de Abreu para o lugar de Golbery, a fim de ordenar uma saída política para a situação, é sintomática da fragilidade do regime nesse campo. É uma volta ao passado, aos idos de Medici, quando Leitão ajudou a fazer funcionar suavemente o regime da repressão terrorista e do "milagre econômico". Acontece, porém, que os tempos são outros e a volta só pode ser uma farsa: a grande burguesia, que Leitão ajudou a unificar com sua erudição prussiana, tem, hoje, na melhor de suas próprias hipóteses, três anos de estagflação pela frente, e não um milagre.

Restam os tanques, certamente, disfarçados com o nome de *estados e medidas de emergência.* Essas armas, o gênio de Leitão certamente sabe manobrar. No entanto, da mesma experiência passada, Leitão sabe também que não bastam leis de exceção. Para reimpor o terror, a oposição precisa ser atingida fisicamente. A grande burguesia, que sustenta o regime militar, teria coragem e condições de ir tão longe, novamente?

(1) *A revista* Veja *, de 2.12.81, revela fatos interessantes sobre a ascensão dos "coelhos" no Exército; uma das promoções mais sintomáticas — a do coronel Cyro Etchegoyen, agora na boca da fila para o generalato e que é acusado de ser ligado ao esquema que planejou o seqüestro e a intimidação contra o jurista Dalmo Dallari.*

Fala, mundo.

Mais uma vez fale ao coração dela com um presente de Lojas Renner no Natal. Tudo o que você imaginar tem.

É um mundo de presentes maravilhosos, pra você deixá-la com um nó na garganta.

Presentes para todos os gostos e para todos os tamanhos de bolso. Faça seu Natal em Lojas Renner. O mundo de vocês vai ficar ainda mais bonito.

O PRAZO ESTICOOOU:

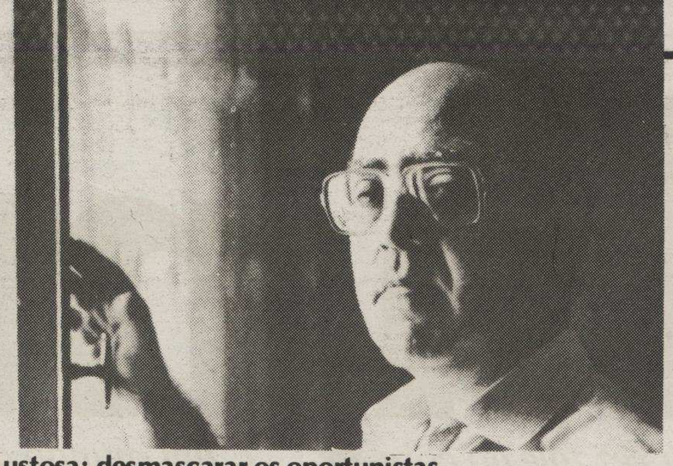
Tudo em até 15 vezes, 1º pagamento 60 dias após.

LOJAS RENNER

O crediário simplificado.

ELEIÇÕES

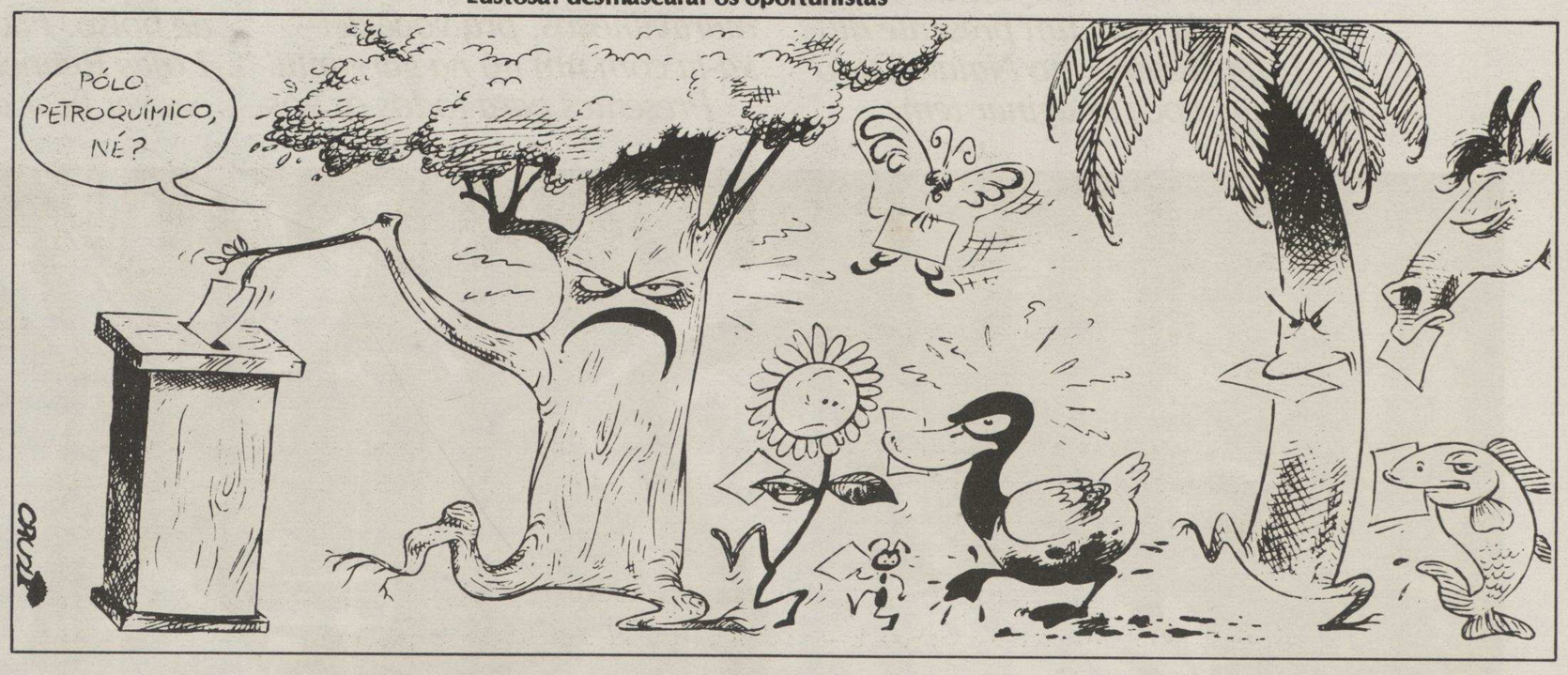
A força ecológica está mexendo com os partidos gaúchos



Luiz Eduardo Achutti

Lustosa: desmascarar os oportunistas

Vinte entidades do sul redigem um programa ecológico. E prometem votar nos políticos que se comprometerem a respeitá-lo.



Um Rio Grande alternativo e ecológico, com sua subsistência baseada numa produtiva e equilibrada agricultura natural, com energia produzida pelo sol, pelos ventos e pelos biodigestores, com centenas de municípios, autônomos e auto-suficientes, produzindo e consumindo em regime comunitário. Dezenas de entidades civis espalhadas por todo o estado, discutindo amplamente os principais problemas da comunidade e tendo a palavra final em relação a grandes projetos que as afetem diretamente. Uma nova política ambiental garantindo a criação de mais áreas verdes, novas reservas biológicas, outros parques estaduais. Diretrizes econômicas alternativas, uma política educacional libertária.

Porto Alegre e as demais grandes cidades do estado reorganizadas com um urbanismo inovador e descentralizado contando com muitas ciclovias e vários meios de transporte alternativo. Biodigestores e hortas coletivas alimentadas pelo lixo orgânico das cidades, pequenas comunas urbanas encaminhado-se para a auto-suficiência. Grandes associações de bairro e inúmeros grupos de debates discutindo novas alternativas de subsistência. Equilíbrio e desenvolvimento; descentralização e auto-suficiência.

Utopia? Delírio? Provavelmente. No entanto, é exatamente este perfil audacioso e renovador que as *Diretrizes Básicas para uma Administração Ecológica* — que, no momento, estão sendo estudadas e redigidas por cerca de vinte entidades ecológicas e democráticas do Rio Grande do Sul — pretendem traçar para o futuro do estado. Com estes planos, tais entidades querem provar — primeiro no papel, depois na prática — que é relativamente fácil aliar progresso com equilíbrio ambiental, tecnologia com descentralização do poder.

Ao analizarem a problemática gaúcha à luz de soluções alternativas, os ecólogos sabem que contam um trunfo importante para lutar pela concretização de suas "utopias": é a crescente conscientização ecológica de uma parcela cada vez mais significativa da população gaúcha. Uma coscientização que, segundo eles, será decisiva durante as eleições de 1982 e poderá assegurar definitivamente a tomada de novos rumos no planejamento do desenvolvimento gaúcho. Tudo isto depende apenas da garantia de que os candidatos eleitos pelo *voto ecológico* vão, de fato, cumprir algumas determinações preestabelecidas pelos grupos ecológicos.

— Não pretendemos reeditar a velha Liga Eleitoral Católica (*), mas vamos fazer uma triagem dos candidatos e ver quais deles merecem o apoio das pessoas que realmente estão preocupadas com a ecologia — assegura o advogado Caio Lustosa, vice-presidente da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural, a Agapan, e um dos principais articuladores das *Diretrizes Básicas*. — Vamos desmascarar todo o oportunismo ecológico. Pretendemos analisar o comportamento de cada um dos políticos na questão do Pólo e, mais tarde, organizar vários debates para que os eleitores possam ver quem é quem. Finalmente, pouco antes das eleições, anunciaremos o apoio oficial das nossas entidades aos políticos que afinarem conosco.

As reuniões preliminares para o estudo das chamadas *Diretrizes Básicas para uma Administração Ecológica* começaram a cerca de um mês. Empenhadas na luta contra a instalação do III Pólo Petroquímico, as entidades ecológicas do Rio Grande do Sul perceberam que já era hora de articular uma estratégica para as eleições de 1982. E o que precipitou esta decisão foram os convites constantes que alguns dos principais ecólogos gaúchos começaram a receber dos partidos de oposição:

A POLÊMICA

— Tivemos que nos reunir mais freqüentemente para decidir se os ecologistas deveriam ou não participar da política partidária, já que alguns dos nossos estavam sendo diariamente assediados pelos partidos — conta Lustosa, que é filiado ao PMDB. — Ao embarcarem para o Japão, em visita oficial junto com o Governador, porém, os líderes da oposição gaúcha nos decepcionaram totalmente. Decidimos, então, que ninguém iria concorrer. De qualquer maneira, resolvemos manter certas ligações com a oposição uma vez que o sistema, a situação são anti-ecológicas por natureza. Uma coisa, no entanto, é certa: ninguém vaio faturar em cima do movimento ecológico apenas com promessas e com demagogia. Votar a favor do Projeto Rio Guaíba e depois montar uma barraquinha na rua da Praia para recolher assinaturas contra o Pólo, não vai adiantar nada (**).

— Tudo isto trata-se, sem dúvida, de um autêntico patrulhamento — protesta o deputado coronel Pedro Américo Leal, do PDS. — Afinal, estas entidades não são donas exclusivas da luta ecológica; luta que, aliás conduzem de forma emocional e exagerada. Os ecologistas estão sendo manipulados pelos partidos de oposição e nem sequer se dão conta disto. E o pior é que estas medidas, obviamente, vão prejudicar bastante ao PDS. Afinal, o partido do governo está preocupado com o progresso. Os ecologistas, não.

— É necessário acabar imediatamente com este mito de que o movimento ecológico é elitista e que está contra o progresso social — rebate Lustosa. — Na verdade, poluir ou deixar progredir é um falso dilema. A preocupação ambiental na Alemanha, por exemplo, não estagnou o país; pelo contrário.

— O que nós queremos, na verdade, é redefinir o papel do poder do estado — assegura o físico Alfredo Avelline, ligado ao planejamento de formas alternativas de energia, desenvolvimento dentro das *Diretrizes Básicas*. — Queremos comprovar na prática, que o estado pode ser útil e comunitário, abandonando aos poucos a função meramente repressiva que tem mantido até hoje.

— Eu duvido da legitimidade deste movimento — diz o deputado Porfírio Peixoto, do PDT. — A rigor, toda esta pregação ecológica deveria ser posta em prática pelos partidos e não apenas por meia dúzia de entidades que pouca gente conhece. Acredito também que, ao sairem em cruzadas antes das eleições, estes ecologistas provavelmente cometerão muitas injustiças contra políticos e partidos que, na verdade, têm lutado bastante pela preservação do ambiente, apesar deles pensarem que não.

As preocupações dos deputados Leal e Peixoto têm certas justificativas. Afinal, além de saberem que o chamado *voto ecológico* terá, de fato, uma importância bastante significativa nas eleições do ano que vem — Leal chegou a estipular em "60% do eleitorado, principalmente jovens e mulheres", o número de pessoas que provavelmente se sensibilizarão com a questão, enquanto que Porfírio lembrou o peso do voto dos ecologistas nas eleições francesas — os dois deputados não duvidam que o PMDB será o grande beneficiado com esta questão ecológica, principalmente por causa da filiação de Lustosa, que eles julgam ser bastante tendenciosa.

— Claro que a entrada de Lustosa foi importantíssima para nós — confirma o deputado José Fogaça, do PMDB. — Mas não é só isto que nos põe na vanguarda da problemática ecológica. Nossa atuação é, de fato, a mais progressista e os eleitores sabem disto. Agora, que não se pense que o PMDB é, por exemplo, favorável ao fechamento do Pólo. Não somos, não. Afinal, nós até ajudamos a trazê-lo para cá. Somos contra, isto sim, ao autoritarismo que cerca as decisões sobre o Pólo. E isto há de acabar no dia em que o PMDB for governo.

— A nós não interessa qual dos partidos de Oposição que vai vencer as eleições — diz Lustosa. — Vamos oferecer esta proposta alternativa para quem for governo. Nenhum de nós tem a ilusão de que uma mudança tão radical de visão, de enfoque, possa se dar de uma hora para outra, principalmente no âmbito restrito de apenas um estado. Para se efetivar deveria ser uma mudança no mínimo a nível nacional. De qualquer maneira, a conscientização ecológica aumenta a cada dia no país e os movimentos ecológicos, no futuro, terão ainda mais força.

Eduardo Bueno

* A Liga Eleitoral Católica foi instituída pela Igreja nas eleições da década de 50 e 60. Pouco antes do pleito, surgia uma relação de candidatos que mereciam "a confiança e os votos dos católicos".

** O vereador Paulo Satte, do PDT, votou a favor do Projeto Rio Guaíba, na Câmara e depois reuniu assinaturas contra o III Pólo Petroquímico, na rua da Praia. Lustosa, obviamente, referia-se a este caso.

ASSINE

Um Jornal de Cinema e Televisão

Mande o cupom de assinatura e um cheque nominal para a Cooperativa Brasileira de Cinema Ltda., no valor de Cr$ 1.000,00 e receba em casa por um ano **LUZ & AÇÃO,** Rua México, 31, 8º — CEP 20031 — Fone: 220-3362 — Rio de Janeiro—RJ

LUZ&AÇÃO

Cupom de Assinatura

LUZ & AÇÃO

Nome:
End: nº
Bairro:
Cidade: CEP:
Estado:
Profissão

A PEDIDO

A CENTRALSUL, O COOPERATIVISMO E A OPINIÃO PÚBLICA

As cooperativas de produtores rurais que compõem o sistema FECOTRIGO, em atenção à opinião pública dizem o seguinte:

1. Que o cooperativismo de produção rural do Rio Grande do Sul tem se desenvolvido e crescido, em todos os sentidos, destacando-se no campo econômico, pelo que crescem, em contra-partida, as mais variadas contestações de outros setores econômicos, alheios ao sistema.

2. A FECOTRIGO, a CENTRALSUL e as cooperativas gaúchas, como as demais cooperativas brasileiras, de produção rural, são do produtor, estão a serviço do produtor e realizam a aspiração do produtor.

3. A CENTRALSUL é conseqüência de necessidades do produtor rural cooperativado e, por ele, produtor rural, é orientada e controlada.

4. À opinião pública afirmamos não terem o menor fundamento as levianas e difamatórias acusações que, contra a CENTRALSUL, têm sido repetidamente assinadas pela NORTOX, envolvendo, inclusive, a pessoa do diretor presidente ARI DIONISIO DALMOLIN, o Conselho de Administração e o Conselho Fiscal da CENTRALSUL, bem como a todo o seu quadro social.

5. Os objetivos da CENTRALSUL de desenvolver a agroindústria, de insumos e de transformação, são da absoluta decisão e responsabilidade do próprio sistema cooperativo. Por isto que as cooperativas reunidas, reexaminando, uma vez mais, o que até aqui foi feito pela CENTRALSUL, ratificam e publicamente aprovam o programa do seu trabalho, especificamente o projeto desenvolvido por nossa empresa DEFENSA – INDÚSTRIA DE DEFENSIVOS AGRÍCOLAS S.A.

6. Ao repudiar, veementemente, todas aquelas acusações, as cooperativas signatárias reafirmam, uma vez mais, sua irrestrita confiança e solidariedade na administração da CENTRALSUL, tendo plena consciência de que, assim fazendo, estão na defesa dos mais legítimos interesses do produtor rural gaúcho e brasileiro.

Porto Alegre, 24 de novembro de 1981.

Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul
Federação das Cooperativas de Trigo e Soja do R.S.
Coop. Agropecuária Pradense Ltda.
Coop. Agrícola Mista Nossa Senhora de Lourdes Ltda.
Coop. Agroindustrial Alegrete Ltda.
Coop. Agrícola Mista Linha Cereja Ltda.
Coop. Agrícola Mista Aceguá Ltda.
Coop. Tritícola Assis Brasil Ltda.
Coop. Tritícola Caçapavana Ltda.
Coop. Agrícola Cachoeirense Ltda.
Coop. Tritícola Cachoeirense Ltda.
Coop. Agrícola Mista 8 de Maio Ltda.
Coop. Tritícola Mista Campo Novense Ltda.
Coop. Agrícola Mista Candelária Ltda.
Coop. Tritícola Carazinho Ltda.
Coop. Tritícola dos Produtores Cruzaltenses Ltda.
Coop. Agropastoril de Cruz Alta Ltda.
Coop. dos Suinocultores de Encantado Ltda.
Coop. Tritícola Encruzilhada do Sul Ltda.
Coop. Tritícola Erechim Ltda.
Coop. Regional Agropecuária Languirú Ltda.
Coop. Tritícola Espumoso Ltda.
Coop. Agrícola M. Santo Isidoro Ltda.
Coop. Tritícola Frederico Westphalen Ltda.
Coop. Tritícola Getúlio Vargas Ltda.
Coop. Tritícola e Agropastoril Giruá Ltda.
Coop. Agrícola Mista Ibiraiaras Ltda.
Coop. Agrícola Mista General Osório Ltda.
Coop. Regional Tritícola Serrana Ltda.
Coop. Agrícola Mista Itaquiense Ltda.
Coop. Agrícola Jaguari Ltda.
Coop. Orizícola do Sul Ltda.
Coop. Tritícola de Júlio de Castilhos Ltda.
Coop. Agrícola Mista Lagoense Ltda.
Coop. Tritícola Ibaré Ltda.
Coop. Agrícola Mista Marauense Ltda.
Coop. dos Suinocultores do Caí Superior Ltda.
Coop. Tritícola Mista Alto Jacuí Ltda.
Coop. Agrícola Mista Nova Palma Ltda.
Coop. Tritícola Palmeirense Ltda.
Coop. Tritícola Panambi Ltda.
Coop. Tritícola de Passo Fundo Ltda.
Coop. Regional Agrícola do Sul Ltda.
Coop. Agrícola Rio Pardo Ltda.
Coop. Agropecuária Rodeio Ltda.
Coop. Agropecuária Rolantense Ltda.
Coop. Agrícola Mista Rondinha Ltda.
Coop. Tritícola de Rosário do Sul Ltda.
Coop. Agrícola M. São Salvador Ltda.
Coop. Tritícola Sananduva Ltda.
Coop. Regional Sananduva de Carnes e Derivados Ltda.
Coop. Tritícola Santa Bárbara do Sul Ltda.
Coop. Agrícola M. Santamariense Ltda.
Coop. Mista Candeia Ltda.
Coop. Mixta São Luiz Ltda.
Coop. Tritícola Santa Rosa Ltda.
Coop. Regional Santanense de Lãs Ltda.
Coop. Regional Tritícola Santiaguense Ltda.
Coop. Tritícola Regional Santo Ângelo Ltda.
Coop. Tritícola Samborjense Ltda.
Coop. Sãoborjense de Cereais Ltda.
Coop. Agropecuária Mista Assisense Ltda.
Coop. M. Agroindustrial Gabrielense Ltda.
Coop. Tritícola São Gabriel Ltda.
Coop. Agrícola Mista Ourense Ltda.
Coop. de Arroz de São Lourenço do Sul Ltda.
Coop. Tritícola Regional Sãoluizense Ltda.
Coop. dos Agricultores de Toropi Ltda.
Coop. Tritícola Sepeense Ltda.
Coop. Tritícola Sarandi Ltda.
Coop. Agrícola Mista Boavistense Ltda.
Coop. Tritícola Superense Ltda.
Coop. Agrícola Soledade Ltda.
Coop. Tritícola Taperense Ltda.
Coop. Agrícola Mista Taquari Ltda.
Coop. Agropecuária Alto Uruguai Ltda.
Coop. Agrícola Mista São João Batista Ltda.
Coop. Mista Tucunduva Ltda.
Coop. Agrícola Tupanciretã Ltda.
Coop. Mista Agrícola Tuparendi Ltda.
Coop. Agrícola M. São José do Mauá Ltda.
Coop. de Lãs Vale Uruguai Ltda.
Coop. Tritícola Mista Vacariense Ltda.

SOCIALISMO

"Cuba não será uma Polônia"

Ricardo Moraes

Franklin Argilago Guerrero é um revolucionário cubano. Ele nasceu em Camaguey, uma província da ilha, no dia 26 de junho de 1909. Eu tive a honra de conhecê-lo neste último verão em Havana. Conversamos longamente e, no dia 29 de julho, eu gravei três horas de sua fala agitada e apaixonante. Entre goles do saboroso Rum Havana Club, fiquei conhecendo um trecho da história recente de Cuba, pelo depoimento pessoal deste homem de 72 anos. Sua mãe foi "mambisa", lutou na guerra da independência, foi condecorada com o Mérito Mambi. Seu pai também foi comandante do Exército nas guerras de libertação nacional contra os espanhóis.

"Minha família não era comunista, lutava pela independência de Cuba, mas meu pai sempre foi antiimperialista, sempre me falou muito mal dos norte-americanos", contou ele. Eu perguntei: "Você é comunista?". "Não, eu não sou comunista", respondeu. "Por quê?", perguntei novamente. "Teria sido, mas não sou comunista", voltou a responder. "Por quê?", insisti. "Bom, não sei, tenho meus méritos, medalhas, certificados, alguns firmados por Fidel, mas nunca me propuseram. É uma honra ser comunista. Eu creio que se a mim fizessem comunista seria a maior honra de minha vida, mas a mim não me importa ser comunista, o problema não é ter um carnê do Partido, mas ter uma atitude na vida comunista, ser um homem digno, sacrificado pela Revolução, fazer qualquer tipo de sacrifício, tanto é assim que, aos 72 anos, eu fundei as Milícias de Tropas Territoriais, ou seja, se hoje vier uma invasão norte-americana, essas milícias vão defender nosso território".

Ele começou a lutar aos 14 anos, participando de uma manifestação antiimperialista, liderada pelo fundador do Partido Comunista de Cuba, Julio Antonio Meia. Era uma passeata que vinha pela Avenida do Prado, em Havana, e ele, menino, passou a ajudar os estudantes a rasgar bandeiras norte-americanas do alto dos edifícios. Foi preso e, como era menor de idade, a polícia mandou chamar seu pai: "Chamaram a atenção de meu pai, pediram que me controlasse, que eu era uma criança. Aí foi que eu comecei. E, durante toda a vida, combati as tiranias que houve em Cuba. Só na de Machado sofri 14 prisões".

Franklin foi torturado e certa vez envenenado pela polícia de Batista, tendo sido solto para morrer. Viveu, foi expulso de Santiago quando jovem, não podia entrar legalmente em várias cidades. Ainda sob Batista, devido a perseguições, teve 72 horas para deixar Cuba. Foi para os Estados

Guerrero: sem carteirinha

Unidos e acabou trabalhando no Consulado Cubano em Nova Iorque, graças à interferência de um irmão, que trabalhava junto à presidência. O próprio Batista disse a seu irmão: "Lá pelo menos ele está tranqüilo, não está conspirando contra nós, nem nada". Ele pertencia ao Partido Ortodoxo, um partido democrático liberal, do qual fazia parte inclusive Fidel Castro, antes de partir para a guerra de guerrilhas. De Nova Iorque, Franklin passou a ajudar todo movimento de oposição a Batista. Sua casa virou um hotel, onde escondia exilados. Dela partiram várias expedições guerrilheiras. Voltou para Cuba em dezembro de 1958, dias antes da Revolução triunfar. Voltou para morrer, pois havia tido um enfarte. Ficou escondido pelos membros do Movimento 26 de Julho em uma enfermaria de mulheres e acabou vivendo. Em 1961, já de armas na mão, ajudava a expulsar os mercenários que tentaram invadir a Praia Girón, e por isso, ganhou uma de suas duas medalhas, firmada pelo próprio Fidel. Hoje está aposentado, mas mantém intensa atividade nos Comitês de Defesa da Revolução e nas Milícias de Tropas Territoriais: "Tenho uma pensão de 140 pesos e 80 centavos (cerca de 22 mil cruzeiros), que para mim sozinho é mais do que suficiente, pois não pago médico, dentista, esportes, quase nada".

— "Você é católico?", perguntei.

— "Sim, sou católico, me eduquei em um colégio de padres. Mas hoje não creio em nada mais que em minha pátria, Cuba, no trabalho, na obra criadora do homem, no socialismo, porque vi tudo o que fez a Revolução Cubana".

— "O que é a pátria para você?"

— "A pátria é meu pai, minha mãe, minha esposa, meus filhos, meus netos, a família, meus amigos, e meus companheiros. Isto é a pátria. Isto tem que se defender, o futuro da pátria e, ter a dignidade de não ter medo de nada. Aqui, nós, os cubanos, não temos medo de nada e por isso o lema nosso é: Pátria ou Morte! Venceremos!".

— "Cuba é uma ditadura?"

— "Cuba é uma ditadura? Quem disso isso?"

— Há pessoas no Brasil que dizem isso. Fidel é um ditador?"

— "Ninguém pode dizer que Fidel Castro é um ditador. Ele é um humanista, porque ele vive preocupado com seu povo, ele vai às massas, não manda ninguém, vai pessoalmente resolver os problemas. Quem diz que Cuba é uma ditadura não conhece a realidade de Cuba".

— "E quando Fidel morrer?"

— "Cuba jamais dará um passo atrás, seja quem for o chefe de Estado. Se sai Fidel, entra Raul, se sai Raul, entra Almeida, se morre Almeida, vem outro e depois virão os jovens de hoje, a juventude que estamos criando, os pioneiros serão os dirigentes nossos no futuro, a juventude comunista. Cuba seguirá sendo um país independente, não tendo que depender de ninguém, absolutamente".

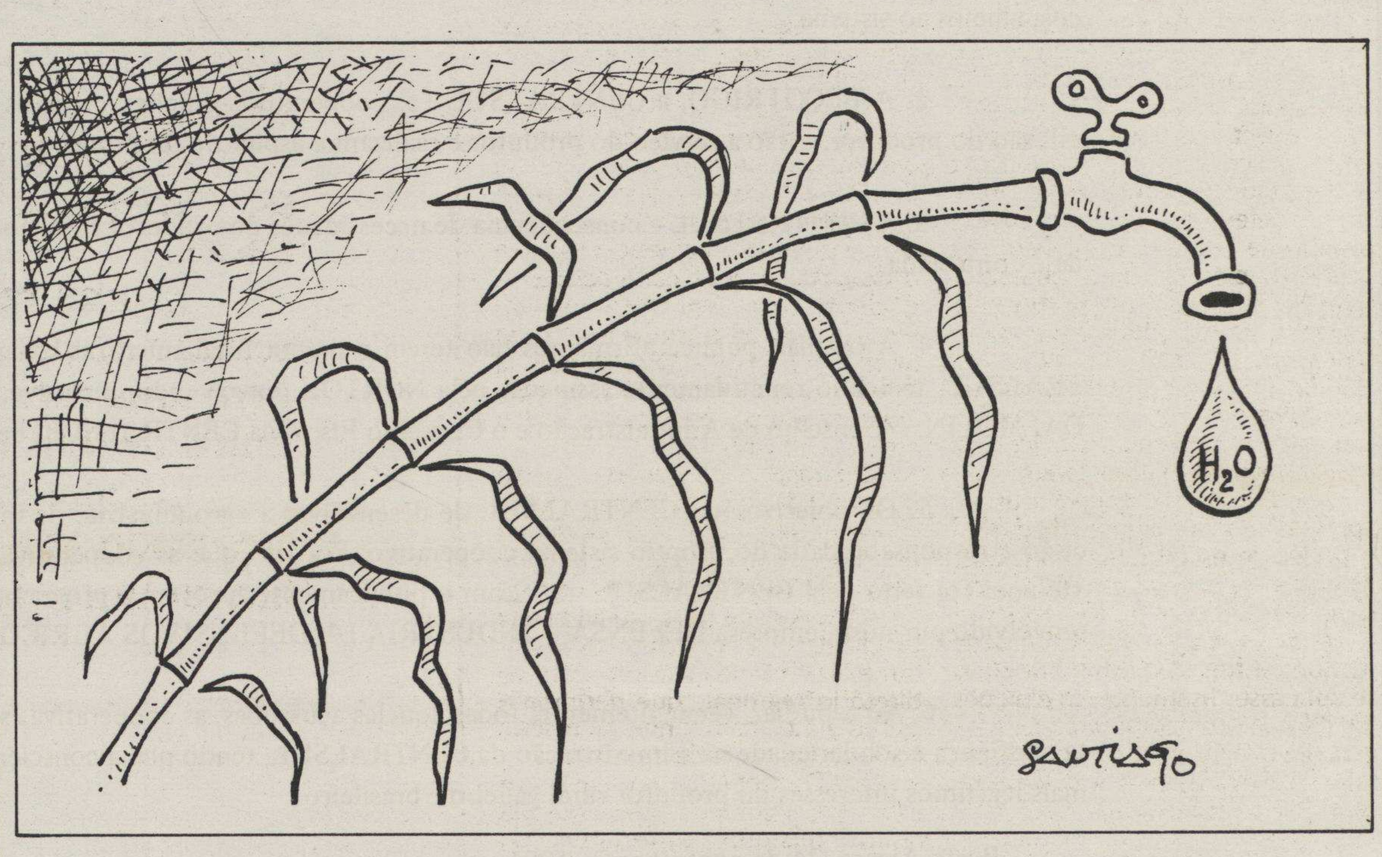
— "Você fala em não depender de ninguém, absolutamente, mas outra acusação que fazem é de que Cuba depende da União Soviética"...

— "Os americanos, quando estavam aqui, diziam que nos ajudavam, mas o que faziam aqui eram investimentos para explorar o operário, o camponês, o intelectual. A União Soviética, eu quero que alguém me diga, que propriedade tem em Cuba? Não tem nenhum investimento e aqui vemos os companheiros soviéticos e de outros países socialistas nos ajudando nas indústrias, na educação, em tudo. Quando os Estados Unidos nos cortaram o fornecimento de petróleo, em 72 horas já estava um barco com petróleo soviético entrando em Cuba. Nunca vimos nenhum soviético querendo ser melhor que ninguém, são carinhosos com as crianças, nas indústrias tratam nossos operários como se fossem irmãos".

— "Como você vê esta questão da Polônia hoje?"

— "Eu creio que lá os dirigentes do Partido, um grupo deles, não trabalharam com as massas. Lá eles têm que mudar e a única mudança que eu vejo é essa: entrar em contato com as massas, fazer o que o povo pede, sempre em benefício da coletividade, não em benefício de um grupo, nem de um partido."

— "Não, nunca, porque o povo aqui está consciente. Aqui, quando você vê uma coisa que está mal feita, imediatamente comunica ao CDR (Comitê de Defesa da Revolução) ou quando se dão as assembléias de circunscrição, como chamamos. Por exemplo, no meu território há uma delegada do Poder Popular Municipal. Em uma venda que eu estava comprando agora, por exemplo, o administrador é gente muito boa, mas não é executivo e, imediatamente, se comunicou isto à companheira. Em 24 horas ele foi substituído. Se precisar, o novo administrador também será substituído, até que venha um que acerte, porque nem todo mundo tem condições para dirigir uma venda. Mas como isto é uma Revolução, há que provar os homens. Se não serve para dirigir uma venda, serve para outra coisa. Aqui você tem a segurança de que o governo será cada vez melhor, porque o povo é quem dirige. Em Cuba não acontecerá o que aconteceu na Polônia, esteja Fidel ou não esteja".



ÁLCOOL

Por que não o densímetro?

O governo finalmente admitiu o adiamento do Proálcool, que entrou em crise em 1981 por falta de verbas para financiar a implantação de destilarias e canaviais. No dia 18 de novembro, num seminário realizado no Parque Anhembi, em São Paulo, o ministro da Indústria e do Comércio, Camilo Pena, disse que a meta anteriormente estabelecida para 1985 (produção de 10,7 bilhões de litros de álcool) será alcançada em 1986, 1987 ou 1988", não importa o ano".

Mas não foi apenas a falta de dinheiro que atrapalhou as previsões do governo. Os consumidores também se mancaram, deixando de comprar carros a álcool. A partir da euforia do álcool ocorrida em outubro de 1980, por causa da guerra entre Irã e Iraque, a indústria automobilística achou que venderia mais carros a álcool do que a gasolina. Durante alguns meses, ninguém queria carro a gasolina. Em janeiro, por exemplo, 58% dos carros vendidos no Brasil eram a álcool. Mas logo depois os usuários começaram a se decepcionar com o desempenho desses veículos e o mercado desabou. Em setembro, o fundo do poço: apenas 7,3% dos carros vendidos eram a álcool.

Para recuperar a confiança do consumidor nos carros a álcool, uma agência de propaganda de São Paulo (Salles Interamericana) lançou uma campanha publicitária de 300 milhões de cruzeiros patrocinada por todos os setores interessados no negócio do álcool: usineiros, fabricantes de destilarias, indústria automobilística e também o governo. A campanha ainda não surtiu efeito, mas os executivos da indústria automobilística acreditam que em 1982 os consumidores vão se atirar um pouco mais nos carros a álcool.

US$ 1 MILHÃO

O atraso do Proálcool não chega a surpreender, pois as metas dos tecnocratas estão furando há vários anos, mesmo quando a economia ia melhor. Agora, sem a pressa exigida para atingir uma meta inviável, o Proálcool provavelmente vai entrar num ritmo mais realista. A produção de álcool vai crescer mais lentamente, a indústria automobilística vai se conformar em vender menos carros a álcool e os consumidores vão fazer cálculos antes de comprar um carro novo. Está provado que o carro a álcool é vantajoso para quem roda mais do que 15 mil quilômetros por ano. Além disso, a TRU é reduzida e pode-se abastecer aos sábados.

Em 1982, é possível que o governo tome providências para acabar com um dos principais problemas do álcool: o "batismo" feito pelos postos de abastecimento, que adicionam água ao combustível, comprometendo o desempenho dos veículos. Atualmente, o Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA) gasta um bilhão de cruzeiros por ano para exercer o controle de qualidade do álcool nas destilarias produtoras. Graças a isso, o álcool sai em boas condições das fontes de produção, mas não há qualquer controle nos postos, salvo se o consumidor denunciar ao Conselho Nacional do Petróleo, que então faz uma vistoria. Para acabar com o "batismo", basta instalar um aparelho chamado densímetro em cada uma das 6.800 bombas de álcool espalhadas pelo país. Não fabricado no Brasil, o densímetro funciona à vista do consumidor e pode ser importado do Japão a 150 dólares cada um. Ou, seja, gastando um milhão de dólares, monta-se um eficiente sistema de fiscalização do álcool nas bombas de abastecimento. Se o governo ainda não mandou importar os aparelhos, não foi para fazer economia.

Geraldo Hasse

DELPHUS®

COMPLETE SUA OBRA DE ARTE
COM UMA MOLDURA
DE ALTA QUALIDADE.

A DELPHUS COLOCA A SUA DISPOSIÇÃO
A EXPERIÊNCIA E A ARTE DE SEUS PROFISSIONAIS.

CRISTÓVÃO COLOMBO, 1.103 - FONE 22.32.32 - PORTO ALEGRE — RS

CANDIDATOS

Três do PDS, ainda meio desengonçados

De domingo, oito de novembro, exatamente até dia 25, uma quarta-feira, entre curiosos, divertidos, mas sobretudo surpresos, os eleitores gaúchos assistiram o partido do governo subitamente estremecer, se debater, se mover como um adolescente desengonçado. Motivo: mesmo que com uma malandragem na origem, surgiu uma proposta democratizante para ser exercitada internamente no partido — o deputado Nelson Marchezan sugeriu que a escolha do candidato do PDS ao governo se desse pelo voto direto de todos os seus filiados.

Embora lançada com o claro objetivo de desmoronar o trabalho até então feito pelo vice-governador Octávio Germano junto aos delegados municipais do partido — que pela lei devem escolher em convenção o candidato — a proposta de Marchezan como que acendeu uma esperança nos escaldados e ainda céticos gaúchos quanto à limpeza das próximas eleições. Afinal, quem fazia a sugestão era um dos mais prolixos defensores do chamado projeto de abertura do governo; a proposta era de uma democratização inusitada no partido do governo nestes últimos longos e tenebrosos 18 anos, e, por conseqüência, como que lançava uma possibilidade de que, como prometia o governo, não haveria casuísmos nas eleições gerais.

Marchezan sustentava que as "prévias" dariam a quem de direito o poder de escolha do candidato: as bases do partido em todo o Estado, sem intermediários. Enquanto se excitava com a possibilidade de que, enfim, o mesmo princípio se aplicasse, lisamente, às eleições de 1982, a opinião pública gaúcha assistiu o partido do governo ensaiar o desembotamento de seus sentidos: o PDS debatia.

FIM DE FESTA

Por um lado, houve uma onda de aplausos à proposta de Marchezan — até o general Figueiredo entrou nela, o que, segundo alguns, era óbvio pois o verdadeiro pai da idéia seria o chefe da Casa Civil da Presidência, Leitão de Abreu. Mas houve, também, uma nota insistentemente contrária, a de Octávio Germano, que argumentava ser a eleição direta entre todos os filiados um desprestígio aos delegados municipais, e um fator de atraso para a escolha do candidato.

Esta nota discordante — a que se juntaram os deputados Pedro e Geraldo Germano, irmãos do vice-governador — tentou se tornar mais forte, oscilou contra a maré e acabou refluindo. Mas se transformou numa contra-proposta: como são três os pretendentes à indicação — além de Marchezan e Germano o ministro Jair Soares —, os dois derrotados concorreriam em sublegenda ao senado.

A resposta de Marchezan a Germano variou entre a brutalidade — "nós não estamos num concurso de miss Brasil, para mandar a que ganha para Long Beach e a que perde para a Inglaterra. Estamos escolhendo o candidato a governador, e ponto final" — e a conciliação: "trata-se de outro gesto digno de elogios, o de permitir que o seu nome (de Germano), além de ser examinado para o governo, o seja, em segunda hipótese, para o senado".

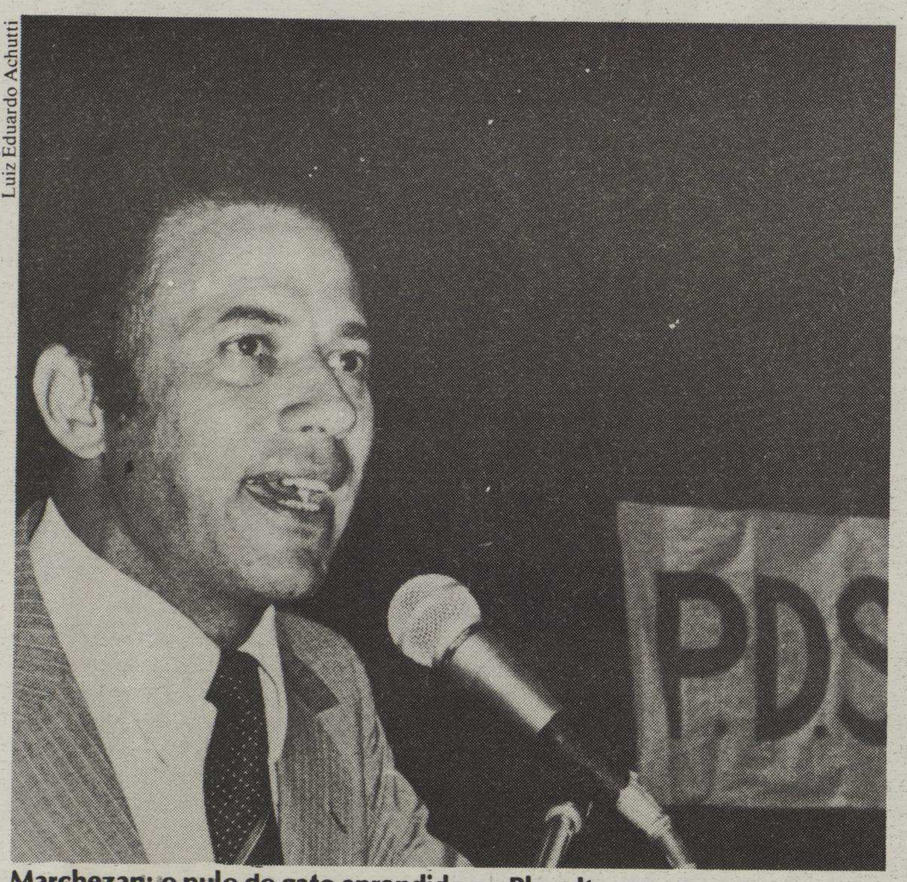
O ministro Jair Soares apressou-se a entrar na briga. Embora em exílio voluntário do Rio Grande do Sul — passou quase quatro meses sem vir ao Estado, agastado com a crise da Previdência Social e o desgaste de sua candidatura — declarou, em entrevista por telefone: "não tem problema. Topo qualquer jogada". Dias depois já desfilava pela Praça da Alfândega, onde engraxou os sapatos e deu esmola a um mendigo.

Reforçado na parada, e há quem diga já acertado numa "dobradinha" com Jair, Germano ironizaria Marchezan: "ele tem razão. Se fosse para participar de um concurso de miss, eu não seria candidato". E concluiu apresentando por escrito sua proposta ao diretório regional, que definiria a estratégia da campanha sucessória em reunião a sete de dezembro.

O PDS debatia, ensaiava um jogo democrático. Mas duraria pouco qualquer expectativa do eleitorado de que isso refletisse uma intenção realmente democratizante do governo. No final da manhã de quarta-feira, 25 de novembro, o general Figueiredo rompia as negociações com a oposição e anunciava o brutal pacote eleitoral — que proibindo as coligações, vinculando o voto em todos os níveis e obrigando a apresentação de candidatos a todos os cargos, surgiu com um rolo compressor que se pretende passar sobre as aspirações de abertura da nação.

Alexandre Gruber de Castro

Luiz Eduardo Achutti



Marchezan: o pulo do gato aprendido no Planalto

Jorge Meditsch

Jair, pelo telefone, "topo"...

Luiz Eduardo Achutti

...e Germano, uma dobradinha?

Traga a sua força e participe.

A experiência da Cotrijuí nasceu da união de apenas 23 pessoas. Hoje, passados 24 anos, as idéias do cooperativismo, colocadas em prática por aquele grupo, criaram um universo em modificação.

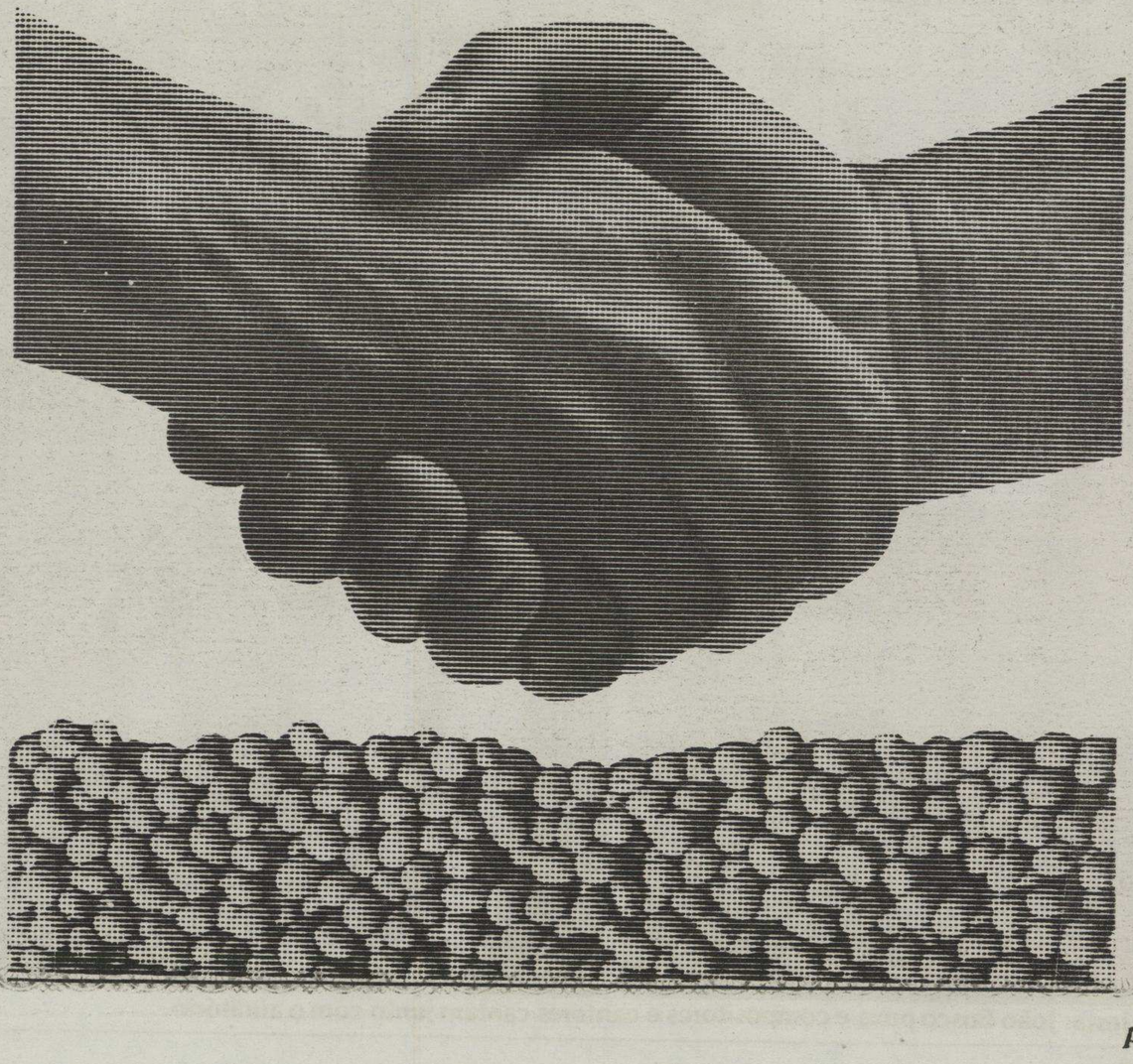
A Cotrijuí tem hoje mais de cento e vinte mil pessoas que se beneficiam diretamente de suas atividades.

É uma realidade que se consolida, atingindo sempre novos setores da produção, buscando também uma melhor forma para comercializar os produtos de seus associados.

Cooperativismo é isso: você junto aos outros, crescendo sempre. Traga-nos a sua força e vamos buscar uma vida melhor para todos.

COTRIJUI

A mão
e a idéia do homem.



Luiz Eduardo Achutti

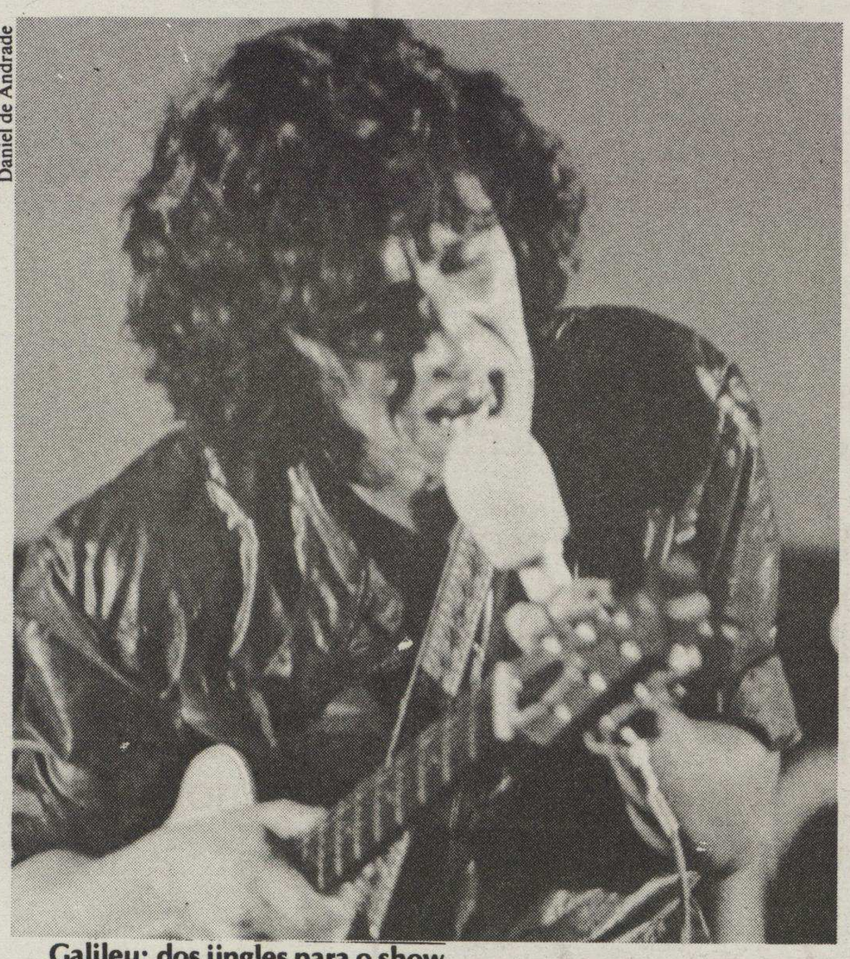
Sérgio Ricardo: conquistou a jovem platéia com antigos sucessos

Luiz Eduardo Achutti

"Vamos arrumar o time, pessoal!" E alguns músicos gaúchos "posaram".

Nossa festa

Daniel de Andrade



Galileu: dos jingles para o show

Programações de cinema, teatro, audiovisuais, sessão coletiva de autógrafos de uma dezena de escritores em praça pública durante a Feira do Livro, homenagem ao Barão de Itararé e uma grande festa musical no auditório Araújo Viana marcaram, em Porto Alegre, o 6º aniversário do **Coojornal.**

Em vez de simplesmente um show, foi uma festa, na qual confraternizaram mais de 40 músicos e compositores convidados (1). O gaúcho Jerônimo Jardim abriu o espetáculo às 21h30min e o mineiro João Bosco, cercado pelos outros músicos no palco, encerrou a uma meia da madrugada. Três mil pessoas cantaram e dançaram.

(1) *Músicos, compositores e grupos musicais que participaram da festa do dia 17 de novembro: Jerônimo Jardim, Talo Pereyra, Hique & Sá Brito, Giba-Giba e Toneco, Pery Souza, Nelson Coelho de Castro, Sérgio Ricardo, Zezinho Athanásio, Geraldo Flach, Cao Trein e banda, Galileu Arruda, Léo Ferlauto e banda, Mutuca Weyrauch, Bebeto Nunes Alves, Vitor Ramil e João Bosco e banda.*

Daniel de Andrade

Bebeto: "Kraft, é kraft mesmo! Um negócio tri-violento".

Luiz Eduardo Achutti

Fim de festa: João Bosco puxa e compositores e cantores cantam junto com o auditório.

POLÍCIA

A briga por 60 mil votos

O contigente eleitoral não é nada desprezível. São seis mil policiais civis em atividade no Rio Grande do Sul, outros tantos inativos e seus parentes e pessoas influenciáveis que, somados, atingem cerca de 60 mil votos. São esses votos que nas últimas eleições conduziram o delegado Cícero Viana e o coronel Pedro Américo Leal à Assembléia Legislativa gaúcha pela Arena, e podem eleger o delegado Jair de Souza Pinto, deputado federal pelo PDS. Aliás, Viana e Leal não apenas dividem os votos da polícia como são os marcos referenciais das duas facções que disputam o poder na Secretaria de Segurança.

Mas para 82, já se apresentaram dois candidatos da oposição dispostos a conquitar fatias do eleitorado policial: o delegado Augusto Serrano dos Reis, pelo PDT, e o comissário Álvaro Novais Junior, pela legenda do PP. Serrano dos Reis confia na tradição petebista pré-64 na polícia, mas como ele mesmo confessa, é um trabalhista recente. Antes de 64, votava no PSD, mas há três meses foi convidado pelos deputados Alceu Collares e Aluizio Paraguassu para concorrer pelo partido de Brizola. "Eu pensei muito, mas só resolvi aceitar depois das mudanças ocorridas na Polícia no início de novembro, quando uma parte da cúpula foi substituída devido às brigas contra a Justiça".

Ele pretende ser um representante da Polícia no parlamento e fazer sua campanha eleitoral baseada nas reivindicações dos funcionários policiais. "Caso eleito, minha primeira medida será patrocinar um diálogo entre a Polícia e a Justiça, pois como está não é possível continuar", diz Reis, referindo-se à greve branca da Polícia que há quatro meses decidiu apenas cumprir a lei, ou sejam, só prender em flagrante ou com mandado judicial, como represália à investida da Justiça contra as prisões ilegais. Quanto ao aumento da violência urbana, ele explica: "A causa é o agravamento da situação social e do desemprego".

Já o comissário aposentado Álvaro Novais Junior, presidente da comissão provisória gaúcha do Partido Democrata Republicano, da deputada Sandra Cavalcanti, pretende defender as bases da polícia. Ex-censor de diversões públicas e ex-suplente de deputado pelo PSD, ele não teme concorrer contra Viana, Leal e Reis: "Eles são caciques e eu sou índio". Novais concorrerá pelo PP, graças a um acordo firmado com Sinval Guazzelli, enquanto seu partido não se viabilizar.

"O maior problema da polícia gaúcha é o vencimento básico, que pode ser apontado como a principal causa de deslizes cometidos por funcionários", diz Novais, que defende "uma polícia sadia que conquiste a confiança da população". Mas sua campanha não ficará restrita aos problemas específicos dos colegas, "afinal o policial tem família e sofre os mesmos problemas do resto da população, como custo de vida, inflação e falta de democracia para reivindicar seus direitos". **(R.G.)**

Não chame de ruínas. Chame de raízes.

O que se plantou aqui,

deu frutos aqui.

Aqui se ergueu o primeiro sistema cooperativista do Brasil. Sete Povos das Missões. Uma sociedade coesa, que trabalhava, vivia em função da união. Que lutou unida.

O tempo passou e deixou suas marcas. Mas as sementes aqui plantadas floresceram, deram seus frutos.

Hoje, esta mesma terra abriga uma das maiores cooperativas do Brasil. A COTRISA.

São mais de 13 mil associados no Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul. Uma comunidade, com mais de 60 mil pessoas.

Que produzem, que crescem com a sua cooperativa.

Que construíram e vão perpetuar o nome COTRISA. Apenas este ano estarão sendo recebidas 400.000 toneladas de grãos, para uma capacidade de armazenamento de 500.000 toneladas.

O volume de vendas atingirá a soma de 10 bilhões de cruzeiros, o que resultará num recolhimento de ICM na ordem de 550 milhões de cruzeiros.

Ao todo são 135.000 m^2 de área construída e um patrimônio de 4 bilhões de cruzeiros. Dados que comprovam toda a força da união.

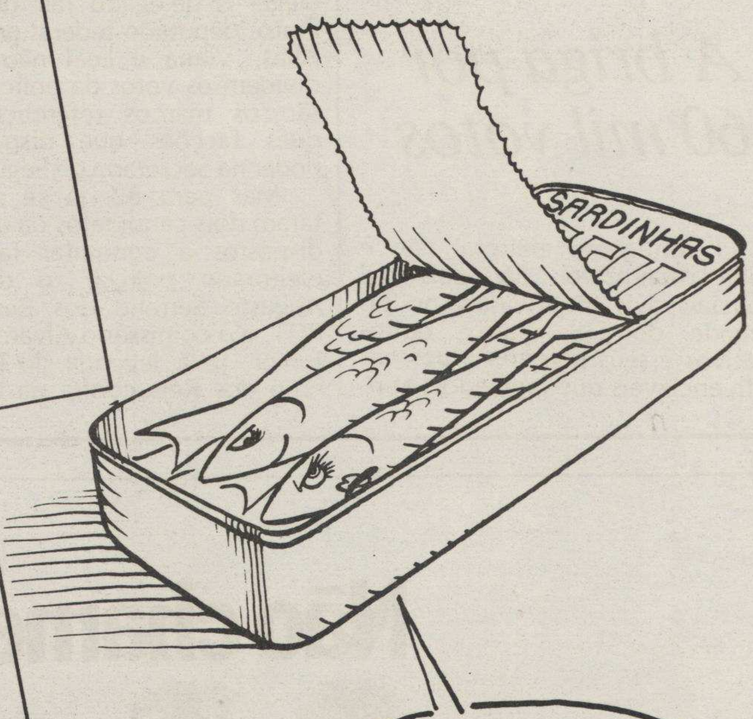
A força de uma Cooperativa.

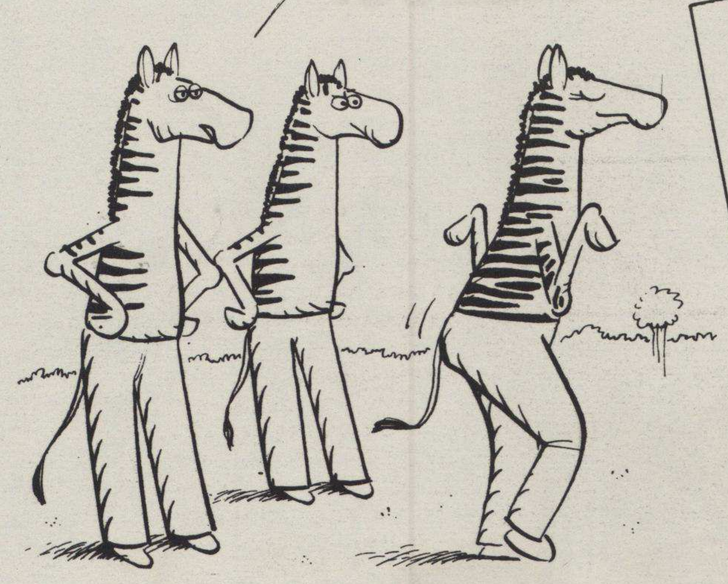
25 ANOS
COTRISA
Cooperativa Tritícola Regional Santo Ângelo Ltda.
Há 25 anos acreditando no homem e no trabalho.

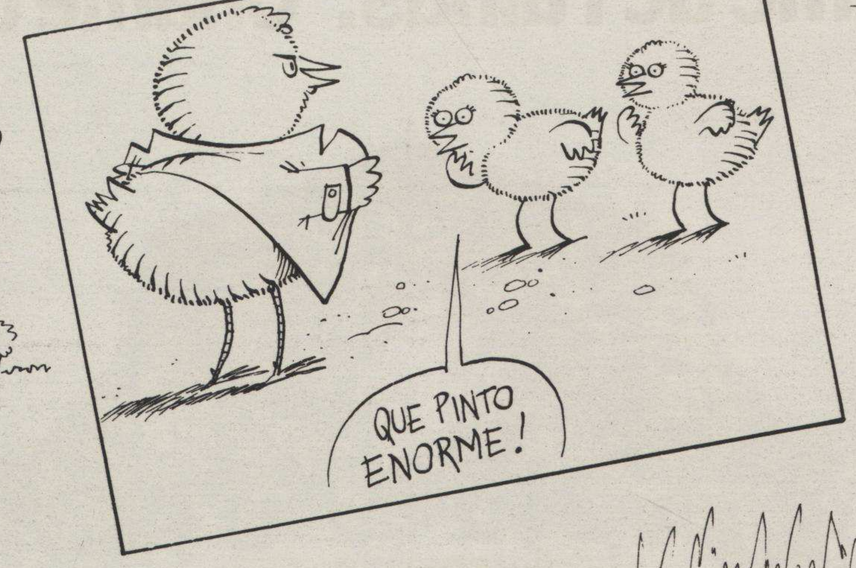
juska&fraga

ABRE AS PENAS, CORAÇÃO.

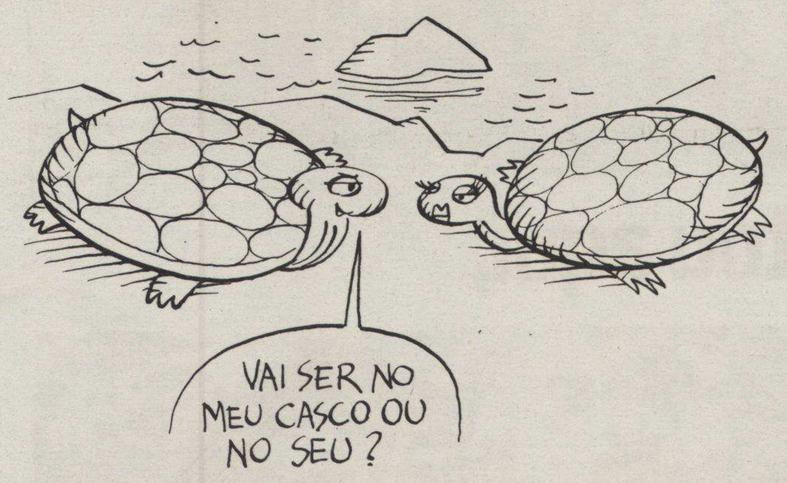
DEVAGAR, QUERIDO...

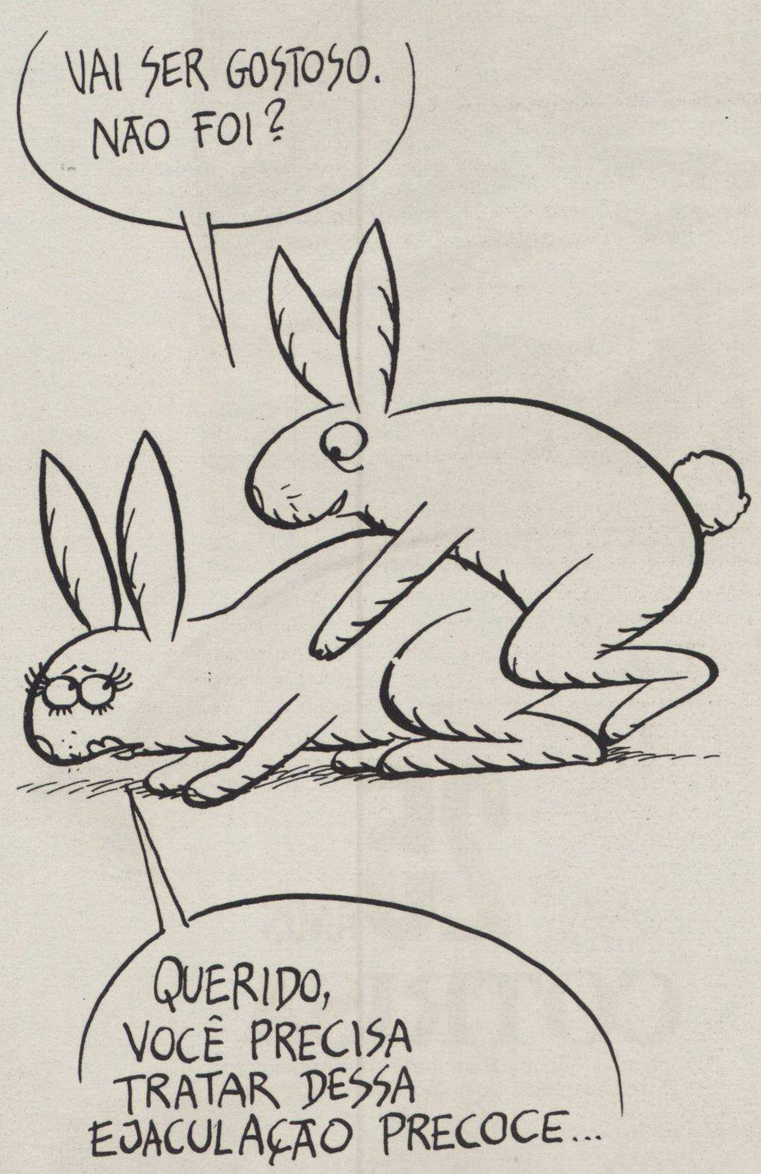

SARDINHAS
VOCÊ ESTÁ SE APROVEITANDO DA SITUAÇÃO...

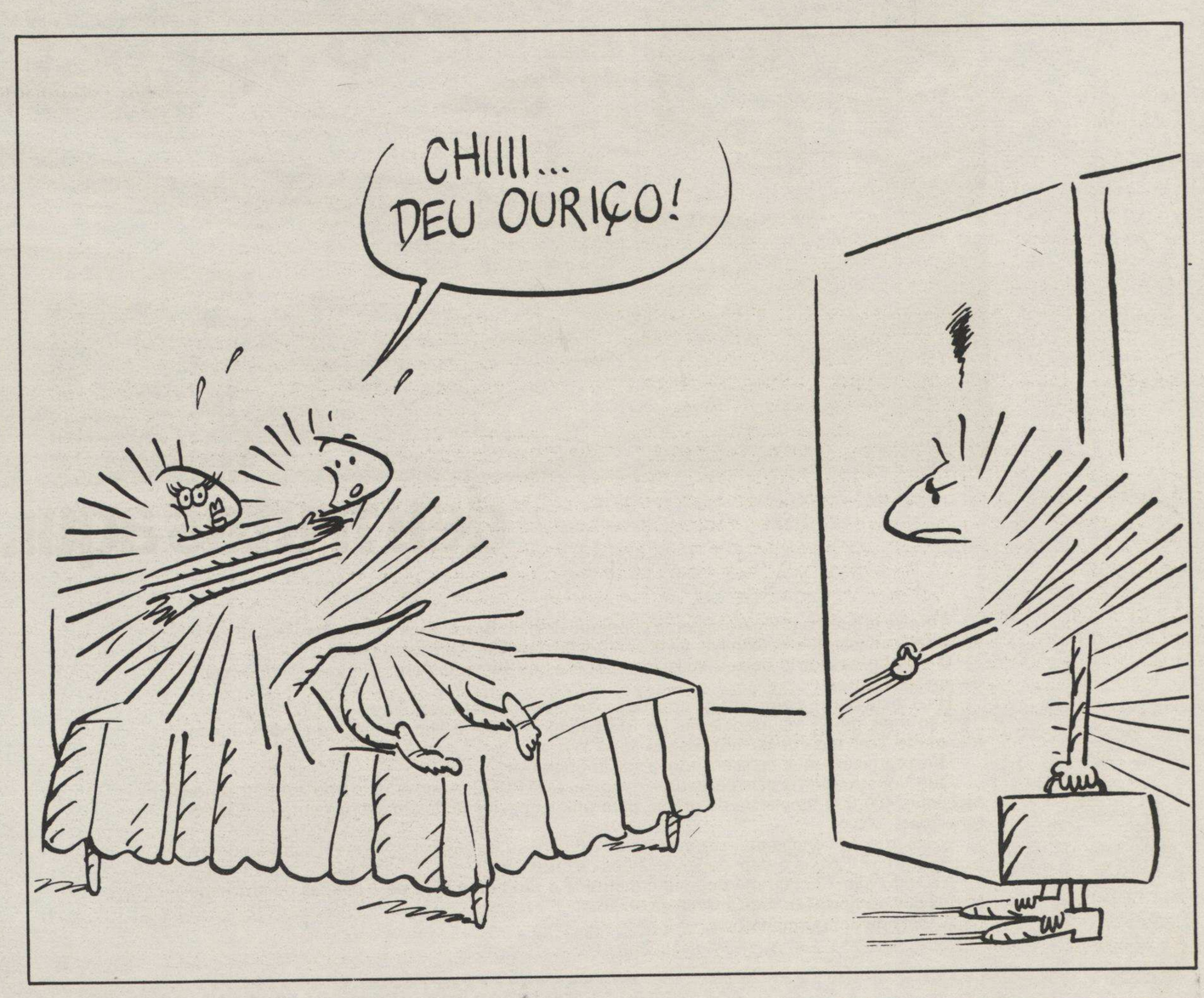

PRA MIM ELE É COLUNA DO MEIO...


QUE PINTO ENORME!

DEIXA EU VER A TUA PERERECA?


VAI SER NO MEU CASCO OU NO SEU?


VAI SER GOSTOSO. NÃO FOI?
QUERIDO, VOCÊ PRECISA TRATAR DESSA EJACULAÇÃO PRECOCE...


CHIIII... DEU OURIÇO!

O CORPO E O MARXISMO

Não houve quem não pressentisse o confronto entre as duas concepções da esquerda, a clássica e a odara, logo na primeira mesa-redonda do Décimo Congresso Nacional de Comunicação Social, em Florianópolis. A temperatura política subiu quando o jornalista e escritor Paulo Schilling, ex-secretário nacional da Frente de Mobilização Nacional em 1964, ao tratar do tema "Imperialismo Cultural e Juventude", investiu duramente contra "os orientalismos que invadem o Brasil", a política do corpo e a discussão das drogas. Para Schilling, seriam todas discussões que "estariam distraindo o jovem brasileiro e afastando-o das questões prioritárias". Foi aplaudido com entusiasmo e recebeu adesões inflamadas da platéia de 400 pessoas. Com isso, a previsão do tempo era de chuvas de pedras sobre o conferencista mais aguardado, Fernando Gabeira, que participaria de mesa-redonda justamente sobre "política do corpo", coordenada pela psicóloga Ana Verônica Mautner, da Universidade de São Paulo. Schilling já convidara a produtora teatral e atriz Ruth Escobar para "desmascarar o Gabeira". Ruth acabou não aparecendo. Schilling levou a discussão para os rumos ideais da esquerda brasileira. A coordenação se esforçou, mas a discussão acabou centrada na figura de Gabeira. Aqui publicamos os principais momentos do debate, acompanhado pelo repórter* Ayrton Centeno.

Tarcísio Mattos

Schilling repreende Gabeira; a platéria não concorda

Ana Verônica Mautner — A revista *Time* fala esta semana do corpo. É sua matéria de capa. De repente, todo mundo — rádios, TVs, jornais — falam do nosso corpo que era uma coisa que fazia um discurso mudo, do qual a gente só falava quando doía. Creio que tudo faz parte de um processo para valorizar uma vida mais consciente. Vai-se a extremos de consumir este corpo, o que não significa que ele não deva ser objeto de nossa reflexão...

Fernando Gabeira — Oi, gente. Tudo bem? Não gosto de falar neste estilo: eu falando e as pessoas ouvindo. Já me despreparei para isso. Podem me interromper no momento que quiserem. Não tenho nenhuma definição de política do corpo, mas pode até pintar aqui. Até que ponto a vinda de vocês aqui não é uma mensagem de seu próprio corpo?

O capitalismo é o sistema que mais oprime o corpo, dilacerando-o em vários níveis. Mas não se contenta com isso. Ele fornece saídas ilusórias para esta questão. Hoje desenvolve uma imensa indústria destinada a cumprir esta recuperação do corpo que ele mesmo nega. Nos Estados Unidos, esta indústria já envolve 30 milhões de dólares por ano. Só em tênis, os americanos gastam um milhão de dólares. Em operações plásticas, dois milhões e, em dietas, quatro milhões de dólares. Mas ninguém vai desenvolver uma política do corpo que ignore que 40% da nossa população é subnutrida, que temos o recorde mundial de acidentes de trabalho.

Se a gente ignorar o corpo do trabalhador e do marginal cairemos na velha mistificação burguesa que identifica o homem com o burguês. Quando estivéssemos falando do corpo do homem estaríamos falando do corpo do burguês. O corpo é uma coisa social que não pertence só a nós.

A primeira tentativa de definir uma política do corpo seria que ela não deve passar pelo capitalismo. Deve ser liberação de perspectiva socialista e humanista. Marx e Lênin não falaram do corpo como nós precisamos falar. Não posso deixar de falar as coisas só porque elas não estão nos livros. Temos que inventar. Proponho algumas medidas estratégicas, que seriam socialistas, para recompor uma tragédia fundamental da nossa civilização: a divisão entre corpo e espírito...

A própria escola é um processo repressivo do corpo e é preciso acabar com isso. Há pouco vi um filme que mostrava a diferença entre o comportamento da criança na favela e na escola. Na favela, elas brincam com uma alegria — correm, voam — que não existe na escola, onde estão de mãos dadas. No olhar delas para a professora, sentadas na carteira, existe toda uma tristeza corporal...

Platéia — Eu quero fazer uma pergunta, mas não sei se posso porque não faço comunicação (Risos). Eu queria que você, Gabeira, falasse sobre corpo e marxismo...

Ana Verônica Mautner — A situação está ficando desagradável... Eu não tenho nada contra o Gabeira, mas também não tenho nada contra os demais colegas de mesa... Eu também quero ouvir o Gabeira, sou macaca de auditório dele, (Risos) mas também quero ouvir os outros (Vaias e aplausos).

Fernando Gabeira — Existe hoje consciência de que é necessário recuperar o corpo perdido na sociedade capitalista — perdido no espaço urbano, no processo de produção. Alienado ou não, este processo existe. Isto coloca para os marxistas a seguinte questão: vamos responder a esta realidade com uma política ou vamos dizer que é tudo invenção da burguesia?

A última vez que aconteceu isto foi no caso da cibernética. Stalin dizia que a União Soviética não deveria adotar a cibernética porque, para ele, tratava-se de uma invenção do imperialismo. Hoje os soviéticos são altamente dependentes dos computadores japoneses e americanos. Hoje, fala-se que entrar na discussão do corpo é entrar no espaço de discussão que a burguesia propõe. Não é verdade. Basta olhar para a questão da mulher para ver que a luta é antiga. Na Idade Média, ela já dizia "Meu corpo me pertence"... As duas mulheres mais queimadas eram a religiosa que pirava e a feiticeira. A bruxa não era mais do que a mulher que recusava o padrão de feminilidade da época...

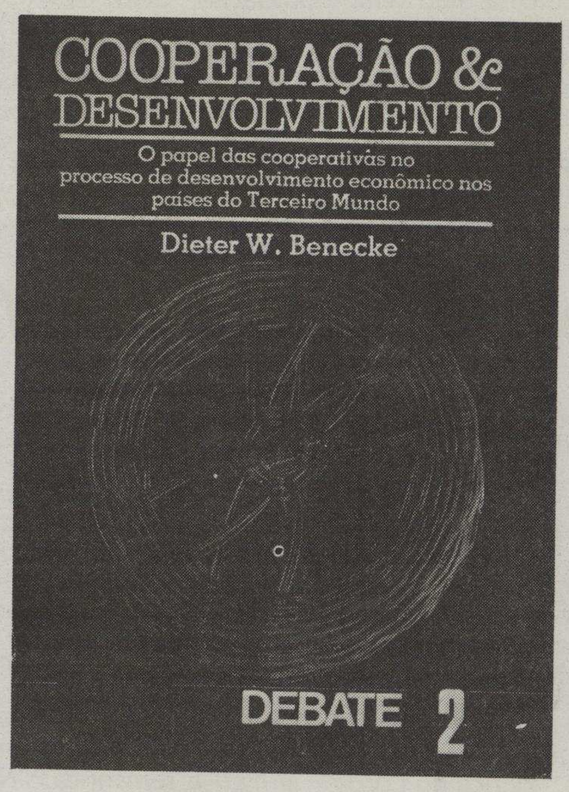
»

* O Décimo Congresso Nacional de Comunicação Social foi realizado em Florianópolis, no final de outubro e início de novembro. Promovido anualmente pela União Cristã Brasileira de Comunicação Social, o congresso desta vez foi organizado pelo Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina e reuniu cerca de duas mil pessoas. A mesa-redonda "Política do Corpo" teve ainda a participação dos professores Maria Helena Weber, da UFRGS, Renato Ortiz, da UFMG, e Manoel Berlinck, da Unicamp .

As cooperativas nos países subdesenvolvidos

O que uma cooperativa pode fazer na economia de um país do Terceiro Mundo? As cooperativas podem realmente contribuir para a mudança de estruturas econômicas? "Cooperação e Desenvolvimento" é um raro livro sobre o papel das cooperativas, analisando estes assuntos em profundidade. São 240 páginas de informação e análise sobre a importância deste sistema econômico para a estratégia de crescimento de um país como o Brasil.

O autor, Dieter W. Benecke, aprofunda estudos sobre a economia dos países em desenvolvimento; o que se pode esperar das cooperativas neste processo; os fatores positivos e negativos da atividade cooperativa; o Estado controlador da atividade cooperativa; a busca de novos caminhos para superar o fracasso da política de desenvolvimento nos países capitalistas e socialistas.



Uma co-edição COOJORNAL e ASSOCENE

Preencha o cupom anexo e remeta-o junto com vale-postal ou cheque, para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre — Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — 90000 — RS.

Solicito enviar...exemplar(es) do livro "Cooperação e Desenvolvimento", ao preço unitário de Cr$ 500,00 cada.

Nome:_____

Endereço:_____

Cidade:_____

Estado:_____ CEP:_____

"O Brasil pode ser no século 21 o que a Rússia foi neste"

Gabeira — Tenho procurado mostrar que o problema do corpo não é, como a esquerda coloca, uma distração das questões principais. Ele sempre esteve presente no Brasil. A gente não vê porque temos uma visão muito portuguesa, muito branca da história do Brasil. Houve uma rebelião escrava em 1789, em Itabuna, na Bahia, e seus líderes, impuseram uma condição para assinar a paz com os senhores: "Queremos o direito de cantar, brincar e dançar sem sermos perturbados". O negro nos mostra que sempre houve uma resistência corporal no Brasil. É um dado fundamental do orgulho e da capacidade de luta deles. O corpo e o espírito, divididos pela Igreja Católica, não são separáveis. É preciso resgatar a história da resistência corporal brasileira e começar a construir uma concepção de política do corpo que pode ser uma contribuição do Brasil para o século 21. Porque há uma possibilidade de que o Brasil seja no século 21 o que a Rússia foi no século 20. Para isso não podemos pretender levar para o próximo século a revolução do século 20. Para isso temos que integrar corpo e espírito, fazendo uma revolução ao mesmo tempo econômica, política e cultural. Eu estou certo de que assim, talvez pela primeira vez, faremos uma inserção inédita na história da humanidade...

...Os marxistas estudam a história através da luta de classes, mas muitas vezes, ao lado desta, uma micro-história está se desenvolvendo sem que a gente veja. Um dos dados fundamentais da política do corpo é a palavra de ordem das mulheres: "O nosso corpo nos pertence". Coloca a questão do aborto, o seu direito de interromper a gravidez. E nós vimos que, no Brasil, as mulheres são punidas corporalmente por desobediência ao marido... Assim como as sociedades entram em guerra quando não conseguem resolver politicamente os seus problemas, o macho também mata quando não consegue resolver politicamente a manipulação que exerce sobre a mulher. Mas já se conseguiu fazer — e isso é uma política do corpo difusa — com que o castigo físico deixasse de ser uma coisa doméstica para ser pública, saindo das páginas policiais para as de política. Não é um avanço grande, mas é algo.

Quando cheguei ao Brasil as pessoas riam de mim quando dizia que, na Suécia, o limite legal para fazer o amor é 14 anos. "Com 14 anos?", interrogavam.

É claro que são lutas que não derrubam o sistema, mas tem a ver com a felicidade das pessoas. E, muitas vezes, os revolucionários clássicos pedem que esqueçamos estas lutas esperando a vitória final. Mas daí a gente espera 70 anos para ter um orgasmo... (Risos)

O problema é de pensar aqui e agora uma política socialista do corpo. Por exemplo, o nascimento. A gente vem ao mundo desumanamente. As mulheres são roubadas de uma experiência fundamental, a de parir, pôr um filho no mundo. Através de uma técnica científica imperialista elas são anestesiadas naquele momento. E existe o parto de cócoras em que mulher e filho são agentes. É preciso contestar a violência do processo de nascimento. Que nossos filhos sejam bem recebidos, que não sejam espancados como são, que cheguem na penumbra. Temos que pensar como esta maneira de vir ao mundo influi na nossa vida e quais as possibilidades políticas de mudar esta experiência.

Outra questão é a da morte. A gente não transa a morte na nossa cultura. A morte do Franco é um exemplo. Daí vocês diriam: isto nunca existiu. Nenhuma sociedade questionou o seu parto. Mas nós estamos no Brasil, uma sociedade nova, por que temos que imitar o jeito deles nascerem? Por que temos que fazer as coisas que já foram feitas? E o caso do Jarbas Passarinho e do pensamento conservador. Ele acusava os padres de quererem criar no Brasil um socialismo cristão e dizia: "Não vão criar um socialismo cristão porque isto nunca existiu na história". O pensamento conservador é exatamente isso. Ele propõe a reflexão mecânica, a morte, a ausência do inédito. A política do corpo pode ser um caminho novo para fortalecer uma perspectiva socialista democrática. E por que fugir a ela? Fugir como se fugiu da cibernética? Fugir como se fugiu do *rock'n roll,* dizendo que era uma coisa do imperialismo, quando no rock existia uma série de componentes de rebeldia da sociedade americana? Fugir como se fugiu do movimento negro, dizendo que é de elite? Como se fugiu do movimento das mulheres?

"Marx teria vergonha de nós se não criássemos algo novo"

Platéia — ...Eu acho que a política do corpo deve ser debatida. Mas a gente não é tão ignorante assim para fazer um transporte mecânico da realidade da Rússia, por exemplo, para a realidade brasileira... Uma coisa tem que ficar clara: para Marx e Lênin, a questão era a luta de classes. Não se pode escamotear. Como é que você pode falar para um operário ou operária a questão do corpo, do parto de cócoras se eles vivem na linha de montagem... Como é que um homem vai acompanhar a gestação, a criação de seu filho, se esta na favela, submetido a miséria? Se gasta quatro ou cinco horas no transporte coletivo? Como é que ele vai discutir questão de corpo? Colocar esta questão é fazer o papel da burguesia. É preciso priorizar a luta de classes. Isso é entravar a discussão do socialismo... (palmas e vaias)

Fernando Gabeira — Foi bom que a gente começasse a discutir. Eu peço licença para criticar o Marx e o racionalismo europeu a partir da minha perspectiva. Neste meu último livro, eu falo deste tipo de perspectiva que fala da alienação e esquece o indivíduo na figura de Louis Althusser, o filósofo mais importante do marxismo que previa, a partir da luta de classes, um desenvolvimento científico para a história. E este homem estrangulou a própria mulher. Eu tenho razões para criticar o Marx e o marxismo. Eu não sou uma pessoa a mais que fica sabendo do que eles dizem e aplicando aqui. A gente pode inventar. Eu quero dizer a você, amigo, que não escamoteio a luta de classes em momento algum. Ela poderia se apropriar da luta pela libertação do corpo e não fez isso. Veja só: em 1973, tivemos 13 mil mutilados e 130 mil acidentes de trabalho, o recorde mundial. Por que não se apropiar disso e dizer que política do corpo é também colocar as questões do acidente de trabalho?

O problema não é dizer que o Marx não falou e ficar defendendo o Marx. Assim você está atacando o Marx. Senão a gente fica naquela assim: "No versículo tal não tem, mas no outro..." O nosso negócio não é com o texto escrito, é com a realidade. O Marx teria vergonha de nós se não pudéssemos criar uma coisa nova com base no que ele fez. (Palmas)

Os marxistas insistem em dizer que eu esqueço a luta de classes... Eles são conservadores neste ponto. Mas é a burguesia que oprime nosso corpo. Não podemos brigar entre nós. Existem dois *fronts:* político-econômico e o sexual. A divergência não é entre nós. E o caminho não é dizer o que cada um vai fazer do seu corpo. Vejam, por exemplo, a briga que tenho com a questão do bissexualismo no Brasil. A tendência da imprensa burguesa é dizer o que você vai fazer do seu sexo. As pessoas dizem: "Você vem propor pra nós o bissexualismo". Eu falo da minha sexualidade. Cada um na sua. Temos que nos libertar do jugo dos sexólogos. Eu proponho que inventemos o nosso sexo, a nossa vida. E isto é diferente. Proponho que a gente invente a nossa revolução. Dentro desta revolução eu dou uma grande importância ao corpo, onde estão escritas todas as repressões da sociedade. Por que eu não mexia com o meu ombro ou a minha bunda? Porque o homem, na nossa sociedade, não pode mexer com o ombro ou a bunda. Por que as mulheres sentam com a perna cruzada? Porque desde pequenas elas são obrigadas a sentar assim para não mostrar a xoxota (risos). São partes do nosso corpo que vão morrendo. O nosso corpo foi deserotizado. Certo, foi deserotizado pela produção, pelo capitalismo, mas foi deserotizado. Reconquistar nosso corpo é também uma tarefa revolucionária, um enriquecimento da luta de classes.

Existe uma correspondência muscular dos danos psicológicos que sofremos na infância. E é preciso que nos transformemos em revolucionários muito mais amplos... Eu luto para que o marxismo incorpore a bandeira das liberdades individuais, não deixe que a burgueisa faça isso. Luto também pela legalização do aborto. Não digo que toda mulher deve abortar. Quero uma lei para regulamentar a situação de três milhões de mulheres que fazem aborto anualmente no Brasil, sujeitas às mais difíceis condições. Por que fazermos uma política de avestruz?...

"Como é que vou falar de política do corpo com a peãozada"

Renato Ortiz — ...Nesta questão da política do corpo em determinados momentos eu me aproximo e noutros me afasto do Gabeira... Me afasto quando ele propõe isto como uma bandeira política... Não vejo como um partido pode inserir esta questão no seu programa... Lem
mesmo avião
se manifestou
perguntou: "A
do corpo?" D
depois, ele q
como é que
peãozada?"

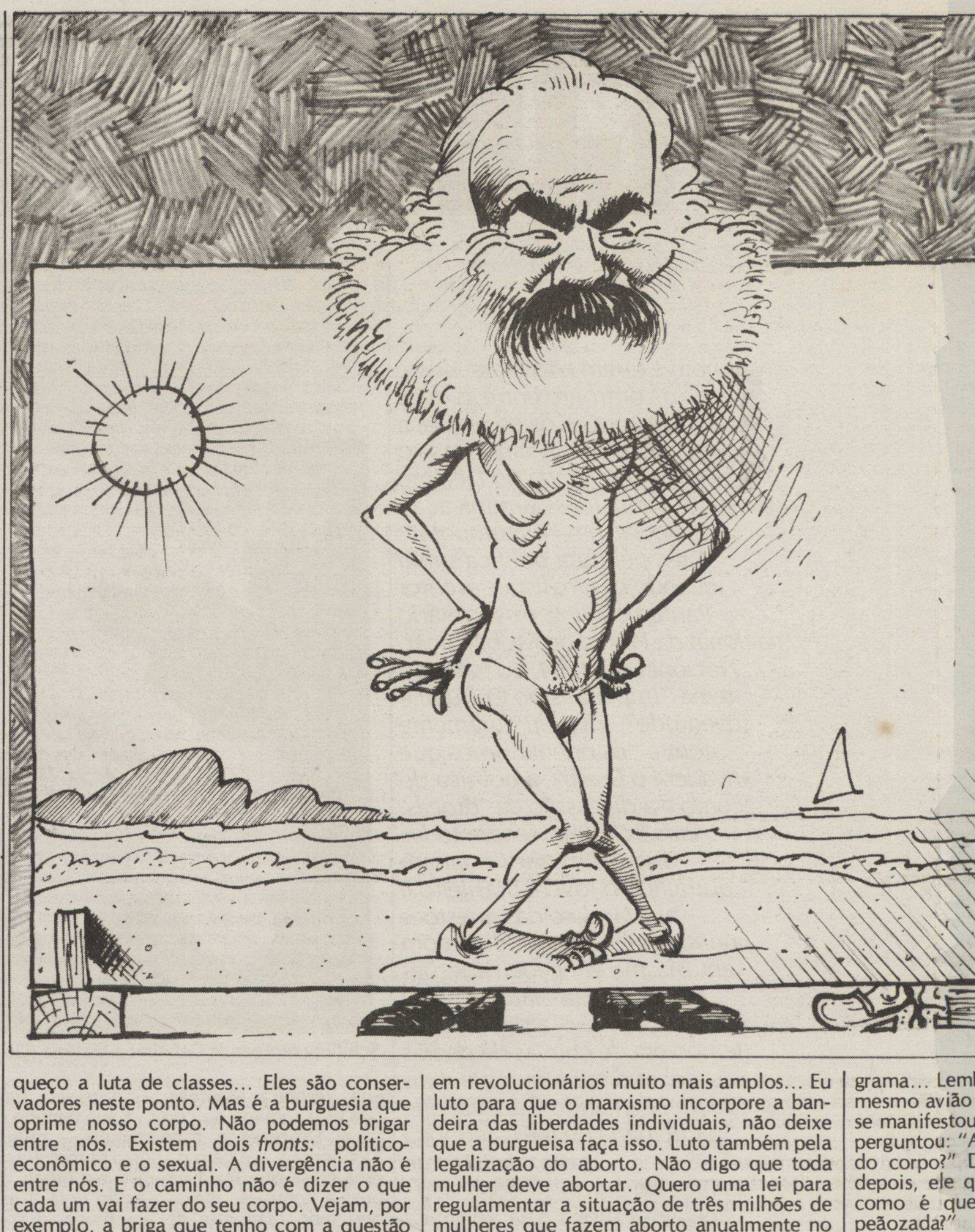
Fernando Gab
tenha dificul
corpo com
sobre isso co
Paulo e elas m

Platéia — So
corpo é levar
plora a força
corpo. Um p
máquina...

Fernando Gab
pouco de tesã
corpo da bu
cadeias: *todo*

Platéia —...é
operário não
máquina, uni
da burguesia.

Fernando Gab
o operário a



Tarcísio Matos

Berlinck: "Não se fala em braço para lavoura? Evasão de céreb

A fragmentação do corpo vivida na favela

Política do corpo na favela? De certo modo, este é o trabalho do sociólogo Manoel Berlinck, da Unicamp, junto a sete crianças abandonadas da Vila Progresso, um amontoado de 60 barracos na periferia de Campinas. Berlinck, ligado à Assembléia do Povo, uma associação de moradores que luta para garantir a posse da terra aos favelados, estuda o que chama "representação fragmentada do próprio corpo".

Trocando em miúdos, isto significa que esstes seis meninos e uma menina — filhos de uma prostituta que os abandonou e de pais diferentes, vivendo de biscates, sozinhos num barraco e todos armados — não possuem uma visão completa de si mesmos. E por quê? "Porque — explica Berlinck — desde cedo elas foram submetidas à violência e à arbitrariedade".

Um exemplo disso: Berlinck pediu a Alexandre, o "Alemão", 11 anos, líder do grupo, que fizesse, em argila, a figura de um homem. O resultado foi uma imagem sem-cabeça, reduzida a uma imensa barriga. "Somente quando a lei intervém há uma imagem totalizada", comenta o sociólogo. Somente quando a imagem é integral, existe um cidadão com direitos e deveres, capaz de reconhecer o outro.

Para Berlinck — que relatou seu trabalho durante a mesa-redonda "Política do Corpo" — isto explica porque "Alemão" queima seu próprio braço com palitos de fósforo, como se fosse necessário agir assim para provar que é homem. "Ele acredita, no fundo, que seu braço é uma maldade que deve ser castigada. É impossível para ele pensar um corpo ordenado, um conjunto de elementos distintos, cabeça, tronco, membros". Para a o sociólogo, é claro que, nesta situação, é impossível a constituição de uma sociedade democrática. "A democracia é necessária, mas não seria suficiente para transformar estas crianças em cidadãos. A questão vai além. É política e não técnica". Uma transformação que certamente será longa e penosa, já que a fragmentação corporal já atingiu a semântica: "Não se fala em mão-de-obra, braço para a lavoura, evasão de cérebros?", pergunta o sociólogo. **(A.C.)**

...Lembro até que, certa vez, vim no
o avião conversando com o Lula e ele
nifestou interessadíssimo no assunto e
ntou: "Afinal, o que é essa tal política
rpo?" Daí converamos um pouco e,
s, ele quis saber: "Me diz uma coisa:
é que eu vou falar disso com a
zada?"

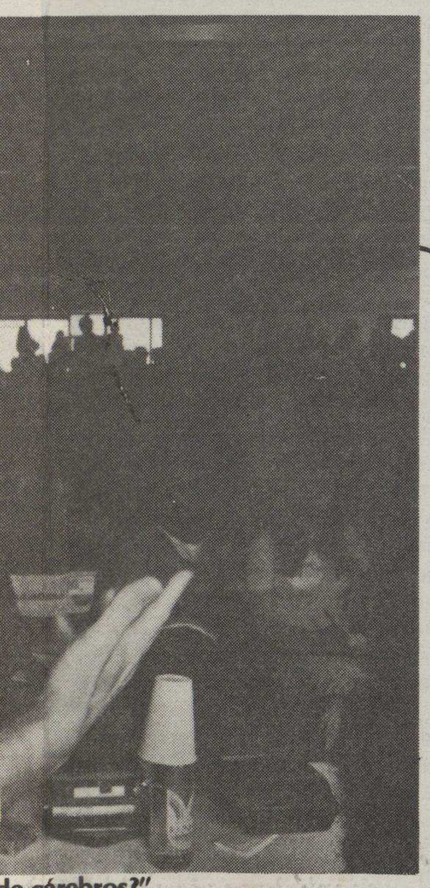
ndo Gabeira — Bom, talvez o Lula
dificuldade de falar em política do
com os peões... Mas eu converso
isso com as mulheres faveladas de São
e elas me entendem...

a — Sou marxista e negro... Negar o
é levar a visão da burguesia, que ex-
a força de trabalho a partir do nosso
. Um peão fica 12 horas preso numa
ina...

ndo Gabeira — ...e está perdendo o
de tesão que ainda tem. A política do
da burguesia está sendo feita nas
as: *todo* o mundo no pau-de-arara...

a —...é o corpo que move o homem. O
rio não pode ver o seu corpo como
ina, unidade produtiva. Isso é a visão
rguesia...

ndo Gabeira — ...Não se pode reduzir
erário a sua fome. Não se pode pensar



de cérebros?"

que ele não tem desejo sexual, vontade de amar. É uma redução pequeno-burguesa pensarmos assim...

(*Chega um bilhetinho dizendo que "o filósofo Paulo Schilling está presente e gostaria de falar". A mesa concorda*)

Paulo Schilling — Eu não pretendia entrar neste debate. Vim de contrabando. De início, faço um reparo: eu não sou filósofo e sim, jornalista. Por sinal parece que eu e o Gabeira já trabalhamos juntos. Foi no "Panfleto", semanário do Brizola (risos). Mas hoje acho que mudamos bastante, nós dois e ele, Brizola, também.

Apesar de ser de outra geração, eu tenho a pretensão de ser tão liberal quanto vocês. Tenho quatro filhas e me identifico com elas totalmente. Fui um dos pais mais liberais que houve. Sou um feminista. Não tenho preconceito contra nenhum tipo de relação sexual. Acho que é um problema de foro íntimo. Me orgulho de que meu partido, o PT, tenha tomado a posição de admitir todas estas minorias no seu sio com plena independência. Mas discordo do amigo Gabeira quando ele transforma esta política do corpo numa bandeira num país que tem 10, 20, 30, 40 problemas de muito maior prioridade. Na verdade, esta questão já está se resolvendo normalmente. Nós não vivemos numa sociedade altamente repressiva (murmúrios)... Pelo próprio tropicalismo do Brasil... e aqui não é a Suécia. Os países nórdicos são muito repressivos. Eu tenho a impressão de que o Gabeira como viveu muito tempo lá voltou com uma visão um pouco falsa...

Eu acho que num país onde existem 10 milhões de menores abandonados; 15 milhões de favelados; oito milhões de camponeses sem terra; oito milhões de bóias-frias expulsos do campo; onde dois terços da população se alimentam com menos de 1.600 calorias por dia; onde o índice de mortalidade infantil é de 119 por mil, alcançando no nordeste, onde vivem mais de 30 milhões de brasileiros, índices fantásticos. Em Natal e Recife, esta mortalidade infantil chega a 300 por mil. E mais: neste nordeste onde de cada duas crianças que nascem somente uma alcança os cinco anos de idade; onde morrem por falta de assistência 500 mil crianças de zero a um ano; onde em dois mil municípios não existe um só médico... Aqui se falou de problemas de parto, estas minúcias... Acho que são problemas de país rico, da Suécia (protestos e aplausos)...

Eu tinha uma grande admiração pelo Gabeira devido a sua participação no seqüestro do embaixador norte-americano. Ele pode estar certo que conquistou seu lugar na história do Brasil naquele momento. Mas hoje... está equivocado... (a platéia se manifesta. Várias pessoas falam ao mesmo tempo. Confusão)

...Deixa eu concluir. Ele falou várias vezes. Eu não pedi para falar. Me colocaram no fogo e eu estou aqui... (palmas). Eu sei que o fã-clube é muito grande aqui. Há o risco de influenciar o fã-clube...

Então num país como esse, onde morre por falta de assistência médica mais de um milhão de pessoas por ano, ficar discutindo este problema de corpo, como vai ser o parto, com pequenas filigranas, se vai ser com a presença do pai ou não, quando somente 20% das mulheres brasileiras conseguem ter um parto num hospital, eu acho que é totalmente absurdo...

"No Araguaia não se fala nisso. Joga-se a vida todos os dias"

Schilling — ...Num país socialista, Cuba, país pelo qual o Gabeira revela uma grande antipatia, é possível este luxo. Hoje, cuba baixou o seu índice de mortalidade infantil para 19 por mil. Se tivéssemos o mesmo nível de assistência médica economizaríamos meio milhão de vidas cada ano. Em Cuba, cada mulher que esteve grávida em 1979 teve oito consultas médicas... No Brasil, onde um operário trabalho 12 horas por dia e consome três ou quatro no transporte coletivo, eu tenho a impressão que falar em política do corpo com esta prioridade é uma forma a mais de obstruir, de desviar a massa do verdadeiro caminho que é o da libertação social. (Várias perguntas ao mesmo tempo. Confusão)... Eu tenho certeza que se estivéssemos num sindicato operário o resultado deste debate seria diferente... A Igreja — se vê que o Gabeira continua com muitos preconceitos contra a Igreja segundo os aspectos morais — mudou muito. Eu falo como materialista, como marxista. Esta Igreja que foi fator de alienação, hoje é fator de vanguarda. Assistimos isso no décimo aniversário da Prelazia de São Félix do Araguaia. Lá não estão pensando em política do corpo. Estão organizando os posseiros, jogando a vida todo o dia porque todo o dia recebem ameaças de morte dos latifundiários, das transanacioais, das autoridades locais.

É muito suspeito que quando a Igreja toma uma posição a favor do povo haja no país uma verdadeira invasão de determinadas teorias. É um conjunto de teorias que vão desde a ioga até a meditação transcendental, uma coisa que acho muito certa para aqueles povos com três ou quatro mil anos de cultura, mas que, para um povo como o nosso, irriquieto, anárquico, tropicalista, resulta uma caricatura total e absoluta. Por outro lado, para os mais ativos, se multiplicam as academias de arte marcial. Somente em São Paulo deve haver umas mil de judô, caratê, etc. Tudo uma tentativa de desviar a juventude do caminho da libertação. E isso não é por acaso. Se soma às ordens religiosas de origem norte-americana — recentemente tivemos o caso da seita Moon — todas instrumentadas pela CIA... (tumulto)

Fernando Gabeira — Acho que é uma leviandade do Paulo Schilling me acusar de falar de política do corpo num painel de política do corpo... (Risos) Eu não sabia que o PT tinha esta visão de mim... Vamos deixar de ser provincianos. Fomos provincianos na província, pensando que o mundo era o Brasil, depois pensamos que fosse o Ocidente... Vamos abarcar o mundo na sua totalidade. O Oriente não é uma ameaça da CIA. Podemos dialogar com ele. Se temos que achar uma saída global para a humanidade, todas as civilizações importantes têm que estar presentes. Não vai ser uma coisa imposta a partir do marxismo europeu branco. É em nome desta abertura que eu acho que, no final, vamos nos entender. Com o tempo as pessoas vão perceber que estamos na mesma trincheira. Que uma das grandes armas do adversário é nos separar. Todas as colocações que faço têm sempre uma visão tática da ditadura, uma crítica do capitalismo. Não perdi nenhuma das minhas referências básicas, apenas estou falando com outras palavras. Senão acabo fazendo o que o Paulo fez: "Está expulso da história não entra mais na minha história". Acho que o que faço agora tem importância. Falando da luta da mulher, do negro, do índio, das minorias, também estou na história do país. A história não está no *script*. Talvez por isso o Althusser tenha estrangulado a mulher dele. Ele tinha uma perspectiva histórica de *script*. Era um cara que pensava no desenvolvimento científico da luta de classes até os confins do tempo, mas não sabia que era capaz de estrangular a própria mulher. Essa dissociação é que temos de discutir. Estamos fazendo uma revolução, mas temos que ver o que foi feito de nós enquanto pessoas. A revolução é melhor feita por pessoas felizes. Vamos comer sim. Vamos sobreviver. Mas para que? Para desenvolver nossa capacidade amorosa. A sociedade do futuro não é para intoxicar as pessoas com eletrodomésticos. O problema não pára aí.

Platéia — Faço parte do diretório do PT de Pernambuco, um dos Estados mais pobres do Brasil, e não concordo com o que o Paulo Schilling disse. Limitar as questões da maneira que o Schilling fez não é a posição oficial do PT.

Fernando Gabeira — ...Mesmo porque as pessoas do PT também têm corpo...

Platéia — ...Este país cometeu genocídio, matou os índios, escravizou os negros, os filhos dos imigrantes não têm terra. Este país é tropicalista sim, mas é repressor. E repressor da felicidade sexual. É contra esta repressão ao corpo que a gente tem que lutar. Para que a classe operária possa lutar ela não pode ter pais que digam o que deve ou não fazer. O erro deste país é que ele teve muitos pais. O Schilling diz que foi liberal com suas filhas. Mas eu quero ouvir o que elas dizem, porque o meu pai falou a mesma coisa para mim e não foi... (Palmas)

(*Confusão. Alguém toma o microfone das mãos da coordenadora da mesa e faz um discurso nervoso e quase ininteligível*)

...Existem lutas muito maiores... (Vaias) ...E vamos falar em corpo?... (vaias) ...quando no Brasil tem tantos menores abandonados?... (Tumulto)

Fernado Gabeira — Passamos a maior parte do tempo discutindo se vale a pena discutir política do corpo... Temos que introduzir este tema como discussão, saber que nosso corpo existe. Deixo aqûi dois caminhos para aprofundar este debate: 1) Como o capitalismo oprime nosso corpo e como, às vezes, procura impedir que tomemos consciência disso? e 2) Como nosso corpo está maltratado e como é possível recuperá-lo de alguma forma para ampliar a fraternidade amorosa e logo nossa potencialidade revolucionária?

Daniel de Andrade

Gabeira e seu público preferido...

...adolescentes sem preconceitos

Gastando Cr$ 4 mil por mês de aluguel

Com quatro livros — todos de rápida decolagem na lista dos *best-sellers* — dois anos de Brasil e algumas entrevistas e atitudes que lhe valeram escaramuças com a esquerda tradicional, Fernando Gabeira, 41 anos, foi adotado por um novo público. São jovens de 14 a 17 anos, os secundaristas, um contingente humano de 27 milhões de brasileiros.

E o que querem os secundaristas, para quem Gabeira tem falado em vários colégios? "Eles querem entender este país, recompô-lo", explica Gabeira. E têm reivindicações específicas: "As duas questões que mais pintam são a legalização da maconha e do aborto".

"Nosso diálogo — continua — parte da premissa de que eles apesar de não possuírem uma cultura verbal, não são idiotas. Como iriam se interessar pela cultura verbal se ela foi manipulada pela ditadura e o próprio discurso dos pais está em conflito com o Brasil de hoje?"

Com eles Gabeira fala de *rock'n roll*, algo que a velha esquerda sempre viu com os olhos de um pai ranzinza dos anos 50. Nunca é demais lembrar que, enquanto Elvis Presley incitava a rebeldia juvnil, a UNE distribuía panfletos mostrando um jovem rebolando e, abaixo, a legenda: "Imperialismo". "Ignorava-se a raiz negra do *rock* e sua contestação dentro do sistema. Tudo que vinha dos Estados Unidos era obra do Pentágono". Curiosamente, a repressão tinha a mesma recalcitrância: " Em Juiz de Fora, havia uma televisão na rua, e quando aparecia Elvis ou Bill Halley os jovens se reuniam e, daí a instantes, a polícia cercava as ruas. Já havia até um momento pré-estabelecido para agir: Quando o pessoal começava a mexer as cadeiras e ensaiava uns passos a polícia baixava o pau."

Hoje o *rock'n roll* brasileiro é perfeitamente caracterizável e fascina milhares de jovens que lotam ginásios, mas a barreira continua intacta: "As forças políticas jamais compreenderam a juventude. Estão condenadas a necessitar de um intermediário..."

É possível que caiba a estes jovens tocar o projeto dos anos 80, que, par Gabeira, será algo como a fusão das melhores idéias da guerrilha e do movimento hippie. "Acho que destas duas bandeiras dos anos 60 sairá a base da reconstrução dos anos 80", conjetura.

Pacifista — "mas não descarto a necessidade eventual de ações armadas para se chegar ao socialismo" —, vegetariano, ecologista, Gabeira continua vivendo em Porto Seguro, onde paga Cr$ 4 mil mensais pelo aluguel de seu quarto num hotelzinho. Ali cozinha sua própria comida. E o dinheiro de seus livros? "Fica um pouco comigo, para ir vivendo, e o resto é destinado a projetos para promoção da luta das mulheres, dos negros e outras minorias". Embora admita que ainda é necessário "derrubar o regime", Gabeira, não esconde sua convição: "Não vejo nenhuma possibilidade de recuperação da ditadura. Meu negócio é o que fazer depois dela".

A.C.

A pergunta chilena no cinema: "Onde foi que falhamos?"

Luiz Carlos Merten

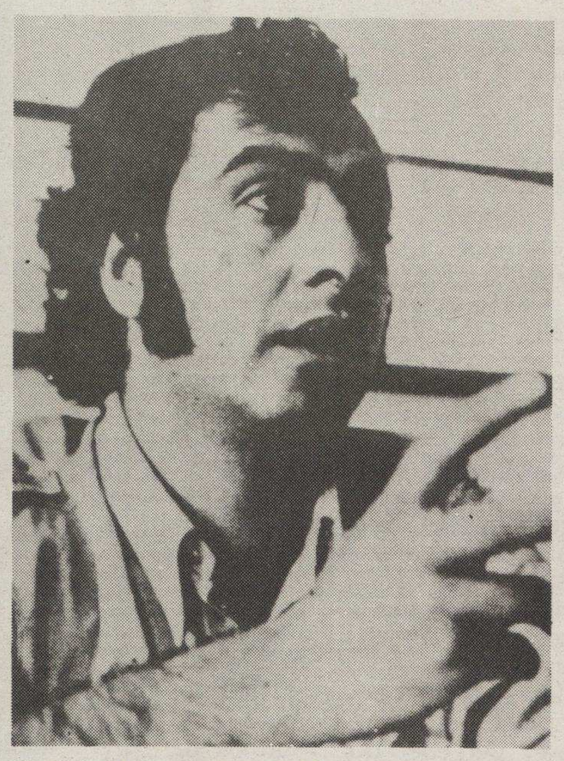
É um filme feito de impotência e raiva. O chileno Miguel Littin debruça-se sobre um episódio da história passada de seu país, mas o que ele quer reflexionar em *Acontecimentos em Marúsia* (no original: *Actas de Marúsia*) é a história recente: o bárbaro golpe que destituiu o governo constitucional de Salvador Allende e estabeleceu a ditadura militar do general Pinochet. *Acontecimentos em Marúsia* propõe para o espectador latino-americano, principalmente para aquele público mais politizado, uma conversa um pouco amarga, um pouco triste, do tipo "Onde foi que falhamos?" Encerra um "mea culpa" gigantesco, no qual Littin mergulha até o fundo, procurando retirar algumas lições do fracasso do governo da Unidade Popular no Chile. E, nesse sentido, *Acontecimentos em Marúsia* termina falando de esperança, pois sendo a história e a confissão de um fracasso da esquerda, procura evitar que os mesmos erros sejam cometidos no futuro.

Há quem defina o trabalho de Littin como uma epopéia popular, mas eu, pelo menos, não consigo entendê-lo assim. Ele procura, por momentos, um sopro épico, faz um cinema do povo, canta a revolução, mas sua meta é mesmo a autocrítica e há até um certo gosto pela autoflagelação nas imagens elaboradas por Littin. É o complexo de culpa do sobrevivente, uma coisa compreensível, mas não desejável. Littin chegou a ser um dos nomes mais importantes do cinema chileno na época da Unidade Popular. Em parte, ele adquiriu essa reputação pelos filmes que fez, especialmente por um deles, *El Chacal de Nahueltoro*. Mas Littin também se tornou famoso pelo curto período em que exerceu a direção da Chile Filmes, quando lançou um importante programa de criação de novos cineastas.

Marxista-Leninista pelo projeto ideológico de sua vida, Littin retomou, à frente da Chile Filmes, alguns experimentos revolucionários que já haviam sido testados na União Soviética, a partir de 1917. Entre eles, o cinema-trem do lengedário Alexandre Medvedkin, que saiu pela União Soviética num trem carregado de câmaras, filmes e equipado com laboratório. Em cada lugar ele parava, discutia os problemas com os habitantes, realizava um filme com eles, depois voltava a discutir o problema e a realização e, dessa maneira, fazia avançar a revolução e o cinema. Isso foi logo no começo da década de 30, quando a revolução soviética ainda não havia se fossilizado. Littin, que sempre se definiu como um militante disciplinado, resolveu retomar essas velhas e esquecidas lições. E criou não uma nova edição do cinema-trem, mas os *talleres* da Chile Filmes, onde forjou a experiência do Cine Documental Chileno, em colaboração com a Universidade do Chile e a Central Única de Trabalhadores. Num determinado momento, havia cerca de 80 jovens debruçados sobre a realidade chilena armados de câmaras — filmando, documentando, discutindo.

Não era só um sonho. Era um projeto fundamentalmente prático. Num país de menos de 20 milhões de habitantes, Littin compreendeu que não havia público interno para alimentar uma indústria. O cinema é caro, exige investimento e retorno. Num país subdesenvolvido, além de tudo, a Chile Filmes resolveu investir nos dividendos ideológicos. E ao mesmo tempo que se produziam oito filmes de longa-metragem por ano, havia o investimento nos jovens documentaristas, que percorriam todo país, do deserto de Atacama, ao norte, até a ilha de Chiloé, no sul. O cinema de uma geração, com um projeto político claro. O cinema como instrumento de descolonização e conscientização. O cinema buscando uma linguagem revolucionária para sua proposta também revolucionária, no contexto de um governo socialista constitucionalmente eleito.

Eram muitas as contradições. Há uma forma clássica de fazer cinema revolucionário, como testemunha alguns filmes de Luchino Visconti. Há uma forma revolucionária de fazer cinema clássico, como



Littin: até a autoflagelação

demonstram certos filmes de Joseph Losey. Mas o consenso é que só existe cinema revolucionário quando, além do tema, a forma também é revolucionária. Na busca dessa linguagem, aconteceu muitas vezes desse novo cinema chileno distanciar-se do público, condicionado, como em qualquer outro lugar, pela narrativa tradicional. Na verdade, pode-se dizer que houve um divórcio entre intenções e resultados. O cinema militante, que os realizadores queriam fazer, e fizeram, não era tão popular como gostariam. Principalmente, não foi popular a ponto de ajudar a salvar o governo da Unidade Popular. Mas foram tempos de extraordinária criatividade, aqueles no Chile de 1970 a 73. O conjunto Quilapayun na música, os filhos da grande Violeta Parra, Angel e Isabel, todos se uniram no sonho de uma arte popular, engajada, participante.

A história passada e recente foi revista. E surgiram as cantatas popular como *La Frágua,* em homenagem aos 50 anos do Partido Comunista Chileno, ou *Santa Maria de Iquique,* editada em disco no Brasil, no final de 1979 e que conta um massacre de trabalhadores em 1907. No cinema, Aldo Francia realizou *Ya No Basta Con Rezar,* sobre um padre comunista em choque com a Igreja e o Partido. Patrício Guzman fez o documentário *El Primer Año,* sobre o primeiro ano do governo de Allende. E até um estrangeiro, Costa-Gavras, foi filmar no Chile a saga dos Tupamaros de *Estado de Sítio.* Os nomes mais importantes do cinema chileno da época, porém são os de Littin e Hélvio Soto. Littin vem do teatro e da televisão, Soto vem da publicidade. Littin trabalhou como ator em alguns filmes de Soto na década de 60, quando ambos faziam seu aprendizado. Um desses filmes é curto. Chama-se *Mundo Mágico* e integra uma coprodução feita com Brasil e Argentina: *O ABC do Amor.* Mas é a partir de 1970 que ambos passam a ser identificados em associação com o cinema da Unidade Popular.

Soto realiza *Caliche Sangriento,* espécie de faroeste movimentado, contando um episódio da guerra do Pacífico, a chamada guerra do nitrato, entre Chile de um lado e Peru e Bolívia de outro. É um filme que faz sucesso de público mas provoca polêmica, na medida em que desmistifica a história oficial e ousa defender o direito da Bolívia a ter uma saída para o mar. O mesmo Soto realiza também *Voto Más Fusíl,* obra de uma reflexão política mais madura, situada num momento particularmente grave: os 60 dias decorridos entre a vitória de Allende nas urnas, onde ele não obtém maioria, e a sua confirmação pelo Congresso.

São 60 dias de tensão: a direita — o Partido Nacional, que estivera a um passo da vitória, e os grupos de interesse — assassina o chefe do Estado Maior, general Schneider, à espera que o Exército reaja com um golpe, mas prevalece a corrente constitucionalista.

Actas de Marúsia: história de 1907. E de 1973.

Em cima desse episódio, o cineasta cubano Santiago Alvarez vai ao Chile e realiza um documentário internacionalmente premiado: *Como, Por Que e Para Que Matar Um General?* Mas Soto não é um documentarista, trabalha em chave de ficção. Assisti ao filme dele em Buenos Aires, após o golpe de 1973, numa pequena mostra do cinema da Unidade Popular. E foi possível perceber ali, apesar de algumas hesitações na estrutura dramática, como era importante a pergunta que esse filme deixa no ar: para que o seu voto seja válido, se o eleitor de esquerda tiver de pegar no fuzil — será que ele faz isso?

A contradição do Chile de Allende foi um pouco essa. O presidente da coalizão de esquerda, integrada por comunistas, socialistas, radicais e dissidentes da Democracia-Cristã, procurou manter sempre um estilo tranqüilizante e tradicional, sem trair as esperanças dos que esperavam que na sua gestão se produzissem mudanças revolucionárias. Allende foi um legalista, governou dentro da Constituição — essa a sua grandeza e a sua tragédia. Se ele tivesse armado a esquerda radical ou o povo, a história talvez fosse outra. E, assim, a lição que se tira do governo de Unidade Popular é que não é possível transformar uma sociedade com maiorias precárias e, muito menos, com governos minoritários.

Outra não é a preocupação expressa pelo filme de Miguel Littin. Quando Gregório, o autor das atas de Marúsia, diz que "nosso erro foi não termos nos unido, nosso erro foi não termos buscado as alianças necessárias", ele está reflexionando não um distante fracasso de trabalhadores no ano de 1907, mas uma coisa muito próxima, que é o fracasso da Unidade Popular. Sob certos aspectos, esse é um filme doloroso. Foi realizado por Littin no México, depois do pinochetaço que produziu a verdadeira diáspora chilena: o exílio de artistas, intelectuais, políticos ou simplesmente de pessoas do povo que estiveram do lado de Allende.

O próprio Littin sempre admitiu as influências de Glauber Rocha e Jean-Luc Godard sobre o seu cinema, mas *Acontecimentos em Marúsia* não bebe na fonte de nenhum dos dois. A influência que esse filme respira é a de Eisenstein e, dentro da obra de Eisenstein, o projeto ousado talvez seja o de se encarar como uma espécie de *Potemkin* sul-americano. Littin rejeita o realismo burguês, que reconstitui o mundo através da análise psicológica de um indivíduo, encaminhando-se no rumo de um realismo comunista, unindo a análise psicológica do homem e a representação do real a uma compreensão materialista e dialética da sociedade.

Nesse processo, há um erro, que foi o de ter entregue o papel de Gregório ao ator Gian-Maria Volontè. Não que Volontè comprometa. Mas é que ele foi escolhido por razões de ordem econômica, para viabilizar a produção, que sem esse nome forte no elenco talvez nunca tivesse saído do projeto. Mesmo quando cria esse personagem da lucidez e da consciência, no qual não deixa de projetar-se, Littin se aproxima de Eisenstein na definição não de um herói, mas do homem-massa. E aí a presença de Volontè torna-se um pouco incômoda, talvez. Gregório deveria ser alguém mais anônimo para encerrar o sentido da realização.

Esse sentido é o de uma autocrítica. Como militante de esquerda, Littin interroga-se: "Por que falhamos?" Nós, a esquerda chilena, a Unidade Popular. — Cria imagens que falam de um massacre de trabalhadores em 1907, mas que se referem, na verdade, a um outro massacre, ocorrido em 1973. O Exército, no filme, defende o capital estrangeiro e lança-se selvagemente contra os trabalhadores, tal como aconteceu na realidade. Há cenas de destruição e tortura, tanto física como psicológica, mas no final ressurge uma tênue esperança. Um companheiro foge com os textos de Gregório — as atas de Marúsia, que apontam os erros cometidos não apenas nesse distante 1907, mas principalmente nesse sofrido 1973, que tanto dilacera o coração do diretor Littin. E o filme se encerra, assim com a esperança de que uma outra Unidade Popular não repita os mesmos erros. Na longa noite do desespero, há um aceno de luz.

Essa preocupação pelos erros e divisionismo da esquerda já estava presente no documentário que Littin realizou em 1970, sobre o histórico encontro de Allende com o intelectual francês Regis Debray, que participou da guerrilha com o Che Guevara e hoje assessora o presidente François Mitterrand. Apesar da média-metragem, *Compañero Presidente* é todo ele uma conversa sobre as diferenças entre a teoria e a prática revolucionárias. A obra-prima de Littin, porém, é um ensaio de ficção sobre um fato real. *El Chacal de Nahueltoro* é um dos mais belos filmes políticos latino-americanos e mundiais. Assisti-o em Montevidéu, no início de 73. O personagem existiu de fato e comoveu o Chile. José Carmen Valenzuela, um marginal, é condenado à morte por assassinato. Esse homem cresce moral e intelectualmente na prisão. Adquire conhecimento, uma profissão, sofre ao tomar consciência do crime que cometeu. No auge da conquista, quando ele se torna um verdadeiro homem, a sentença é executada.

El Chacal fez grande sucesso no Chile em 1970 e foi exportado para os países latinos de língua espanhola. *La Tierra Prometida,* de 1972, se relaciona mais com Glauber e Godard. Trata de um grupo de pessoas que desde o norte e o centro do Chile, dirige-se ao sul, em busca de terras que o governo dava aos colonos, na década de 30. Chegam a um lugar e instalam a Utopia, adotando formas socialistas de produção, porque são aquelas em que o grupo acredita. Eles recebem a notícia de que um governo socialista assumiu em Santiago e saem a divulgar e a defender o socialismo, mas são informados de que esse governo já caiu há muitos anos e agora há uma forte repressão. Mesmo assim, não perdem a esperança na terra prometida — símbolo de uma sociedade do homem e para o homem.

De certa maneira, é essa busca que anima todo o cinema de Miguel Littin. Mudam os enredos, as condições de realização, mas no fundo ele está sempre dizendo que toda transformação faz parte da aventura coletiva do homem e não é o resultado da iniciativa de uns poucos ou daqueles que, num determinado momento, logram uma experiência positiva. É um cinema crítico e militante, mas fundamentalmente é cinema, misturando o pessimismo da razão ao otimismo da vontade, num processo que se pode definir como aprendizado. Resta saber se a esquerda latina está disposta a absorver as lições do cinema de Littin e da Unidade Popular.

Castaneda, a nova atração na filosofia

Incluído entre Descartes e Wittgenstein o autor de *A Erva do Diabo* chega à Universidade e é descoberto como pensador mais tradicional que se imagina

Qual a semelhança que pode existir entre o milenar *Mito da Carvena,* de Platão, o rigoroso *Discurso sobre o Método,* de Descartes, o intrincado *Tratactus* de Wittgenstein e a obra do brasileiro (ou peruano ou norte-americano) Carlos Castaneda, baseada em suas experiências com plantas alucinógenas nos desertos do México? Aparentemente, nenhuma. Afinal, Castaneda sempre procurou retratar os estágios de *realidade não-comum* vividos por aqueles que aprendem a penetrar — com ou sem o uso de drogas — no vastíssimo universo do *conhecimento não-comum,* enquanto que Platão, Descartes e Wittgenstein esforçaram-se para desvendar a estrutura do conhecimento convencional, as raízes do senso comum.

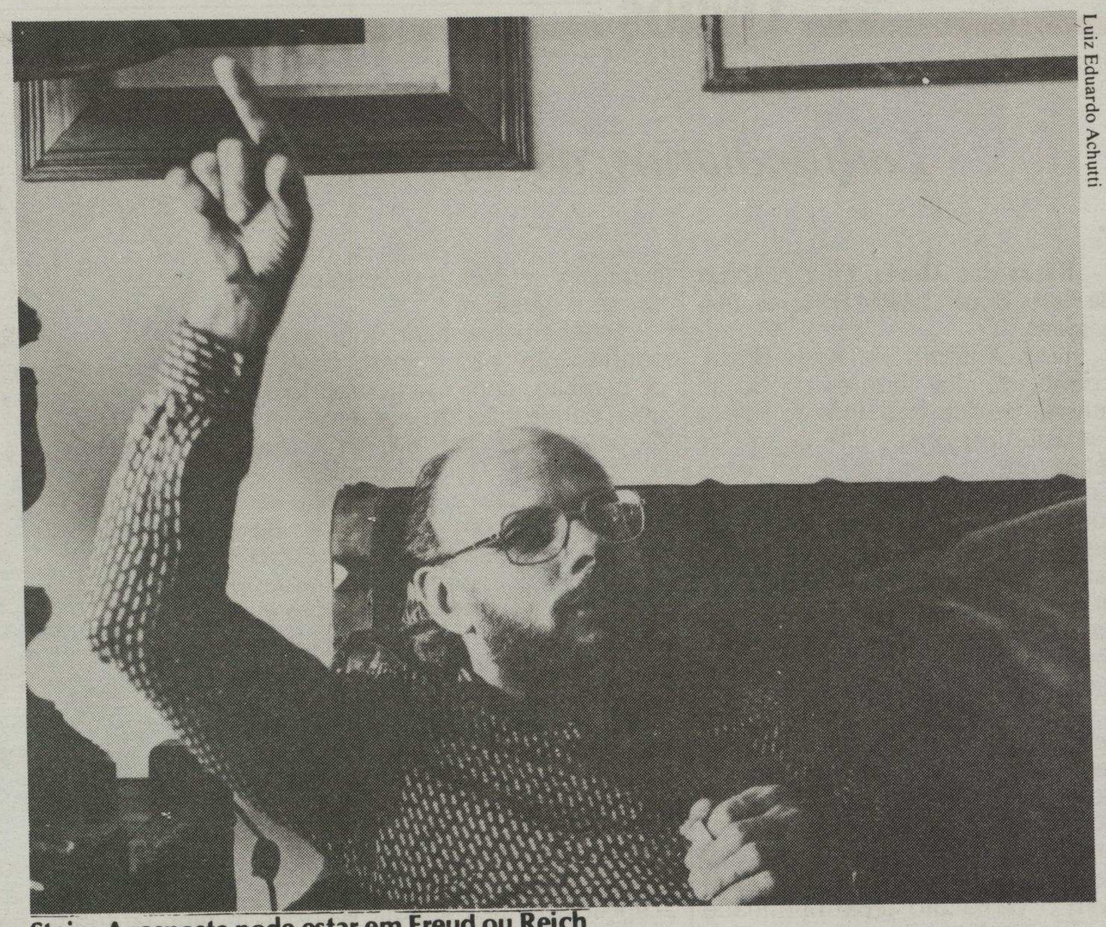
Foi justamente esta aparente contradição entre os quatro autores que levou o professor Ernildo Stein, da Faculdade de Filosofia da UFRGS, a estudá-los conjuntamente nas suas aulas de Teoria do Conhecimento, uma cadeira que até então era considerada das mais áridas e trabalhosas de todo o curso de filosofia. Tais estudos, além de despertarem um inusitado interesse pela cadeira, ainda serviram para mostrar que os livros de Castaneda apresentam uma estrutura muito mais "tradicional" e linear do que geralmente se pensa, apontaram várias falhas e lacunas na Teoria do Conhecimento tal como ela está estruturada atualmente e, de quebra, suscitaram uma discussão sobre o papel do uso de drogas entre a juventude universitária.

— Na verdade, Castaneda serviu, em primeiro lugar, como um ardil, um chamariz para atrair uma parcela de jovens alunos que estavam bastante afastados do estudo da Teoria do Conhecimento — conta Stein. Mas muito mais do que isto — prossegue — sua escolha permitiu que se resgatasse um pouco o trabalho filosófico desenvolvido pelas culturas indígenas e pelas culturas alternativas. Afinal, até hoje o estudo da filosofia tem sido apenas o estudo da ideologia da etnia branca, sempre desvinculado das correntes de pensamento nascidas no terceiro mundo ou criadas por culturas marginais. Uma análise da obra de Castaneda, por mais breve que seja, de certa forma preenche estes dois requisitos. Além do mais, procurei amarrar na *Erva do Diabo,* três textos mais rigosos que, desta maneira, foram deglutidos com mais simpatia pelos alunos.

A análise dos textos de Castaneda revelou que eles possuem uma forma e uma estrutura bem mais tradicionais do que geralmente se pensa: "As histórias evoluem dentro de uma linha bastante previsível, reproduzindo um quadro psicanalítico muito comum, onde Dom Juan é o analista e objeto de transferência dos amores e das preocupações de Castaneda. De qualquer maneira, destectamos muitas passagens semelhantes com o *Mito da Caverna* e o *Discurso sobre Método,* o que nos possibilitou uma boa visão das diversas teorias do conhecimento.

No decorrer do semestre, porém, Stein e seus alunos tiveram alguns conflitos. Dispostos a compreenderem melhor as experiências alucinógenas descritas por Castaneda, alguns dos frequentadores da cadeira sugeriram que se usassem drogas durante a aula. Stein concordou, mas exigiu que as experiências fossem realizadas sob o mais rigoso controle médico. A idéia foi, então, abandonada. A discussão acadêmica, no entanto, prosseguiu:

— O principal problema, para mim, é que os caminhos de conhecimento traçados pelos *drop-outs* não se definem — diz Stein. O uso de drogas parece ser mais uma mera experiência, uma simples afecção cerebral do que um verdadeiro acréscimo de conhecimento na vida do usuário. As "viagens" se dão a nível bioquímico e neuro-fisiológico, sendo pura sensação e, por isto mesmo, muito subjetivas. Além do mais, as drogas já entraram na rotina de consumo das classes estabelecidas e perderam o potencial de contestação que tinham nos anos 60. E o pior é que o poder tem todos os meios para "patologizar" o



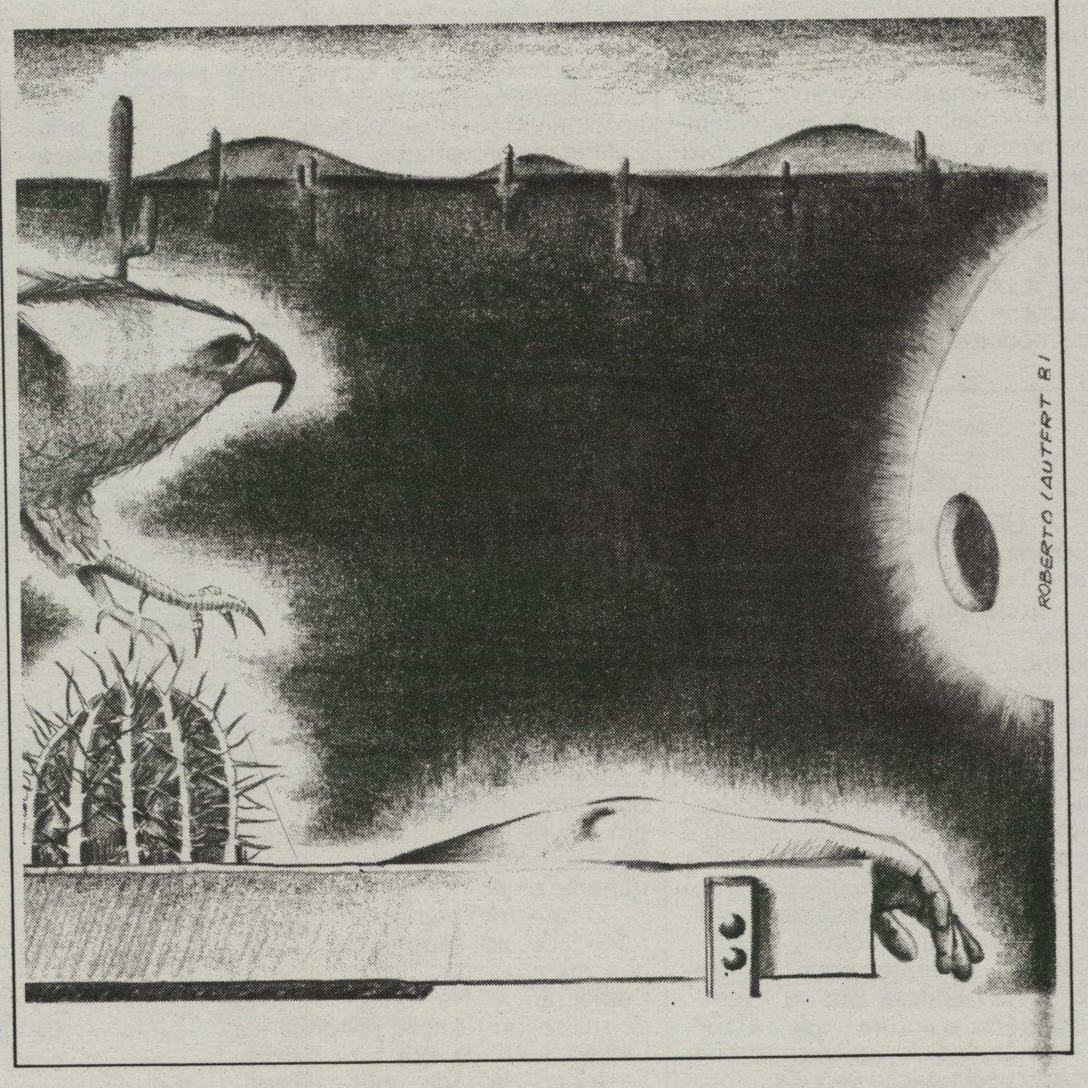
Luiz Eduardo Achutti

Stein: A resposta pode estar em Freud ou Reich

drogado, transformando-o em mero objeto de tratamento. Nas sociedades tribais o uso de droga tem bastante sentido, mas na sociedade urbana neurótica, acredito que não.

Muitos dos alunos concordaram, mas rebateram criticando a função ideológica reacionária da teoria do conhecimento e sua *caretice:* "Tanto a rigidez do dualismo da teoria do conhecimento quanto o fato dela servir para justificar certas situações de desigualdade entre os homens justificam as críticas feitas pelos alunos — afirma Stein. — Além disto, é preciso não esquecer que se a droga conduz a um tipo de conhecimento que não se enquadra dentro dos conceitos ocidentais, são estes conceitos que devem evoluir. Concluimos, portanto, que para se analisar melhor a questão da droga é preciso atingir uma síntese entre o que se sabe sobre o conhecimento convencional e o *conhecimento não-comum*. É provável que a resposta esteja em Freud e Reich".

Eduardo Bueno



ROBERTO LAUTERT 81

Rumo à "Terceira Atenção"

O Presente da Águia, de Carlos Castaneda, Editora Record, 262 páginas.

Sentado ao entardecer num banco de uma praça da cidade de Oaxaca — um antigo centro zapoteca, localizado na zona montanhosa do México Central — o antropólogo Carlos César Arana Castaneda, de idade e nacionalidade desconhecidas, vê, pela primeira vez, que todos os seres humanos são, na verdade, imensos ovos luminosos. O banco é o mesmo em que seu mestre Dom Juan — um índio yaqui nascido em fins do século passado, no deserto de Sonora — costumava sentar-se para observar os avermelhados e silenciosos crespúculos das terras altas mexicanas. Castaneda percebe, então, que os misteriosos ensinamentos de Dom Juan — nos quais ele iniciou-se há mais de vinte anos — estão começando a se completar.

Algumas semanas mais tarde, já em Los Angeles, onde trabalha na Universidade da Califórnia (UCLA) pesquisando de catorze a dezoito horas diárias a etno-hermenêutica (ciência que estuda a interpretação perceptiva de diferentes grupos étnicos), Castaneda ao acordar, sente que alguma coisa dentro de seu corpo "começa a escoar, como se estivesse enrolando-se como um tapete, ficando mais pesada e dolorosa à medida que desce". Duas doloridas horas depois, o autor acaba definitivamente de "perder a sua forma humana", transformando-se assim num *nagual* ou feiticeiro quase completo.

Os ensinamentos aperfeiçoam-se ainda mais quando Castaneda finalmente aprende a *parar o mundo* e a penetrar através das "paredes de névoa", que separam o mundo da realidade corriqueira do mundo da *segunda atenção*. Só a partir de então seu corpo consegue "lembrar-se" de tudo o que aconteceu desde seu primeiro encontro com Dom Juan, em 23 de julho de 1961.

O leitor, neste momento, descobre que o que foi narrado nos cinco primeiros livros de Castaneda — *Os Ensinamentos de Dom Juan* (no Brasil, injustificamente chamado de *A Erva do Diabo*), *Uma Estranha Realidade, Viagem a Ixtlan, Porta para o Infinito* e *O Segundo Círculo do Poder* — trata-se apenas de uma insignificante parcela do que ele presenciou nas vezes em que foi conduzido ao outro mundo, o mundo da conscientização *nagual* ou conscientização do lado esquerdo.

Acontece que, por ser um guerreiro ainda incompleto, todas as vezes que retornava à conscientização *tonal,* a do lado direito ou normal, Castaneda esquecia-se quase que completamente do que havia vivido no mundo da *segunda atenção*. Os esforços de Dom Juan eram no sentido de que Castaneda conseguisse recuperar as memórias do seu *outro eu*. O mestre, porém, partiu para sempre antes que seu desastrado aprendiz completasse o ensinamento.

No sexto livro da série, *O Presente da Águia,* escrito no início deste ano, Castaneda, depois de "ver" os ovos luminosos e "perder a forma humana", finalmente consegue fazer com que seu corpo se "lembre" de tudo, graças a ajuda de La Gorda, outra aprendiz ligada a Dom Juan. Só então ambos descobrem que Dom Juan era o líder de um grupo de guerreiros especialistas em penetrar nos mistérios da *segunda atenção*. O mais poderoso membro deste grupo, surpreendentemente, não era o próprio Dom Juan, mas sim o incomparável *brujo* Silvio Manuel, habitante da escuridão, de fala rouca e misteriosa. Surgem também Vicente, "o maior especialista do mundo em plantas alucinógenas", as "loucas" Zuleica e Zoila, além de Florinda, a suprema mulher-*nagual*. Todos fazem parte de um grupo de dezessete guerreiros que, para passarem definitivamente para o incomensurável mundo da *terceira atenção,* precisavam deixar na terra um outro grupo completo de dezessete novos guerreiros.

Por ter o corpo duplicado, Castaneda atraiu Dom Juan desde a primeira vez em que os dois se viram, na pequena estação de Vicam, próxima a cidade de Guayamas, na província de Sonora, há 20 anos. Ele foi imediatamente escolhido por Dom Juan para ser o *nagual* que lideraria Pablito, Eligio , Benigno, Nestor, Soledad, Lygia, Josefina, Rosa e La Gorda na sua passagem para o outro mundo. Castaneda, porém, falha mais uma vez, já que é um tipo muito especial de *nagual,* o raríssimo *nagual de três pontas,* para o qual o regulamento é diferente.

Abandonado pelo grupo, com exceção de La Gorda, Castaneda termina este novo episódio mais uma vez perturbado e confuso, apesar de ter aprendido bem mais sobre a inesgotável arte da feitiçaria. Sua luta, agora, é a de reagrupar seus guerreiros e, com eles, aperfeiçoar-se para passar definitivamente para o mundo iluminado da *terceira atenção,* onde, ao deparar-se com a Águia — a sabedoria suprema — o indivíduo brilha intensamente e extingüi-se. Glorificado. **(E.B.)**

Latifundiários, adeus!

Bacia das Almas, Luiz Antônio de Assis Brasil, L&PM Editores, 266 páginas.

Luiz Antônio de Assis Brasil, conhecido dos leitores de ficção através de dois trabalhos de enlace temático regional ("Um quarto de légua em quadro" e "A Prole do Corvo") publica pela L&PM o seu romance "A Bacia das Almas". É a história de uma decadente família latifundiária gaúcha em cujo núcleo está como fator de desagregação a Revolução de 30 e a modernização política e social que a sucedeu.

Luiz Antônio já mostrou nos seus livros anteriores que tem os requisitos mínimos para ser taxado de um excelente ficcionista: domina o texto, conhece as técnicas do romance, sabe ousar sem perder o fio e — pasmem — tem com o vernáculo uma intimidade de irmão. Não foge da narrativa que exige o texto trabalhado e longo e não teme a descrição que reivindica não só imaginação, mas também talento.

Neste seu último livro está flagrante a luta permanente que trava todo o escritor sério em busca do aperfeiçoamento. Aprofunda o exame dos personagens, tenta desanuviar seus véus ideológicos e os liga às circunstâncias sociais e políticas que são a base da sua determinação.

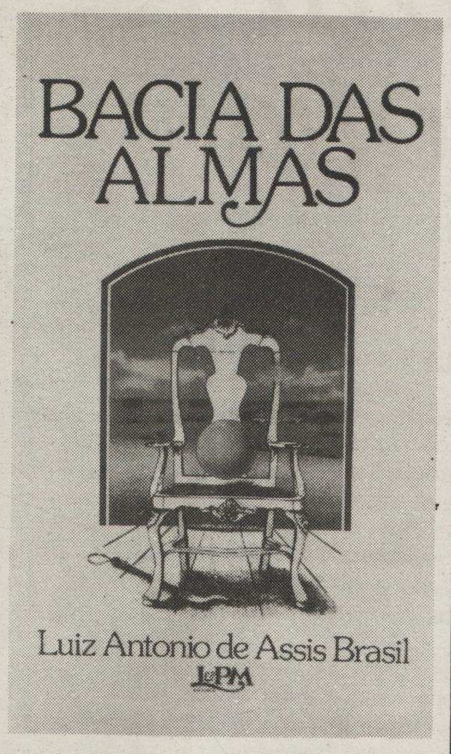
O fantama de Trajano, o grande fazendeiro que é o centro da família e que se constiui num tipo magistral criado pela pena impiedosa do escritor, percorre todo o livro. De certa forma ele é o símbolo de uma dominação que ainda hoje é muito forte e que era hegemônica em nosso Estado, possivelmente até a década de 60: o latifundiário que mandava na política da mesma forma que mandava na estância, que geria os negócios públicos — sem qualquer pudor — em função dos interesses da modorrenta produção pecuária, extensiva, e para o próprio prazer dos seus iguais.

Está bem apanhado no livro um conflito que não é mero conflito de geração, como seria próprio de uma concepção de autor menor: de um lado a vida, em geral, que se "urbaniza" (leia-se o capitalismo destruindo a hegemonia latifundiária) com os filhos de Trajano, vinculados a um outro universo e assumindo as suas próprias sexualidades e paixões e, de outro lado, a ideologia latifundiária resistindo e reproduzindo seus hábitos dentro do próprio esquema familiar, que ainda se sustenta naquele mundo já caduco.

Trajano, intendente e líder político de Águas Claras, controla a cidade mesmo depois de morto. A situação proposta não tem nada de sobrenatural ou fantástica, na acepção que lhe dá, hoje, a crítica moderna, pois o que é indicado de maneira exata são as sobrevivências ideológicas que sucedem historicamente aos seus agentes. Não é verdade que os caudilhetes ainda estão aí para gerar esperanças e amortecer as consciências?

O tema da decadência familiar, que tem como pano de fundo o fim de uma época e o descenso histórico de uma classe, é grandioso e não é novo. Por ele já transitaram Thomas Mann ("Os Buddenbrook"), Dostoiewsky ("Os irmãos karamazow"), Érico Veríssimo ("O Tempo e o Vento") e muitos outros certamente de porte igual ou menor. O perigo da aventura, para o escritor, é perder a perspectiva histórica e cair numa decadente crônica social refinada apaixonando-se pela pura singularidade proustiana.

Luiz Antônio esteve alerta a estes impasses. Não pretendeu fazer o romance definitivo sobre a decadência do latifúndio gaúcho, pois teria que enfrentar — num plano superior — toda a enorme e bela bagagem de ficção deixada



pelo "Tempo e o Vento", sem as limitações que a paixão de Érico pelo latifúndio propuseram. E porque esteve alerta fez um ótimo romance sobre o Rio Grande, elevando uma ponta da nossa história ao nível da tipicidade artística, com os pés na terra e com os olhos no futuro.

Seu terceiro livro consolida-o, ao lado de Josué Guimarães, Ciro Martins e Dyonélio Machado (para lembrar apenas três) como um dos melhores romancistas gaúchos, que exige respeito nacional, pela seriedade do que fez e pelo que promete fazer com os alicerces que plantou.

Tarso Fernando Genro

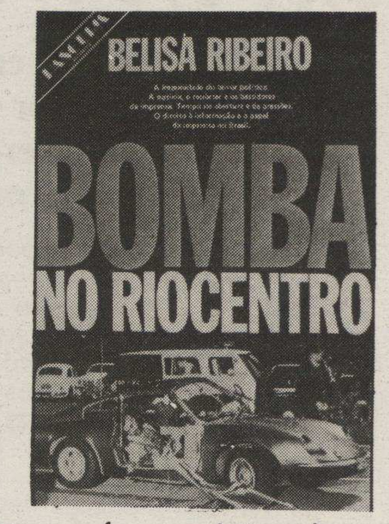
Homenagem ao repórter

Bomba no Riocentro, de Belisa Ribeiro, editora Codecri, 156 páginas.

O livro *Bomba no Riocentro* não contém nenhuma informação nova capaz de comprovar ou desmentir o que já se conhece. Mas está repleto de lições de bom jornalismo e sinceras manifestações do dever cumprido, partidas daqueles que transmitiram o lamentável episódio à opinião pública: os repórteres. Sem ter participado diretamente da cobertura, a jornalista Belisa Ribeiro, autora do livro, colheu mais de uma dezena de depoimentos de colegas que acompanharam o dia-a-dia dos acontecimentos que se sucederam à explosão de uma bomba no interior de um Puma ocupado por dois militares do DOI-CODI, no estacionamento do Riocentro, fato que causou constrangimentos no Exército e revolta na sociedade.

Mais do que contar o que ocorreu na noite de 30 de abril, Belisa Ribeiro pretende homenagear a toda uma categoria profissional. "Quem nunca mexeu com as pretinhas", diz ela na introdução, "imagina no repórter uma figura impossível, quase mágica, aquele que decididamente está em todas e leva a melhor. Mas não é bem assim. Afinal, em que pode ser atraente trabalhar dez horas por dia, escrevendo umas três matérias, com um mínimo profissional de Cr$ 24.241,62. Mas, lendo os jornais deu aquela certeza de que vale a pena. A cobertura das explosões no Riocentro deixou exposto, nu, o limite específico e aparentemente tão simples da imprensa: informar".

Ela não esquece que seus colegas foram acusados de "elementos de esquerda infiltrados na imprensa", e de forjarem "fatos e situações sem o mínimo de fundamento", mas prefere documen-



tar o esforço coletivo da reportagem, onde a solidariedade profissional prevaleceu sobre o *furo,* como declarou o jornalista Ubirajara Rolim, que levantou junto a um policial a informação de que outra bomba fora desativada dentro do Puma: "Fiquei maluco, chamei os outros jornalistas e contei o que o cara tinha me dito. Nessas horas não tem essa de furo. Existe é a solidariedade de socorrer um colega que chegou mais tarde. Furo é válido se você pega a informação sozinho, mas se está todo mundo no local o que conta é a solidariedade e, num caso como esse, também a preocupação de dividir a responsabilidade".

Os depoimentos estão ordenados de forma cronológica e formam um autêntico manual de reportagem, mais consistente que os comumente estudados nas faculdades de comunicação. Trata-se aqui, não da teoria jornalística, mas da vivência prática de velhos e jovens profissionais, orgulhosos de seu ofício. *Bomba no Riocentro* inclui ainda um texto de Carlos Castelo Branco sobre a situação da imprensa no país. Portanto, jornalistas, professores e estudantes, habilitem-se!

Rafael Guimarães

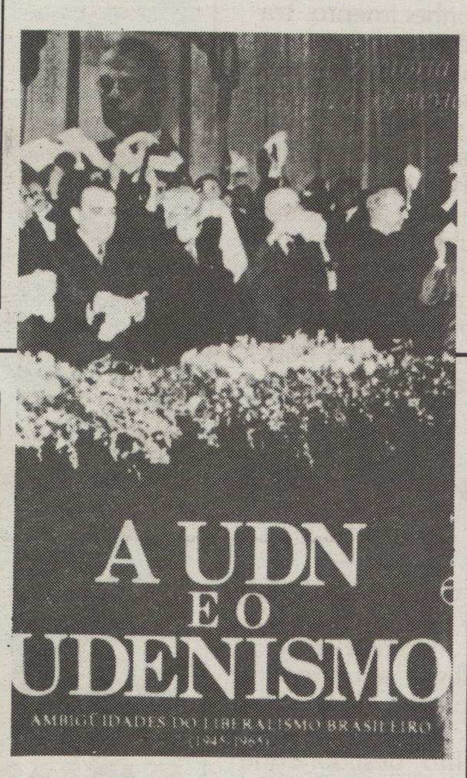
As ambigüidades liberais

A UDN e o Udenismo, Maria Victória de Mesquita Benevides, Paz e Terra.

Ainda são raras as obras que tratam do nível especificamente político como um problema *teórico* no Brasil. A maioria das obras sobre a questão política são *militantes,* isto é, possuem um ponto-de-vista engajado, muito mais *ideológico* do que teórico. Uma das exceções nesse sentido é o recente livro de Maria Victória Mesquita Benevides, "A UDN e o Udenismo — ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945—1946)", recentemente lançado pela Editora *Paz e Terra*. Com efeito, a autora analisa a UDN e o fenômeno do "udenismo" com uma preocupação *teórica,* procurando examinar a especificidade do moderno liberalismo brasileiro, as condições de sua gênese, o seu desenvolvimento em confronto com a realidade, finalmente, a sua degenerescência em partido autoritário e suporte político do Estado forte que se criou no país após 1964.

Assim, o livro em questão é uma oportuna contribuição para o estudo dos fatos políticos brasileiros contemporâneos e vale a pena ser lido por todos quanto se interessam pelo assunto, especialmente porque as questões colocadas na obra não perderam a sua atualidade. Pelo contrário: estão presentes de forma nítida na presente conjuntura brasileira e, em alguns momentos, constituem até dramaticamente o fio determinante da prática política.

O principal mérito do livro é a fidelidade ao seu objeto: o conhecimento da UDN (União Democrática Nacional), através de sua reconstituição histórica e a função exercida por este partido ao longo da vida política brasileira, desde a oposição "frentista" ao Estado Novo, até a sua transformação na organização teórica do autoritarismo. Seu principal defeito é não conseguir explicitar de forma convincente a distinção entre o autoritarismo e o fascismo. A autora tem razão ao afirmar que a UDN não chegou a ser fascista,



desembocando, porém, no autoritarismo. Entretanto, esse caráter autoritário e direitista da velha UDN não chega a ser suficientemente analisado. Obviamente, existe uma diferença fundamental entre o fascismo e o autoritarismo udenista. Isto é, o fascismo é sempre autoritário, mas nem todo autoritarismo chega a ser fascista, que é um movimento político com caracteres muito específicos. A UDN foi mais um partido liberal elitista, desembocando no autoritarismo precisamente por essa feição elitista. E nesse aspecto a análise da autora é correta. No entanto, falta explicitar quais as razões determinantes da impossibilidade do liberalismo udenista ter sido sempre uma corrente ideológica desligada do movimento de massas. E, principalmente, quais as razões da incapacidade da UDN organizar o poder nas poucas vezes em que nele esteve segundo os seus princípios.

Finalmente, cabe algumas palavras sobre o caráter frentista com que surgiu a União Democrática Nacional, que incorporava, na oposição ao Estado Novo, além dos liberais, ponderáveis correntes esquerdistas, inclusive comunsitas como Caio Prado Júnior e seu grupo. O assunto é atual, porque a frente entre os liberais e a esquerda tem os seus precedentes históricos. No passado, a hegemonia liberal nesta mesma frente resultou na formação e consolidação de um partido nitidamente autoritário. Hoje, as circunstâncias históricas e políticas são distintas daquelas em que se formou a UDN. Em primeiro lugar, porque a oposição se coloca diante de um Poder não-udenista, mas para o qual a UDN deu uma contribuição fundamental. Em segundo lugar, a função do liberalismo mudou radicalmente, permacendo, porém, as suas limitações para organizar um projeto de Governo, no qual estejam contidos os interesses básicos de amplos setores populares. Finalmente, a classe média inclina-se para outra direção, deixando de ser o sustentáculo social do antigo liberalismo que a UDN tinha orgulho em representar. Os tempos mudaram. A nova frente terá resultado, ou acabará fracassando, como no passado? Estas perguntas Maria Victória de Mesquita Benevides não responde, mas, justiça se lhe faça, não era esse o seu propósito. Como todo pioneiro, ela pagou tributo. De qualquer forma, as insuficiências do livro são bem menores do que as suas qualidades. Desde já, o livro "A UDN e o Udenismo" tornou-se uma fonte de pesquisa obrigatória para um período da realidade brasileira que recém começou a ser estudado. O campo fértil da pesquisa teórica começa a dar os seus frutos. O resgaste da memória histórica é um significativo sintoma de que começamos a ter consciência de nós mesmos.

Luiz Pilla Vares

VIGICOOP
Cooperativa dos Vigilantes do Estado do R.G.S. LTDA.
RUA VIGÁRIO JOSÉ INÁCIO, 566, SALA 501 — 90000 PORTO ALEGRE - RS
Primeira Cooperativa especializada em vigilância bancária, comercial, industrial e particular.
SERIEDADE E EFICIÊNCIA

Além de sindicatos e partidos

A Classe Operária no Brasil — *vol. II, de Paulo Sérgio Pinheiro e Michael M. Hall, Editora Brasiliense.*

É possível afirmar que a historiografia social e política passa, atualmente, no Brasil, por um período de produção fértil e engenhosa. O número de trabalhos que tratam da evolução social e política se avoluma e começa a dar conta de, pelo menos, mapear os pontos importantes que devem ser aprofundados para um real e profundo conhecimento de nossa história.

Um destes pontos, diz respeito à história da classe operária no Brasil, durante a I República. Este livro, de Paulo Sérgio Pinheiro e Michael Hall, que visa cobrir a exatidão do tema e do período, tem sua importância não só pelo que foi dito, mas porque procura imprimir um novo rumo na pesquisa histórica, um novo lado de ver a história, diverso e contrário ao até hoje existente.

Neste sentido, o atual trabalho critica a historiografia que fundamentava sua análise nas duas instituições básicas da classe: a história sindical e a história política. Consideram a necessidade de um trabalho mais largo, mais complexo, que dê a textura do movimento social efetivamente ocorrido. Afirmam : "No entanto, os documentos aqui reunidos parecem indicar que a história da classe operária não pode ser confundida com nenhum partido, em decorrência da diversidade de experiências e de situações vividas pela classe".

Da mesma maneira, criticam a historiografia que reduz, ao "sindicalismo", o movimento operário da I República. E este é um dos pontos mais ricos deste trabalho, pois evidencia o interesse da história oficial em apagar as experiências acumuladas pela classe operária, não ligada ao Estado. E com isto reforça a fraqueza da classe, quando afirma da inconsciência, desorganização e incapacidade do movimento operário brasileiro. A decorrência lógica é criar condições ideológicas para aumentar a dependência do movimento operário ao Estado.

O objetivo do trabalho, nesta nova concepção de pesquisa, é permitir a compreensão da formação histórica da classe operária no Brasil, em toda a complexidade do modo de vida, de práticas quotidianas concretas. E argumentando E. P. Thompsom: "nenhuma formação de classe, na história, é mais verdadeira ou mais real do que outra, e a classe se define a si mesma tal como, de fato, se efetua".

De outra parte, considera importante recuperar mais duas dimensões desta complexidade concreta, qual seja, as relações da classe com a classe dos empresários e com o Estado. Considera que é necessária uma revisão sobre o enfoque que a história apresenta da classe burguesa industrial, como sendo ela ainda incapaz de pensar a história e basear a sua dominação na repressão. Neste sentido, aponta a já existência de um movimento da burguesia industrial paulista, no final dos anos 20, que já tinha seu próprio projeto hegemônico sob o nome de fordismo, racionalidade e nacionalismo. Da mesma maneira é possível perceber que, a nível das relações com o Estado, o projeto hegemônico do Poder não se esgotava na repressão, e havia projetos de dominação mais sofisticados, indicando a existência de uma maior consciência política por parte da classe dominante.

É baseado neste tipo de abordagem, que os autores propõe a possibilidade de a pesquisa histórica responder as indagações: "quem estava no exercício do poder, a favor de quem e em detrimento de quem." Se é possível apontar estas felizes colaborações que o atual trabalho nos oferece, é necessário, por outro lado, apontar, ou mesmo esclarecer algumas questões que, nos parecem, exageradamente colocadas em evidência pelos autores.

Em primeiro lugar, quando da crítica a historiografia, baseada em sindicatos e nos partidos, declarações de líderes, é necessário dizer que àquela é imprescindível. Não é possível imaginar uma história da classe operária resumida às propostas de pesquisas destes autores. Portanto, se é possível

criticar a inexistência deste tipo de abordagem, também é o contrário.

No mesmo sentido, a proposta de estudar mais a organização e a consciência política da classe dominante, deve estar referida ao dado da carência de estudos sobre o período e, portanto, o que deveria ser mais evidenciado, nos poucos trabalhos realizados, brindaram a análise do movimento de organização e reorganização desta classe. Daí inclusive a crítica a falta de trabalhos mais esclarecedores sobre a formação da classe operária. Pois aquele era o movimento principal do período.

Por fim cabe dizer que, senão pelo debate anterior, só a pesquisa e o alinhamento documentário fazem deste trabalho uma obra obrigatória de consulta e de debate.

Paulo Loguércio Vieira

Registro

ESTADO DE ALERTA, Luiz de Miranda, Editora Movimento, 77 páginas. "A poesia de Luiz de Miranda está intimamente ligada a seu tempo", diz o crítico Antônio Hohlfeldt na apresentação deste livro do poeta gaúcho. Elogiado, entre outros, por Ferreira Gullar e Nelson Werneck Sodré, "Estado de Alerta" é, de fato, um livro afiado, como neste verso: "Che Guevara carregava/ a sua hora/ ou ela desceu ao céu boliviano/ de um foguete americano?"

CARTAS, Graciliano Ramos, Editora Record, 208 páginas. Cartas íntimas de um mestre da literatura, nas quais se revelam que ele não era, nem tão "sertanejo solitário", nem tão pessimista quanto se julgava.

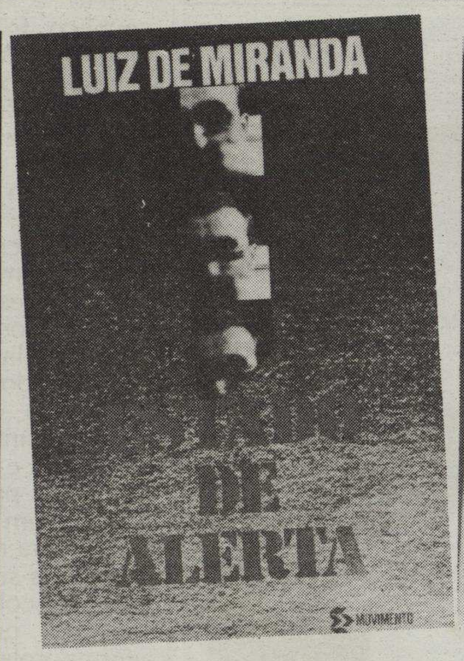
O CÃO VADIO, Françoise Sagan, Editora Record, 142 páginas. A história de um despercebido contador de uma usina, até o dia em que acontece um homicídio. Da autora de "Bom Dia, Tristeza" e "Cicatrizes na Alma"

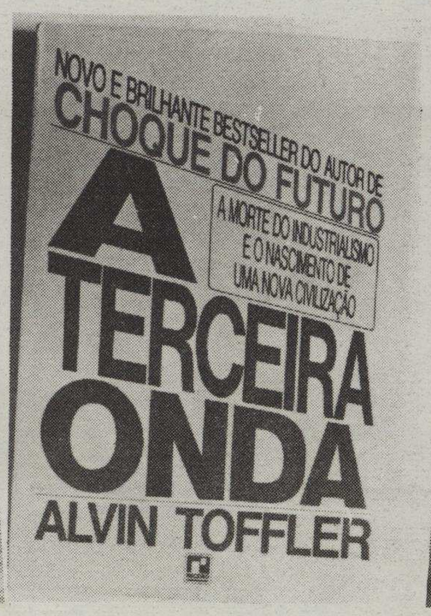
ESTUDOS NACIONALISTAS, Barbosa Lima Sobrinho, Civilização Brasileira, 214 páginas. Pequenos ensaios do político, escritor e jornalista que reafirmam a necessidade de lutar de cabeça erguida pelo que é nosso. Uma lição.

MULHERES E TRABALHADORAS, Maria Valéria Junho Pena, Paz e Terra, 227 páginas. Começando por mostrar como a maciça utilização da mão-de-obra feminina deixou um padrão salarial miserável para os homens na industrialização brasileira,a autora chega ao perfil da mulher dominada pela utilização sexual e tarefas menores.

VOZ E FALA DA CRIANÇA, Pedro Bloch, Editora Nórdica, 111 páginas. Manual de orientações a pais e professores, para prevenir problemas de fala que podem causar uma defasagem a acompanhar a pessoa por toda vida.

PESSOAS, COISAS & ANIMAIS, Gilberto Freyre, Editora Globo, 400 páginas. Do autor de "Casa-Grande & Senzala", este livro é uma coletânea de ensaios, conferências e artigos, alguns inéditos. Primeira edição comercial.





MALVADEZA DURÃO, Flávio Moreira da Costa, Editora Record, 177 páginas. Livro de contos (contos paulistas, cariocas e gaúchos) dedicado aos sambistas e sua maleabilidade de linguagem. Do mesmo autor de "As Armas e os Barões".

CRÔNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA; Gabriel Garcia Marquez, Editora Record, 177 páginas. Seis anos depois da publicação de seu último livro (O Outono do Patriarca, 1975), Garcia Marquez volta com essa narrativa da morte do personagem Santiago, rememorada, fluente como é de seu hábito.

A RESSURREIÇÃO DE CRISTO, OG Mandino, Record, 264 páginas. O autor de "O Maior Milagre do Mundo" atraca-se desta vez na investigação da ressurreição de Cristo na forma de romance policial. E dá o resultado.

ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE, Raymundo Faoro, Brasiliense, 98 páginas. Destacado como presidente da Ordem dos Advogados do Brasil no delicado período de 1977-79 e autor, com sucesso, de "Os Donos do Poder", Faoro escreve desta vez sobre importância e necessidade de uma constituinte.

CENSORES DE PINCENÊ E GRAVATA, Sonia Salomão Khéde, Codecri, 203 páginas. A primeira parte do livro é sobre a censura teatral no Brasil do século XIX. Na segunda parte, entrevistas com autores contemporâneos.

A GRANDE CATÁSTROFE DE 1983, Boris Cristoff, Editora Record, 193 páginas. A Califórnia será arrasada por um dos piores terremotos da história, e eles se repetirão por várias parte do Mundo. Tudo porque, segundo o autor, a partir deste ano (82) os planetas se agrupam "do outro lado do sol".

A TERCEIRA ONDA, Alvin Toffler, Editora Record, 491 páginas. Do mesmo autor de sucesso de "Choque do Futuro". Agora, Alvin Toffler escreve sobre as profundas transformações na família, no Estado, em toda Cultura industrial. a democracia no século XXI, diz, será muito diferente dos conceitos vigentes. E muita gente já está se adaptando a isso.

HEGEL (textos escolhidos), Roland Corbisier, Civilização Brasileira, 159 páginas. Por ocasião do segundo centenário do nascimento do filósofo, o professor Corbisier fez uma série de conferências sobre Hegel, mas teve pouca audiência (foi em seguida ao AI-5). Agora selecionou alguns textos que fazem parte da origem da dialética.

O PROBLEMA DO INCONSCIENTE, F. V. Bassin, Civilização Brasileira, 427 páginas. O autor é professor-emérito da Universidade de Moscou, seu livro é uma justificação teórica da uma interpretação do assunto à luz do materialismo dialético.

ANARQUISTAS, introdução e seleção de George Woodcock, L&PM Editores, 361 páginas. "As leis e o Estado são os maiores inimigos da liberdade" — com isso concordam todas as correntes do anarquismo. O livro apresenta textos de Bakunin, Leon Tolstoi, George Orwell, P. J. Proudhon e outros.

ANTES QUE O TETO DESABE, Roberto Gomes, Editora Mercado Aberto, 124 páginas. História de um grupo de jovens envolvidos com a política estudantil. O que se passava com eles nas últimas semanas de março de 64.

ELEGIA, Pablo Neruda, L&PM Editores, 83 páginas. Obra póstuma do grande poeta chileno, uma visão do país que esperou ser a imagem de seus sonhos: a Rússia Revolucionária.

N.R.: A resenha do livro Ensino Pago: *Um retrato sem retoques,* **publicada na edição de setembro** (Coojornal Nº 67) **é de autoria de Arabela Campos Oliven.**

SE O PROBLEMA FOR SAÚDE, SIGA O EXEMPLO DOS MÉDICOS

Eles têm preferido o Sistema UNIMED para o seu atendimento e o de seus familiares.
Faça como os médicos: confie a assistência de sua família e de sua empresa à UNIMED.

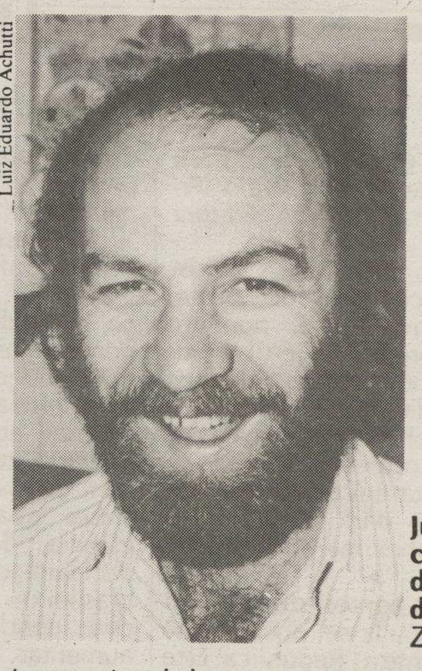
— Ausência de intermediários
— Menor custo
— Padrão Sistema UNIMED de Saúde

UNIMED

Porto Alegre — RS
Rua Santa Terezinha, 142
Fone: 31-1677

Os sotaques brasileiros

Juarez Fonseca



Luiz Eduardo Achutti

Juarez é crítico de música do jornal *Zero Hora*

A música popular brasileira vive, hoje, um dos períodos mais indefinidos de sua história. E conforme a ótica de quem a analise, isso é considerado bom ou não. Podemos ver como definidos os anos anteriores à era do rádio, onde de certa forma fixou-se uma linguagem musical e instrumental brasileira. Depois, a época dos programas de auditório e seus cantores, lançando a base para a massificação de hoje e sedimentando o distanciamento mítico entre público e artistas, foi um momento bem definido. O mesmo se pode dizer da bossa-nova, que promoveu a primeira grande revolução no ambiente musical do Brasil, provocando polêmicas e sendo exaustivamente discutida e debatida. E definido também, na seqüência, foi o momento em que a televisão entrou em cena, com a Jovem Guarda, com a projeção bossa-novista (agora politizada) naquilo que foi batizado de MMPB (Moderna Música Popular Brasileira) e naquilo que veio a ser a segunda grande revolução, o tropicalismo.

Tudo o que temos hoje é exatamente a continuação desses momentos particulares, generalizados. Antes era possível a compartimentação. Por exemplo, a era do rádio, produzindo os primeiros ídolos de massa e coincidindo com a modernização e popularização do disco, é uma coisa que pode ser analisada de forma bem específica. Com a bossa-nova, igualmente isso pode ser feito, agora inclusive com a objetividade de datas — quando começou, quando foram publicados sobre ela os primeiros ensaios e artigos, quando se consagrou no Exterior, etc. Também a Jovem Guarda, abrindo-se à manifestação juvenil em grande escala; a música de "protesto", do período entre 64 e 68, com sua proposta nacionalista; o tropicalismo, revolucionando formas e valores "éticos" e estéticos, foram momentos mais ou menos fechados enquanto definições, e portanto possuíram e possuem claros e objetivos elementos para análise. Possuem nomes, situações e datas. E me parece que como nenhum outro desses momentos, o tropicalismo é o que reuniu, de forma antecipadora, os elementos de projeção futura da música popular brasileira. Simplesmente porque ele representa uma soma disso tudo, em todos os sentidos e mais um: o dado do regionalismo, a compreensão do regionalismo e, como conseqüência, também a compreensão do internacionalismo. Esses dois elementos, mas principalmente o dado regional, viriam a ser a marca do *panorama geral* que temos hoje.

A expressão "panorama geral" é usada no sentido de que atualmente a música brasileira está polarizada em vários segmentos de criação e expressão, manifestando-se cada um com personalidade. Não há nenhum fator exclusivo, determinando um comportamento generalizado ou uma reação contrária. Mas também não se pode dizer que esses segmentos hoje apenas "convivem", sem atritos. 58, fim da era do rádio, bossa-nova, e 68, Jovem Guarda, protesto, tropitalismo, demonstraram que o atrito é altamente positivo, porque renovador, mas hoje ele jamais se daria àqueles níveis, porque o dado fundamental estabelecido pelos anos 70 não foi a centralização, mas a diversificação.

Embora exista uma identificação natural entre grupos, embora os meios de comunicação muitas vezes tenham a tendência de acentuar isso para um lado de característica competitiva, não há mais nenhum sentido real e lógico, hoje, em definições que compartimentam "os cariocas", "os mineiros", "os cearenses", "os baianos", "os pernambucanos", "os gaúchos". Todas as correntes nacionais de formação e informação musical começam a ser veiculadas e, mais do que em qualquer outra época, podemos vislumbrar o que seja, realmente, uma música popular *brasileira*. Sente-se uma união maior, um respeito maior entre os artistas. Refletindo os sentimentos do corpo social do País, eles fermentaram a passaram a desenvolver essa união durante os anos repressivos. Também nunca como antes, nesses anos, o Brasil passou a ser motivado como um todo.

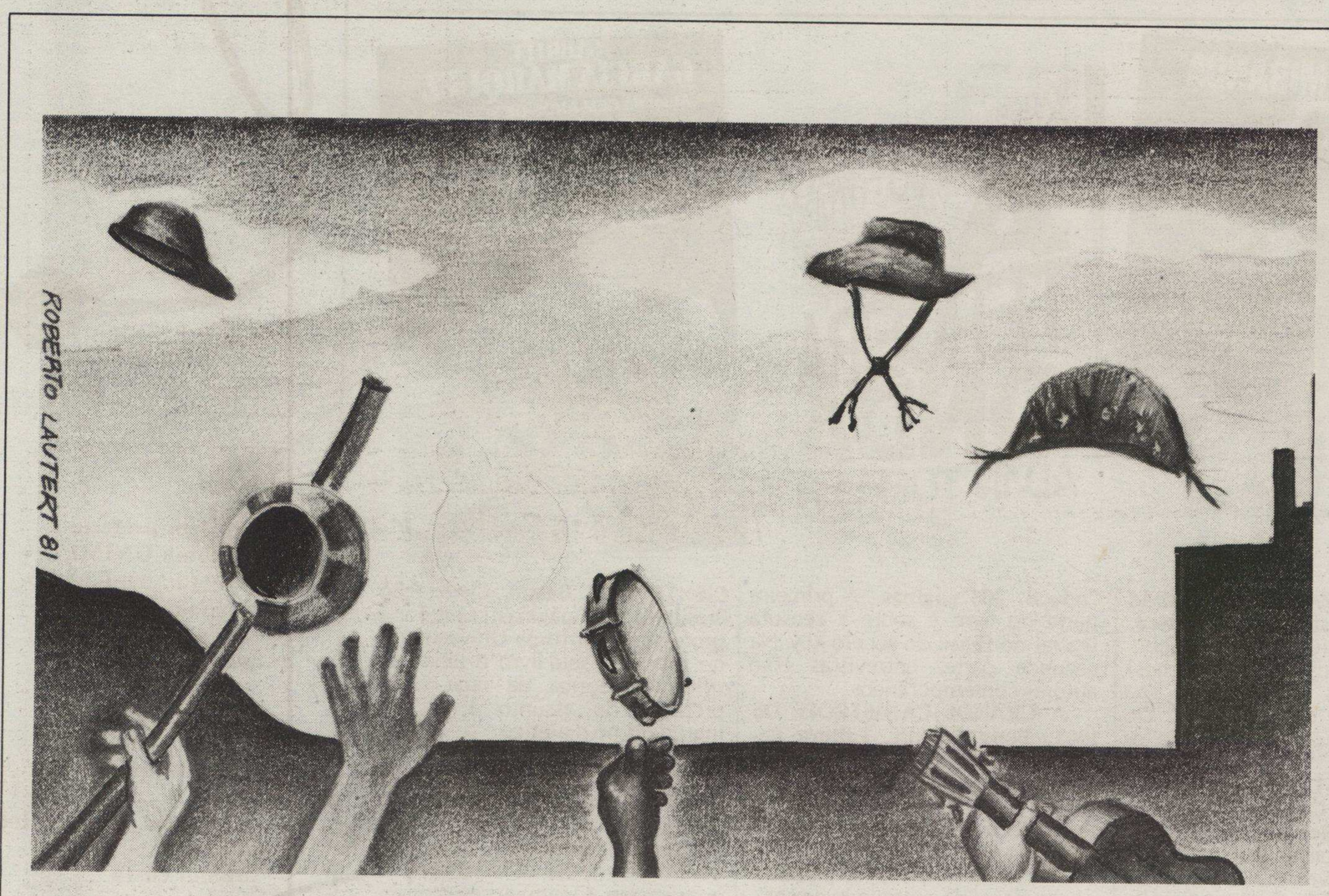
Por outro lado, antes do final dos anos 50 e da bossa-nova, não havia, a rigor, autores. Havia compositores que dependiam diretamente dos cantores para colocar seu trabalho ao público. Não se pode esquecer também que, mesmo alimentada pela criatividade de grandes músicos, a época de pré-bossa-nova foi um tempo de muitas e muitas versões. Aliás, coincidindo com a bossa-nova, tivemos a música juvenil "brasileira", dando seus primeiros passos, sob a influência direta de um *rock and roll* já diluído em forma de baladas. Celi Campello e sua turma cantavam somente versões de músicas americanas. A música brasileira não possuía *idéias*, em seu sentido mais exato, ideológico. E a característica fundamental do período pós-bossa-nova, principalmente a partir da segunda metade dos anos 60, é a entrada em cena dos autores, isto é: das idéias.

A música popular brasileira como configuração ideológica foi enfatizada a partir dos festivais do fim dos 60, sendo a semente fértil da descentralização e diversificação atuais. Os anos 70 são marcados não pelos cantores, mas pelos compositores. Se antes os últimos dependiam dos primeiros, passou a ser o contrário (e continua sendo assim). São marcados também pelo dado internacionai de que a música se tornou o mais rentável e abrangente departamento da indústria cultural. E sendo assim, foi massificada no pleno sentido da palavra. Ao mesmo tempo em que colocavam no Brasil milhares de discos estrangeiros, as gravadoras multinacionais foram se abrindo cada vez mais aos artistas brasileiros.

Se na última década não aconteceu um novo "movimento" (muitos jornalistas, prinpalmente, pareciam ansiar por ele) se o Brasil foi invadido pela música internacional descartável, ao mesmo tempo nunca como nessa época a música popular brasileira teve um crescimento tão coletivo e diversificado. Com o dado essencial, que define a realidade dos novos tempos: a aproximação com o público — ou o povo. Antes o contato era indireto, via rádio e/ou televisão. Os músicos viajavam muito pouco, praticamente não saiam de Rio ou São Paulo. Nos anos 70, os shows passaram a percorrer o País em todas as direções, e esse fator é de extrema importância para entendermos o momento atual.

Na barra pesada da década, o contato direto e quantificado entre músicos e público foi formando um consenso de nacionalidade, e não apenas musical. Entre as várias formas de manifestação cultural, a música foi a única que conseguiu progredir nesse tempo. Ela foi veículo de referência global, vivo, mostrando que existia um Brasil igualmente vivo e inquieto. Foi um elemento unificador. Não é coincidência que nos anos 70 os espetáculos de música tenham se transformado em manifestações de massa, movimentando públicos inéditos até então.

Paralelamente à democratização no sentido do público, a música brasileira passou a viver um grande processo de abertura interna. Centenas de novos compositores e intérpretes surgiram, vindos de todas as partes. E todos os gêneros musicais, sem exceção, foram adquirindo espaço para manifestar-se. O fenômeno, talvez mais significativo da década passada, foi a descoberta e valorização do elemento regional, que até então se manifestara de forma isolada. É aí que se adquire a compreensão dos microcosmos e do macrocosmo, pois a nacionalidade é feita pelos regionalismos. Esse fenômeno, que permitiu a diversificação formal, estética, cultura, universal, da música brasileira, deverá manter-se como elemento-chave de revitalização na década de 80. Se considerarmos os "movimentos" mencionados no início deste texto, os tempos atuais são, portanto, muito indefinidos, porque não há nada que se possa compartimentar, isolar. Os anos 70 colocaram na roda o entrechoque de tendências e viram se desenvolver uma música que, como conjunto, mostra extraordinária saúde. A definição de nossa música a partir dos anos 70, é o Brasil, os sotaques brasileiros.



Cupom de assinatura Coojornal

Nome: _____

End: _____ Nº: _____

Bairro: _____

Cidade: _____ CEP: _____

Estado: _____

Profissão: _____

Assine o Coojornal

Ele agora está muito melhor

Mande o cupom de assinatura e um cheque nominal para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda., no valor de Cr$ 1.100,00, e receba em casa, por um ano, o seu **Coojornal.**

Coojornal, Rua Comendador Coruja, 372 — CEP 90.000 — Fone: 335099
Porto Alegre — RS

INDICADOR PROFISSIONAL

Dr. João Carlos Domingues

Pediatra

CREMERS 7537
CPF 165332080/064
José de Alencar, 1.296, Apto. 1
Porto Alegre RS
Fone: 33-0505

DR. ANTÔNIO CARLOS GERBASE

Dermatologia
Venereologia

Marechal Floriano, 91/814
Fone: 24-6601
Diariamente: 15 — 18 hs.

Este espaço foi reservado para o seu anúncio

Omar Ferri

Advogado

OAB 2406 CPF 004117520
Uruguai, 155 cj. 1306
fone: 25-4119
Horário: 10 — 12hs
16,30 — 18,30 hs.
Porto Alegre RS

Luiz Goulart Filho
OAB 7182 CIC 183730030/53
Hélio Goulart
OAB 12.600 CIC 220083570/15

Advogados

Horário: Das 10,30 às 11,30 e
Das 17,00 às 19,00 hs
Demétrio Ribeiro, 1078 cj. "B"
fones: 25-8393 33-6476

Nereu Lima

CPF-MF 082058760-53
Advocacia Criminal
Borges de Medeiros, 410
salas: 509/510
tel: 24-6049 Porto Alegre

Geraldo Nogueira da Gama

Advogado

OAB 5951 CPF 059035050/15
Rua Cel. Genuíno, 421
— 12º andar
Fone 25-0154
Porto Alegre RS

LUIZ LOPES BURMEISTER
OAB 2334

ROGÉRIO MENDONÇA
OAB 66 E 17

ADVOGACIA TRABALHISTA DE EMPREGADOS

Andrade Neves, 159/105
Fone: 25-5866
Porto Alegre

ANTÔNIO PINHEIRO MACHADO NETTO

MARILIA PINHEIRO MACHADO BUCHABQUI

JOSÉ ANTÔNIO GOMES PINHEIRO MACHADO

JORGE SANTOS BUCHABQUI

advogados

Rua Riachuelo, 1.098 — conjunto 603.
Telefones 243855 e 243860.
Porto Alegre, RS.

Luiz Carlos
Calachi Moraes

Advocacia Trabalhista

P/Empregados

Andrade Neves, 159 sala: 64
fone: 33-5445
Edifício Amazonas

Rovílio Antonio Breda
OAB/RS 2583

Abade P. Bulhões
OAB/RS 2835

AVENIDA BORGES DE MEDEIROS, 453
CONJ. 81 FONE: 24.69.23

ADVOGADOS

OAB/RS 939 CPF 001783570/49
fones: 24-2796 e 25-6305

Helio Carlomagno
ADVOGADO

João Carlos Gastal OAB 599
Newton Domingues Kalil OAB 7061

Falências e Concordatas

Inventários — Separações — Divórcios
Rua Ramiro Barcelos, 330
2º and. fone: 24-9846

Advogacia em Geral — Questões de Direito das Sociedades Cooperativas

Dr. Marco Túlio de Rose
OAB 9551 — CIC 133.646.690/15

Dr. Luiz Rache Vitello Filho
OAB 11.613 — CIC 202.967.700/00

Dra. Liliana Berry Veiga de Rose
OAB 10.987 — CIC 210.190.880/87

Rua Uruguai, 335, s/37 — Fone: 25-2687
Porto Alegre

---

advogados

HELIO ALVES RODRIGUES
oab 3975 cpf 001520800/15
JULIO CÉSAR ALVES RODRIGUES
oab 3408 cpf 001520990/34

RUA ANDRADE NEVES, 159 — 2º ANDAR
Fones: 24-8616 e 25-8035

Mario Chaves
Carlos Franklin Araújo
Vera Lucia Kolling

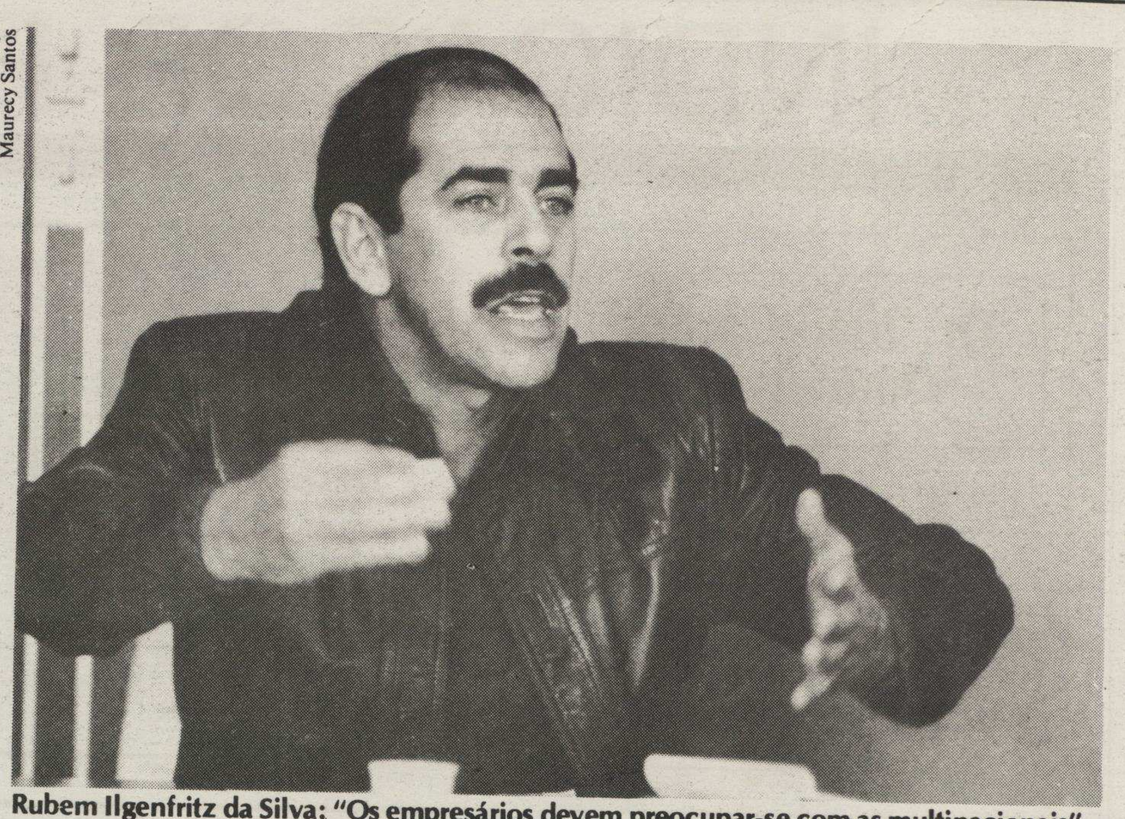
ADVOCACIA DE EMPREGADOS

Andrade Neves, 155 conj. 35/36
fone: 24-3159 Porto Alegre

Porto Alegre — RS

Empresariado gaúcho, em crise, está errando o alvo

Rafael Guimarães



Maurecy Santos

Rubem Ilgenfritz da Silva: "Os empresários devem preocupar-se com as multinacionais"

Em poucos meses, as cooperativas gaúchas sofreram novos ataques da indústria e do comércio. Elas são acusadas de atuar em áreas fora de suas finalidades. Mas seus dirigentes respondem: "As empresas estão lucrando menos e querem culpar o cooperativismo. Mas elas deveriam preocupar-se com a penetração da tecnologia e do capital estrangeiro que estão tomando conta de nossa economia".

A ofensiva, que já dura nove meses, da fábrica Nortox Agroquímica S/A, do Paraná, contra a Central de Cooperativas de Produtores Rurais do Rio Grande do Sul (Centralsul) traduz-se em mais um capítulo da polêmica, envolvendo os empresários e as cooperativas. Os empresários acusam o cooperativismo de invadir segmentos da economia que são estranhos aos objetivos da doutrina cooperativista. Não foi por outra razão que nos últimos meses, quase simultaneamente, as entidades máximas da indústria e do comércio gaúchos, voltaram a abrir suas baterias contra a ação das cooperativas, acusando-as de gigantismo e desvio de finalidades, enquanto estas respondem que estão cumprindo sua obrigação perante os associados.

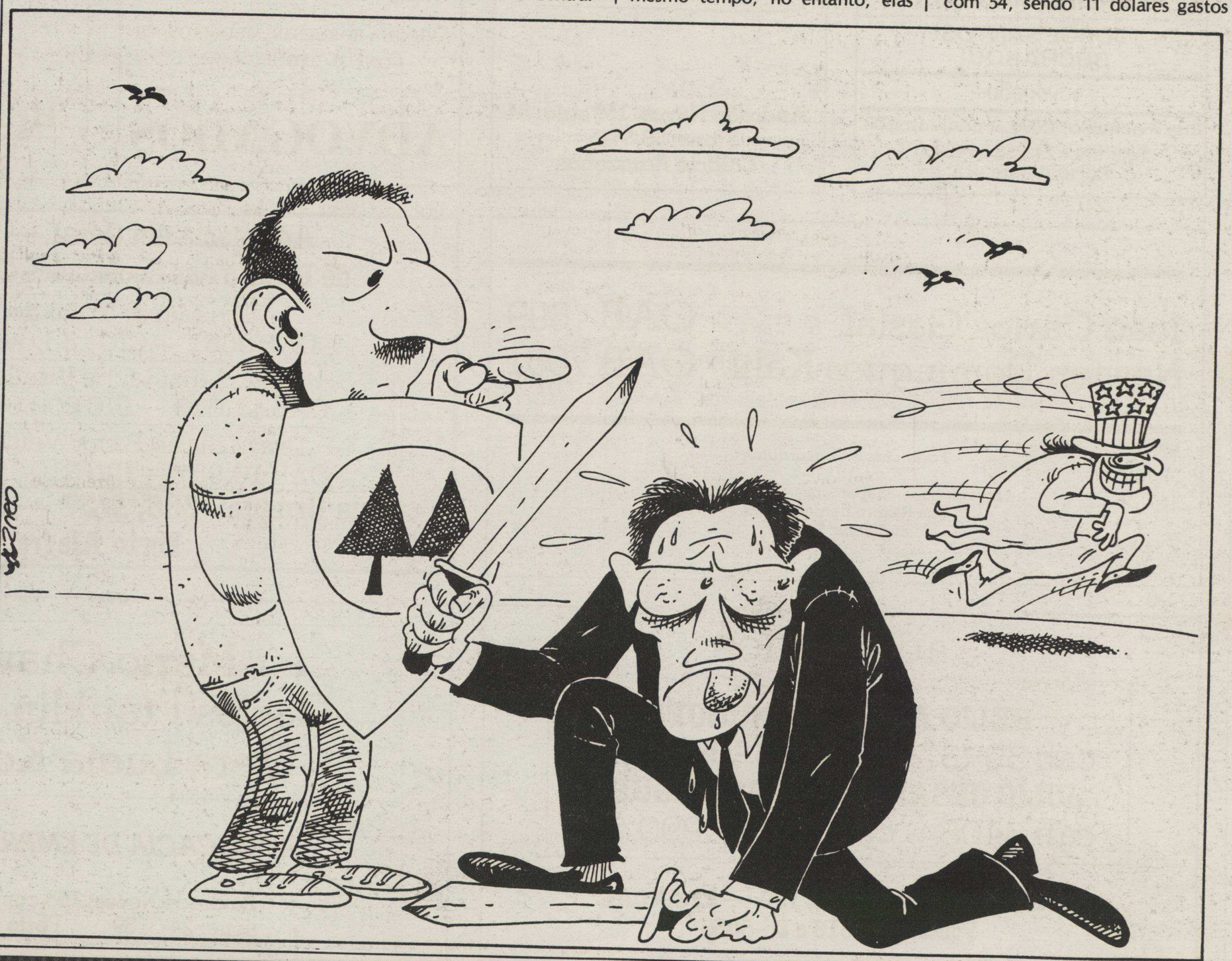
Em julho, durante uma reunião do Conselho Deliberativo da Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul, os empresários voltaram a acusar as cooperativas de ingressarem numa área que não lhes compete. Segundo a ata da reunião, transcrita pelo semanário *O Interior*, um dos presentes chegou a salientar a "necessidade de se criar opinião pública sobre o assunto". Em agosto, durante o 12º Encontro de Federações de Indústria do Extremo Sul, os representantes gaúchos fizeram uma proposta — aceita — de "controle efetivo das operações realizadas por cooperativas, afinal o que se espera é que elas exerçam a função para a qual foram constituídas, não se expandindo para áreas fora de sua finalidade original".

O caso da Nortox não é diferente. Desde março a fábrica paranaense faz acusações sistemáticas à Centralsul, através de apedidos publicados na imprensa e notas oficiais. Trata-se de uma briga de mercado, pois até 1979 ela detinha o monopólio da fabricação do dinitro, matéria-prima essencial à fabricação do defensivo da soja, a trifluralina. Quando a Defensa S/A, fábrica da Centralsul(*), passou a fabricar o dinitro e expandiu sua produção de trifluralina, naturalmente a Nortox perdeu seu mercado e, inconformada, passou a atacar a Central gaúcha.

A MODERNIZAÇÃO

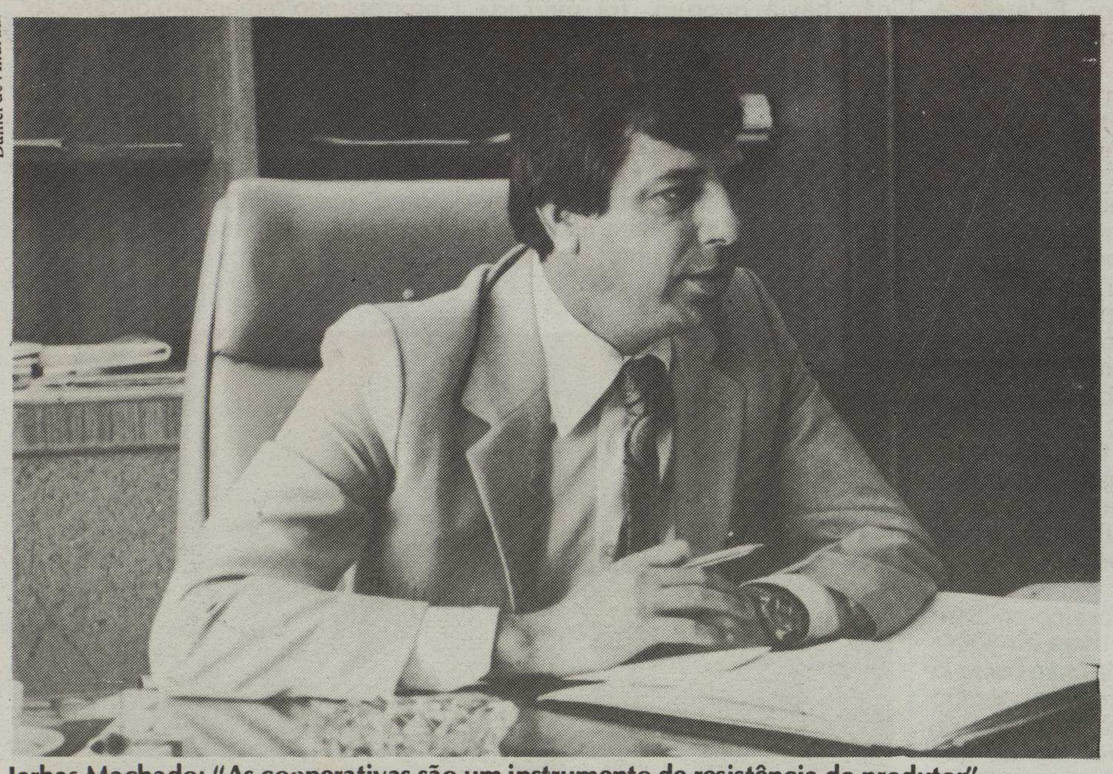
Para as cooperativas, no entanto, a expansão significa proporcionar melhores condições aos seus associados e, em alguns casos, até a própria sobrevivência. "A cooperativa era artesanal quando a agricultura era artesanal", define Rubem Ilgenfritz da Silva, presidente da Cotrijuí, cooperativa pioneira na fase de industrialização. "A mecanização da agricultura forçou as cooperativas e se modernizarem". O presidente da Fecotrigo, Jarbas Pires Machado, acrescenta: "As cooperativas gaúchas foram o principal instrumento da penetração capitalista no campo, servindo de intermediárias entre os produtores e as indústrias multinacionais. Ao mesmo tempo, no entanto, elas passaram a atuar como foco de resistência dos produtores". Foi o próprio Jarbas Machado quem sintetizou a fórmula para o desenvolvimento do cooperativismo: gestão democrática e eficiência empresarial.

Em junho de 1980, a partir de um estudo que reuniu diversos teóricos cooperativistas, a antiga Fecotrigo passou a chamar-se Centralsul, ficando encarregada de industrializar e comercializar a produção das cooperativas filiadas. Para cuidar dos aspectos políticos e institucionais do cooperativismo, foi criada outra entidade, também chamada Fecotrigo. O estudo baseou-se num trabalho do professor Roque Lauschnner, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Utilizando dados da agricultura norte-americana, já que no Brasil não existiam equivalentes, ele constatou que em 1911, de 100 dólares obtidos com a venda de seu produto, o agricultor ficava com 54, sendo 11 dólares gastos



Faça seu pedido pelo reembolso postal para Coojornal — Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS

COOPERATIVISMO E COMPETIÇÃO
A experiência do Cooperativismo alemão na busca de adaptação ao regime capitalista.
Coleção Cooperativismo
Selo Debate nº 1
Cr$ 200,00



Daniel de Andrade

Jarbas Machado: "As cooperativas são um instrumento de resistência do produtor"

Eneida Serrano

Ari Dalmolin: "Continuaremos atuando em tudo que for de interesse do associado"

em insumos (fertilizantes e defensivos) e 35 no que chamou de complexo de comercialização, que inclui transportes, indústria e intermediários. Em 1964, com a tecnificação da lavoura, dos mesmos 100 dólares o produtor só recebia 11, tendo que gastar 21 em insumos e nada menos que 68 dólares no complexo de comercialização.

A solução encontrada foi criar uma infra-estrutura onde o cooperativismo assumisse a industrialização dos insumos e a comercialização, não apenas da produção, mas de bens de consumo para os associados, permitindo que aquele capital retornasse ao produtor, seja em forma de assistência e serviços como da distribuição dos lucros das indústrias. Daí a reação do empresariado.

ALVO ERRADO

Durante um almoço na Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil, em Porto Alegre, no início de dezembro, Rubem Ilgenfritz da Silva afirmou que a preocupação do empresariado era válida e a discussão sobre o problema, saudável, mas ressaltou: "Acho que as empresas estão diminuindo sua margem de lucro e querem encontrar o culpado no cooperativismo. Talvez devessem protestar contra a entrada cada vez mais intensa de capital e tecnologia alienígenas, que estão tomando conta da economia nacional sufocando a pequena e média empresas".

Quando a Cotrijuí abriu seu departamento de consumo, em meados da década de 70, e passou a vender eletrodomésticos por preços até 60% inferiores aos do comércio, foi acusada da prática de *dumping,* procedimento largamente adotado principalmente pelas multinacionais, que consiste em vender artigos por preços mais baixos para eliminar a concorrência. "Isto é um absurdo", afirma Ilgenfritz da Silva, "porque nem o maior dos 400 postos de vendas de cooperativas que funcionam no Rio Grande do Sul tem condições de concorrer contra os magazines de médio porte. Na nossa loja, por exemplo, só existe uma cor de geladeira e um tipo de rádio".

O episódio envolvendo a Nortox e a Centralsul é ilustrativo. Inicialmente a Nortox queixou-se ao Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) que a Centralsul, através da Defensa, estaria praticando concorrência desleal para acabar com a concorrência, vendendo trifluralina por preços mais baixos que os seus, apesar de possuir indústrias menos aperfeiçoadas. O Cade abriu um processo contra a Central gaúcha. Mas a briga, na verdade, é mais antiga.

Em 1978, quando iniciou a produção da *Trifluralina Fecotrigo,* a Defensa comprava dinitro da Nortox que, com o aval do Plano Nacional de Defensivos, detinha o monopólio da matéria-prima. Em maio daquele ano, a Defensa anunciou o preço de venda da trifluralina, mais baixo que o do mercado, e, em represália, a Nortox suspendeu o embarque de dinitro programado e só reiniciou graças a uma ação judicial movida pela Defensa. Para o ano seguinte, no entanto, a fábrica paranaense anunciou que não poderia atender ao pedido solicitado pela Defensa, que pretendia expandir sua produção. Diante da situação, a Defensa resolveu produzir seu próprio dinitro, adquirindo *know-how* da Agricur Defensivos Agrícolas, subsidiária de uma empresa estatal israelense, a Koor Chemicals.

Quanto à acusação de *dumping,* a Centralsul comprovou que o preço de venda da *Trifluralina Fecotrigo,* determinado pelo Conselho Administrativo da Centralsul, era pelo menos 20% superior ao preço de custo. A Nortox fala ainda em "pressão sobre as cooperativas, para que elas comprem o produto da Defensa". O presidente da Centralsul, Ari Dalmolin, pergunta: "Obrigar as cooperativas a adquirirem da Centralsul produtos cujo preço é inferior aos similares do mercado?"

Em diversas de suas declarações, o presidente da Nortox, Osmar Amaral, cita a expressão "conluio Koor/Centralsul", fazendo questão de colocar o nome da empresa israelense antes, tentando dar a impressão de que a Centralsul seria uma mera testa-de-ferro. Na realidade, a Defensa S/A possui a seguinte composição acionária: 64% das ações pertencem à Companhia de Armazéns Graneleiros, empresa de propriedade da Centralsul; 18% à Agricur e outros 18% à Satipel Industrial, que cedeu a área onde está instalada a Defensa, no município de Taquari. A Agricur, subsidiária da Koor Chemicals, é mencionada no contrato como fornecedora de tecnologia, com a ressalva de que isto não significa a evasão para o exterior de uma divisa sequer. É o mesmo que ocorre com a própria Nortox, empresa criada em 1954 que desde 1975 tem participação estrangeira em seu capital — 10% — através da empresa suíça, Phergufina A. G. Gesellschaft Fur Chemisch Pharmazeuthische Entwicklung Und Finanzierung, que transfere tecnologia.

DESASTRADO

Talvez desinformado, o deputado federal Hélio Duque, do PMDB paranaense, interviu com um desastrado discurso na Câmara Federal, falando num "impatriótico conluio de empresas multinacionais e a Centralsul, núcleo de cooperativas do Rio Grande do Sul, que visa esmagar, pela concorrência desleal, utilização de *dumping* e desrespeito às leis brasileiras, a empresa Nortox". E exigiu que o Incra e o Governo Federal interviessem na questão.

Em resposta, a Centralsul enviou um *dossiê* ao deputado, comprovando que entre 1978 e 1980 a Nortox experimentou um lucro operacional líquido de Cr$ 345 milhões, ou seja, 900%. "Seria esta, ilustre deputado, a empresa nacional que estamos destruindo? Imagine Vossa Excelência o que ela seria se estivesse sozinha no mercado", perguntou a Centralsul. O documento prossegue: "Não é papel da cooperativa de produção, apenas, verberar contra a exploração a que está submetido o preponderante desenvolver projetos competitivos que, efe-projetos competitivos que, efetivamente, minimizem os custos de produção do setor primário, para que a produção cresça com benefícios a quem faz e que não permaneça na subserviência, engordando os capitais das produtoras de insumos".

Outra acusação da Nortox diz respeito a uma pretensa venda casada de trifluralina com inoculantes para a soja que a Centralsul estaria patrocinando, com base num contrato firmado com a Agroindústria Planalto, da qual Ari Dalmolin e seu irmão, Argermiro, detêm 50% do capital. Segundo a Centralsul, esta venda casada não existe: "Em 1980, a Defensa fez doação deste insumo a uma central de cooperativas do Estado do Paraná. No máximo, aquela doação poderia caracterizar-se como um brinde, ocorrência absolutamente corriqueira e normal em qualquer ramo de comércio".

OS DÓLARES

A Nortox, num de seus apedidos, alega que a Centralsul estaria fazendo importações irregulares, provocando a evasão do país de milhares de dólares. A Centralsul argumenta que todas as suas operações com o exterior foram autorizadas pela Carteira de Comércio Exterior (Cacex) do Banco Central. A indústria paranaense alega ainda que, ao ano de 1980 a Defensa vendeu trifluralina a uma cooperativa de São Paulo por preços inferiores aos cobrados das cooperativas filiadas à Centralsul, que explica: "Em 1980, a Cooperativa Agrícola de Cotia, no Estado de São Paulo, encomendou uma remessa de trifluralina. Mas, devido a um pequeno incêndio na indústria de Taquari, esta remessa não pode ser enviada, causando sérios danos à cooperativa paulista. A Defensa, para pagar este prejuízo do cliente, comprometeu-se a manter os mesmos preços para a encomenda do ano seguinte".

As acusações provocaram uma reunião entre as cooperativas filiadas à Centralsul e à Fecotrigo, com a participação da Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul (Ocergs). Na reunião, Dalmolin colocou seu cargo à disposição, dizendo-se impedido de continuar dirigindo a Centralsul, caso houvesse alguma desconfiança por parte das filiadas sobre sua administração. Como resposta, os representantes das 82 cooperativas presentes lançaram uma nota oficial, repudiando as acusações da Nortox. As cooperativas esclarecem que "os objetivos da Centralsul de desenvolver a agroindústria de insumos de transformação são de absoluta decisão e responsabilidade do próprio sistema cooperativista".

DINHEIRO A CANDIDATOS?

Ao mesmo tempo que corre o processo no Cade — as duas partes já foram ouvidas —, tramita na Justiça comum uma queixa-crime de Dalmolin contra o presidente da Nortox. Enquanto isto, surge um projeto no legislativo, que propõe que as cooperativas passem a pagar imposto de renda em suas atividades na indústria e no comércio. Esta, aliás, é uma reivindicação antiga dos empresários que se dizem prejudicados com a isenção tributária das cooperativas — quem paga o imposto, segundo a legislação atual, é o associado. Para o presidente da Fecotrigo, Jarbas Machado, "não existe quem pague mais impostos do que as cooperativas", e acrescenta: "Por outro lado, não há termo de comparação entre os incentivos fiscais que o Governo concede às empresas mercantis e os destinados às cooperativas".

A discussão entre empresários e cooperativistas, no entanto, promete continuar. O presidente da Cooperativa dos Farmacêuticos, Hélio Porto de Souza, denunciou que existe intenção da Federação das Indústrias e da Federação das Associações Comerciais de dar apoio financeiro aos candidatos que se colocarem contra a expansão das cooperativas. Pelo cooperativismo, Ari Dalmolin é claro: "As cooperativas continuarão atuando nas áreas que julgarem benéficas aos seus produtores associados".

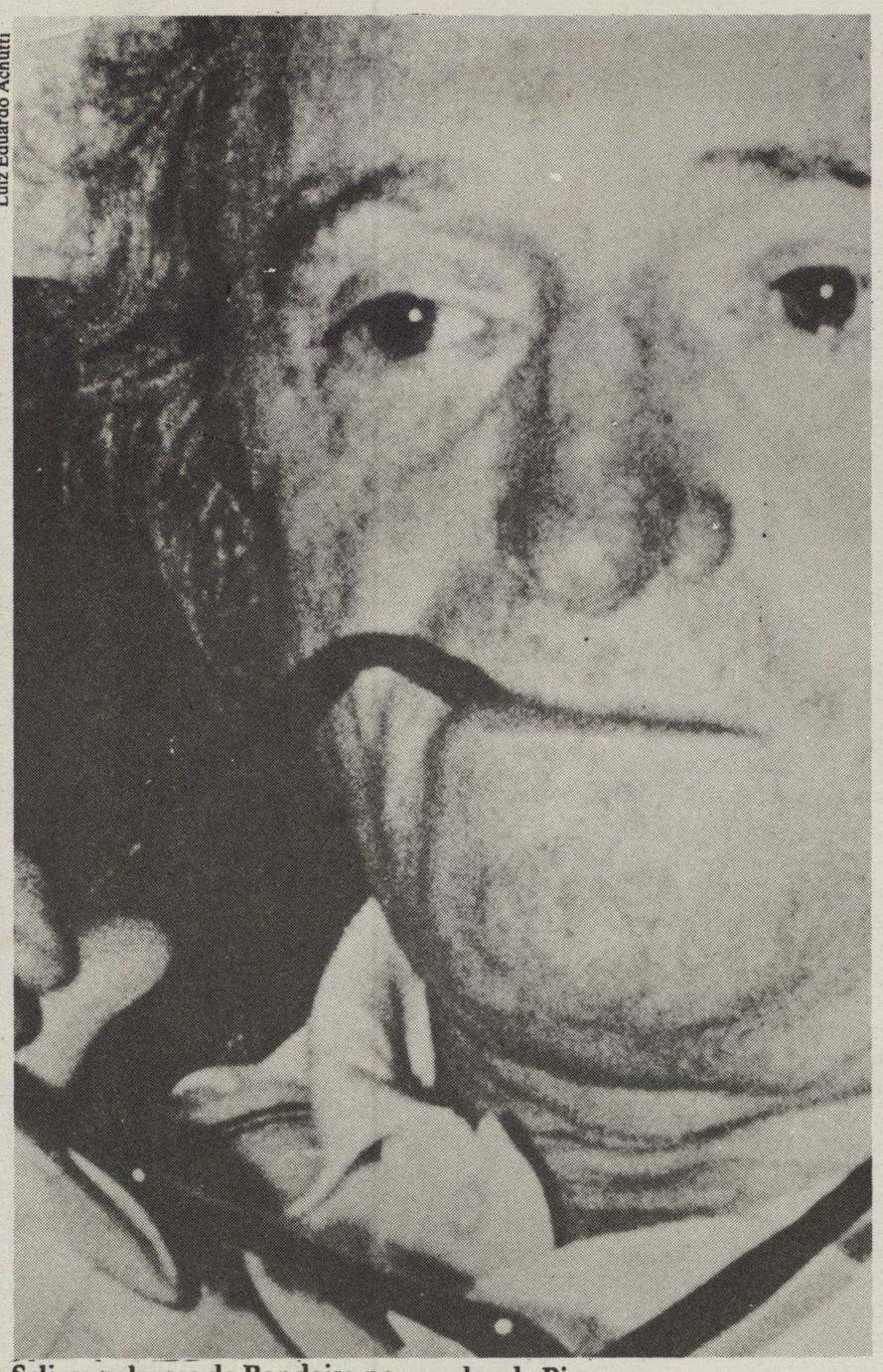
(*) *Além da Defensa S/A, que controla através da Companhia de Armazéns Graneleiros, de sua propriedade, a Centralsul possui as seguintes empresas: a Transportadora Charrua, a Pilla Corretora de Valores Mobiliários e de Câmbio, a Coopagri Corretora de Seguros e a Navegação e Comércio Lajeado. E associou-se à Mineração Irapuá.*

A UNIDONTO PROPÕE A TODAS AS COOPERATIVAS UM BOM NEGÓCIO

A Unidonto oferece assistência odontológica pelo sistema cooperativista.
A Unidonto oferece consulta e tratamento odontológico com hora marcada.
A Unidonto oferece seu plano de assistência familiar.
A Unidonto oferece preços mais baixos.
Solicite a presença de um executivo da Unidonto.

unidonto
PORTO ALEGRE
sociedade cooperativa de serviços odontológicos ltda.

Unidonto Porto Alegre Fone 24-5380 Av. Borges de Medeiros, 596 4° andar G. 42



Luiz Eduardo Achutti

Scliar: palavras de Bandeira no quadro de Picasso

O grito

A silhueta é inconfundível: trata-se da famosa mulher que está gritando, desesperada, no canto direito do quadro *Guernica,* de Pablo Picasso. Só que, ativista engajado na luta pela preservação das cidades históricas brasileiras, o pintor Carlos Scliar, gaúcho de 61 anos, resolveu dar um enfoque surpreendente a este grito mudo da anônima transeunte de *Guernica:* "Meus amigos, meus inimigos, salvemos Ouro Preto", grita uma reprodução quase perfeita da mulher pintada por Picasso. A frase é de Manuel Bandeira e foi usada por Scliar no seu mais novo quadro com duas funções:

— Minha primeira intenção, é claro, foi a de homenagear Picasso. Escolhido para participar da exposição organizada em função do centenário do seu nascimento, decidi não fazer apenas uma simples veneração ao mestre. Quis dar um enfoque mais político à homenagem. Como minha principal luta no momento é pela preservação de Ouro Preto — uma cidade que apesar de ser patrimônio universal, tombada pelo Unesco — não pára de ser descaracterizada, decidi dar voz ao grito mudo da mulher de *Guernica,* usando a frase genial de Manuel Bandeira.

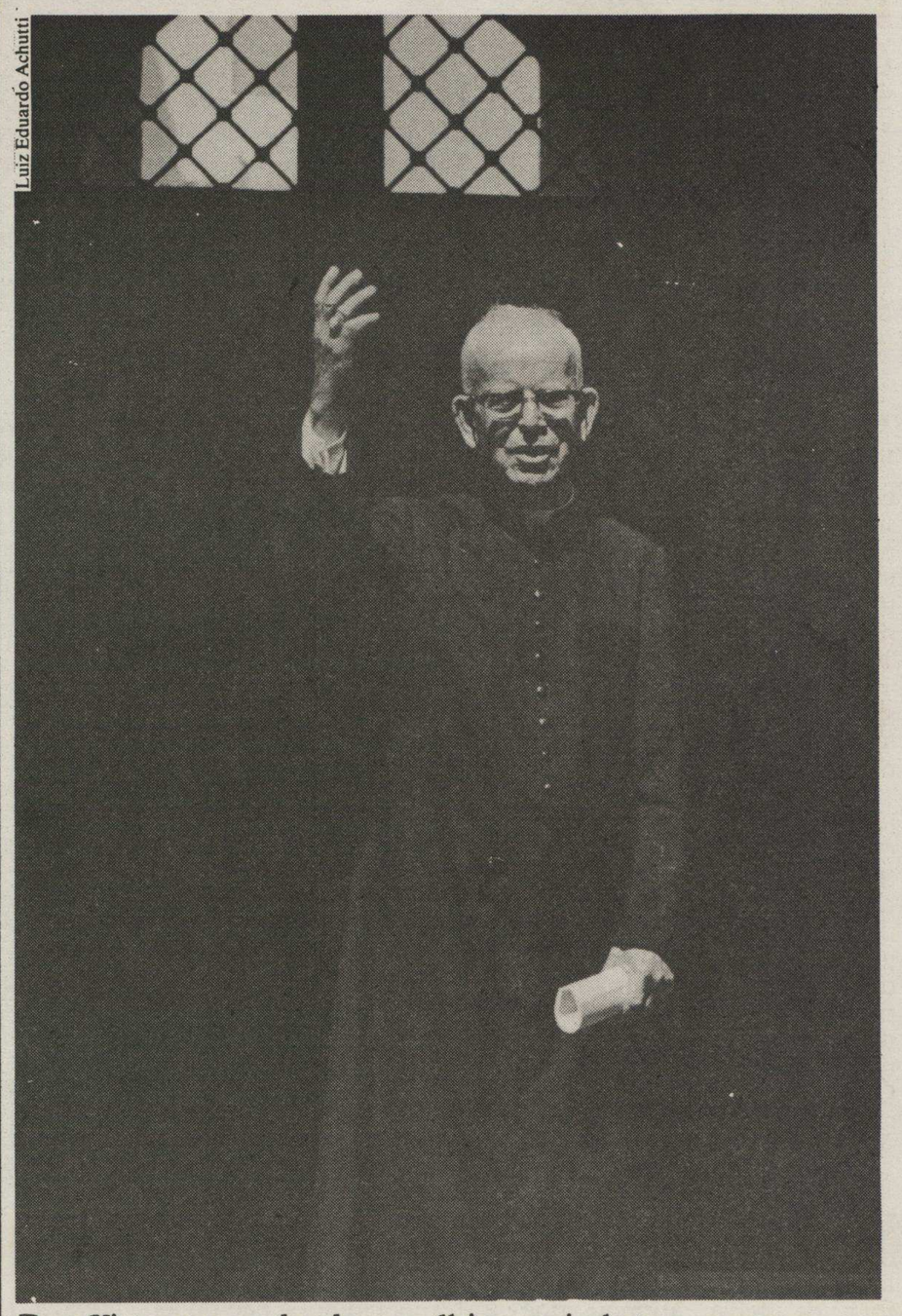
Scliar, gaúcho nascido em Santa Maria em 1920, mora em Ouro Preto há 20 anos. Mas não passa lá o ano inteiro: divide seu tempo entre as montanhas de Minas e o atelier de Cabo Frio, cidade que visitou pela primeira vez em 1941, "e que hoje está igualmente arrasada".

A despedida

Dom Cláudio Coling assumiu o arcebispado de Porto Alegre, no dia 6 de dezembro, com as devidas pompas e honrarias oficiais. Antes disto, porém, o velho Dom Vicente Scherer tratou de arrumar a casa para evitar qualquer desconforto a seu sucessor. Na entrevista que concedeu ao **Coojornal,** publicada na edição de outubro, Dom Coling manifestou especial aversão ao desembargador aposentado, Celso Gaiger, que presidia o Movimento de Justiça e Direitos Humanos.

Ocorre que o juiz Gaiger também integrava a Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Porto Alegre que, ao contrário de sua homônima de São Paulo, de intensa atuação nos casos de perseguidos políticos, tem apenas a função de aconselhamento. Na última eleição, Celso Gaiger foi eleito presidente da comissão pelos demais membros, mas como não havia quórum, foi marcada nova votação e o juiz era o candidato mais forte para ocupar o cargo.

Prevendo inevitáveis atritos, caso fosse mantido o resultado da eleição anterior, Dom Vicente Scherer resolveu acomodar as coisas: baixou uma portaria prorrogando o mandato da direção anterior e marcando as novas eleições para março, mas precaveu-se: afastou o juiz Gaiger da Comissão, alegando uma carta que o desembargador mandara a Dom Claudio, pedindo explicações sobre a entrevista concedida ao **Coojornal** em que seu nome é mencionado.



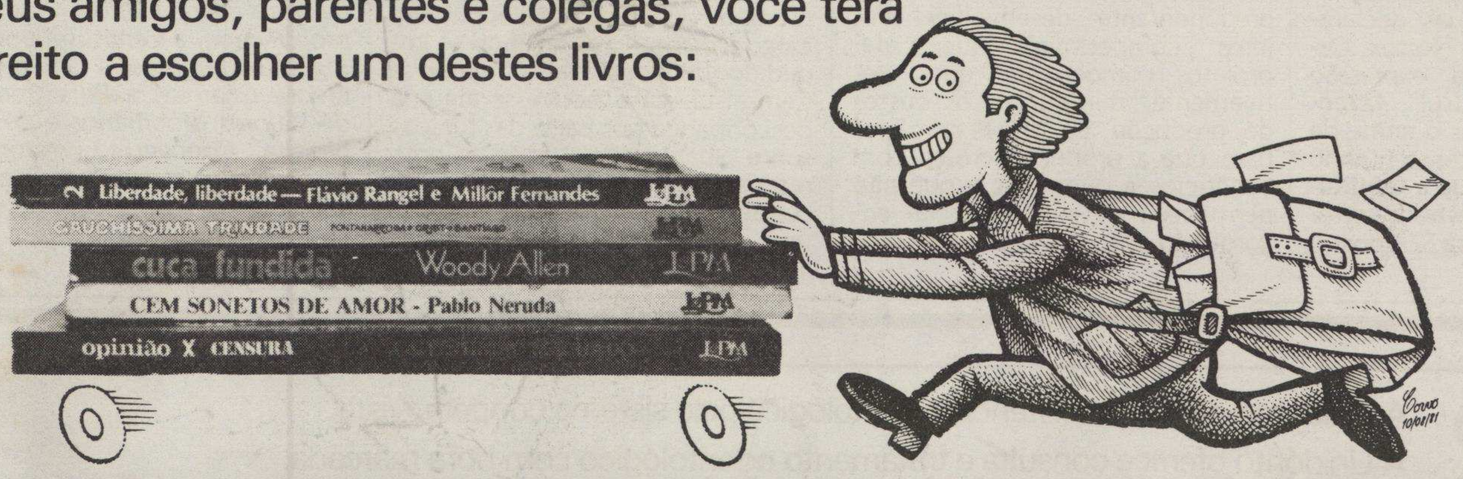
Luiz Eduardo Achutti

Dom Vicente: antes do adeus, as últimas articulações

O *Coojornal* tem presentes para os amigos

Você, que é amigo e leitor do **Coojornal**, está convidado a participar de nossa campanha de assinaturas e ganhar livros de presente.

É fácil: a cada três assinaturas do **Coojornal** que vender para seus amigos, parentes e colegas, você terá direito a escolher um destes livros:



- ☐ *Liberdade, Liberdade,* de Millôr Fernandes
- ☐ *Cem Sonetos de Amor,* de Pablo Neruda
- ☐ *Cuca Fundida,* de Woody Allen
- ☐ *Opinião x Censura,* de J. A. Pinheiro Machado
- ☐ *Gauchíssima Trindade,* de Santiago, Crist e Fontanarrosa

Se você vender cinco assinaturas do Coojornal terá direito a escolher dois livros!

Para ganhar os livros você precisa encaminhar:

1) Nome, endereço e profissão de cada assinante.
2) O valor das assinaturas, através de vale postal ou cheque nominal para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda. — Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS

Assinatura para o exterior: US$ 60.00
Cada assinatura anual custa apenas Cr$ 1.100,00

Devastação da Amazônia dobrou desde 79

Sr. Reissoly contesta méritos de Dom Cláudio

Senhor Diretor. Informado por amigos, procurei o nº 68 do **Coojornal**, órgão da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, de outubro do fluente ano, na pág. 15v. a referência à minha pessoa, na entrevista que o jornalista Manoel Canabarro obteve de Dom Cláudio, ex-bispo de Passo Fundo.

Na referida página, sob o título "Um certo konw-how em administração", ressalta aquele jornalista que a grande obra do ex-bispo, em Passo Fundo, foi o impulso "a hoje Universidade local", para o que "tomou a iniciativa de criar a Faculdade de Filosofia, mesmo sabendo que parte da comunidade passo-fundense, ligada à maçonaria e liderada pelo empresário Reissoly Santos preferia a criação de uma Faculdade de Direito". E que Dom Cláudio buscou dinheiro na Alemanha para construção do prédio. Quando pronto este, emergindo polêmica sobre qual Faculdade deveria ser criada primeiro, aquele ex-bispo de Passo Fundo, com despreendimento, concordara em doar prédio e terreno aos adversários com única condição de que "alguns padres pudessem dar aula na Faculdade". E "hoje a Universidade de Passo Fundo tem 12 faculdades"...

Tudo para comprovar o dinamismo de Dom Cláudio...

O que pretendo não é o dinamismo de Dom Cláudio, que aquele jornalista, com fatos reais e não com insinuações fundamentadas em falsidades poderia ter feito. Ao que atribuo a informações inverídicas de algum mal intencionado sobre a realidade dos acontecimentos.

Como descendente de família católica, difícil seria acreditar que religioso da categoria de Dom Cláudio fosse fornecer à Imprensa tais informes contra o testemunho do Povo de Passo Fundo e prova documental esclarecedora, se necessária.

É de notoriedade pública que o grande idealizador do Ensino Universitário em Passo Fundo e na Região foi o saudoso Professor Doutor Cesar Santos, criador e presidente da então Sociedade Pró-Universidade, ao qual, como gratidão imorredoura a coletividade passo-fundense erigiu busto de bronze na praça principal da cidade. Sem qualquer ajuda ou acordo com o bispo Dom Cláudio, com a minha colaboração direta e

Coojornal nº 68

a do Povo de Passo Fundo, não só a Faculdade de Direito, a primeira a funcionar, em 1956, mas mais cinco faculdades foram criadas, funcionando a de Ciências Econômicas, em 1957, Belas Artes, em 1958, Odontologia, em 1959, Agronomia, em 1960, Medicina, em 1961. Além dessas, outros institutos foram criados. Ao tempo em que fui Diretor da Faculdade de Direito, desde seu início, por vários anos, nenhum padre se candidatou nem foi professor, qual insinua a entrevista no **Coojornal.** Nunca tive conhecimento que a Maçonaria tivesse qualquer participação no movimento universitário, o que o ajudaria.

O prédio na Avenida Brasil, onde funcionavam as Faculdades, com uma quadra de frente a fundo, teve o terreno adquirido e as construções pela Sociedade Pró-Universidade (S.P.U.), com a planta fornecida pela Sec. de Obras Públicas, contribuição do então Governador Brizola.

Outros imóveis foram adquiridos pela S.P.U., inclusive a área da Cidade Universitária, com o meu aval e assinatura da Nota Promissória, por Cesar Santos, pertencente ao saudoso e notável advogado Dr. Bitencourt, que declarou que dela só se desfazia pela finalidade a que se destinava e a fé nos desígnios da S.P.U.

A planta foi planejada pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, por concurso, em que concorreram mais de duas dezenas de arquitetos do Brasil, vencendo em julgamento, na Faculdade de Engenharia desta Capital, a planta do arquiteto Castelo Branco, de São Paulo.

Nem cabe à minha pessoa o nome de "empresário" que nunca fui.

Caberia melhor a alcunha a quem emprestava dinheiro não seu a grandes empresas e depois o recebia de volta com polpudos lucros, o que era notório naquela cidade...

Aguardei que a publicação, era comentada, tivesse o desmentido de Dom Cláudio. Talvez não a conheça.

Como contribuição à História do Ensino Universitário de Passo Fundo, para que a verdade prevaleça sobre o embuste, venho a público. E poderei comprovar.

Reissoly Santos
Porto Alegre

(N.R.: As fontes de informação do **Coojornal** *em Passo Fundo afirmam que as duas partes — Dom Cláudio e o Senhor Reissoly — têm suas razões. A Universidade nasceu de duas vertentes, a Igreja e a comunidade. Quanto às insinuações em relação ao repórter, são desprovidos de qualquer noção jornalística. Não cabe resposta. No mais, se há concurso para alguma coisa entre o senhor Reissoly e Dom Cláudio não nos interessa participar — a carta do Bispo reclamando da matéria já foi publicada na edição passada, nº 69 do* **Coojornal.***)*

Disco voador não aceita burocracia

Senhor Diretor. Devido à impossibilidade de uma candidatura ovnista independente de filiação partidária e falta de condições atuais para registro do PO, pois as exigências burocráticas e legais para registro de novos partidos são enormes, o PO e os ovnistas decidem-se pela filiação ao PDT, para então já concorrerem às próximas eleições de 1982.

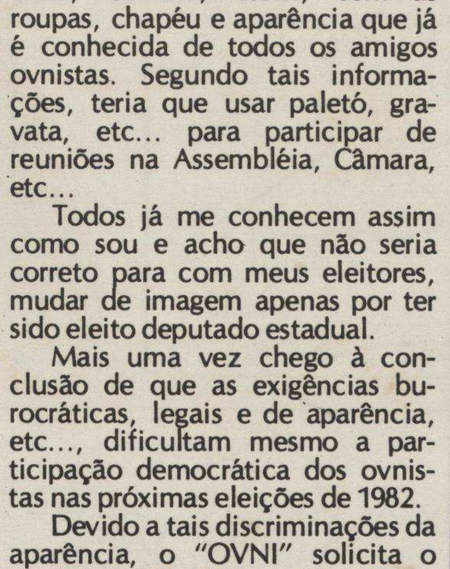
Por que o PO e os ovnistas decidiram-se pela filiação ao PDT? Porque o PDT é o partido democrático mais aberto às minorias discriminadas, tendo inclusive indígenas como candidatos para as próximas eleições de 1982. Além disso o PDT tem uma ideologia muito próxima do PO e do ovnismo. Dentro do PDT, atualmente, foi notada uma receptividade muito grande com relação aos ovnistas.

No PDT, os ovnistas continuarão lutando em prol de uma liberdade partidária completa e por candidaturas independentes.

O PDT defende muito as minorias discriminadas como as crianças, jovens, mulheres, negros, indígenas, etc... A preocupação ecológica também é um dos compromissos prioritários do PDT. A defesa dos direitos humanos é outra preocupação do PDT.

Por tudo isto, Luiz Rebouças Torres ou "OVNI" filiou-se ao PDT no dia 9-11-81 e lançou sua candidatura a candidato pelo PDT como deputado estadual.

Luiz Rebouças Torres — OVNI
São Paulo — SP



O próprio

EM TEMPO:

Senhor Diretor. Ontem fui informado, no PDT, que não poderia se fosse eleito entrar na Assembléia, Câmara, etc..., com as roupas, chapéu e aparência que já é conhecida de todos os amigos ovnistas. Segundo tais informações, teria que usar paletó, gravata, etc... para participar de reuniões na Assembléia, Câmara, etc...

Todos já me conhecem assim como sou e acho que não seria correto para com meus eleitores, mudar de imagem apenas por ter sido eleito deputado estadual.

Mais uma vez chego à conclusão de que as exigências burocráticas, legais e de aparência, etc..., dificultam mesmo a participação democrática dos ovnistas nas próximas eleições de 1982.

Devido a tais discriminações da aparência, o "OVNI" solicita o cancelamento de sua filiação ao PDT e desiste também da sua candidatura a candidato pelo PDT. Acredito contudo que tais exigências de aparência não sejam determinações do PDT e sim da Assembléia, Câmara, etc...

Sinceramente do leitor ovnista, em nome do PO (Partido Ovnista).

Luiz Rebouças Torres — OVNI
São Paulo — SP

(N.R.: A segunda carta chegou uma semana após a primeira.)

Lomotil: multinacional assume sua culpa

De hoje em diante LOMOTIL, o antidiarréico fabricado pela G.D. Searle, que nos Estados Unidos é contra-indicado, pelo seu fabricante. para crianças com menos de dois anos, passa a sê-lo também no Brasil. Até este momento, aqui no Brasil, o mesmo fabricante indicava este mesmo remédio para crianças com 3 Kg. de peso (vide **Coojornal** nº 67 p. 3), portanto, recém-nascidos. Fica provado, pois, mais uma vez a máxima que diz que — o que é bom para os Estados Unidos também o é para o Brasil.

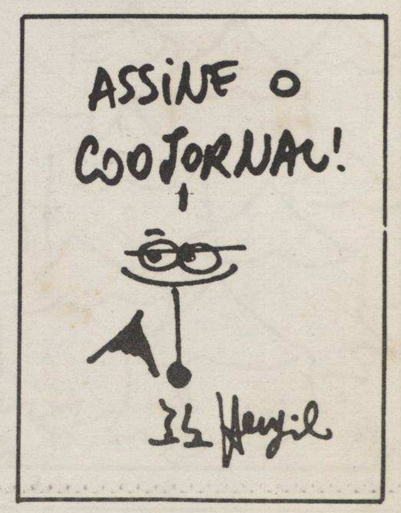
Brincadeiras à parte, a admissão mesmo que tácita, por parte da poderosa G.D. Searle que houveram erros no fornecimento de dados na comercialização de LOMOTIL em países do Terceiro Mundo, abre um precedente importantíssimo, e constitui um passo de suma importância para a moralização da ação das multinacionais dos medicamentos no Terceiro Mundo.

Tudo se deu da seguinte maneira. A Social Audit, pequena organização de pesquisa e divulgação, em Londres, que defende o interesse do consumidor britânico e de outros países, iniciou uma campanha internacional, na base da contrapropaganda, contra a multinacional G.D. Searle com base nos EUA e, fabricante mundial do LOMOTIL. O cerne da questão era indagar do fabricante de LOMOTIL as evidências científicas que fazem com que o mesmo remédio seja contra-indicado para menores de dois anos nos EUA, e na Índia, como no Brasil, indicado a partir de três meses de idade. Ou três quilos de peso, como no Brasil. Não havia como a G.D. Searle pudesse refutar o que era irrefutável.

No dia 28 de setembro, Charles Medawar, diretor da Social Audit, encontrou-se com elementos da cúpula dirigente da Searle entre eles Daniel Azarnoff, chefe de pesquisas, Richard McGraw, vice-presidente de relações públicas, ambos de Chicago, e P. Nicholson, diretor de pesquisas clínicas para a Europa. As mesmas indagações de sempre foram formuladas. Quais eram as evidências científicas para explicar as informações diversas na comercialização de LOMOTIL nos diversos países do mundo? Acuados contra a parede, aqueles que vendem mais de 30 milhões de dólares por ano de LOMOTIL, que responderam que "a Searle decidiu revisar as informações contidas nos seus produtos, para indicar claramente que LOMOTIL (difenoxilato) pode ser usado no tratamento auxiliar da diarréia e que *não é recomendado para uso de crianças com menos de dois anos de idade* desde que estas mudanças sejam aceitas pelos órgãos controladores locais" (revista SCRIP nº 630, Setembro 1981).

Tendo em vista esta declaração da Searle, tendo em vista o fato de que as autoridades médicas controladoras aqui no Brasil não vão se insurgir contra a mudança de informações, frutos de erros, cuja má fé ou não, não discutiremos agora, exigimos das autoridades da Searle, aqui no Brasil, que retirem imediatamente do mercado o produto LOMOTIL com a bula desatualizada, em função das declarações acima, ou que se providencie a feitura de novas bulas para substituição pelas velhas. Se isto não puder ser feito em tempo hábil, que a própria companhia através da *media* escrita, falada, ou televisada, ou as três, esclareça ao público consumidor das mudanças de informações contidas na bula de LOMOTIL, antes que mais uma criança menor de dois anos venha a sofrer os danos da droga. É isto que se espera, neste momento, da Searle do Brasil S/A, se é que esta pretende continuar nesta mesma linha de respeito ao consumidor que os seus dirigientes internacionais iniciaram, ao dizer a verdade. Mas isto é apenas o princípio.

Jacob Wolfson Fº
Rio de Janeiro



Imortal é o Barão!

Luiz Eduardo Achutti

Momento histórico: Glênio discursa e a cidade ganha monumento gracioso

Certamente é o mais singular monumento existente em praças públicas: num passeio da Praça da Alfândega, no centro de Porto Alegre, um grupo de jornalistas e intelectuais "ergueu", no dia 15 de novembro, tradicional data de encerramento da Feira do Livro, um "monumento" ao Barão de Itararé, considerado o patrono dos humoristas gaúchos. A homenagem, iniciativa dos humoristas associados à Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, fez parte da programação do 6º aniversário do **Coojornal.** Na ocasião, o vereador Glênio Peres convidado, fez o solene discurso:

Senhoras e Senhores!

Leitores de hoje e de ontem!

Leitores de amanhã, se o livro sobreviver à mumificação dos nossos tempos!

Tomei o cuidado de reunir nessas pequenas quarenta e oito laudas algumas considerações sobre esta reunião da Feira do Livro, à qual se espera que os não convidados compareçam sem bater.

Viva demonstração de nosso interesse de ajudar na tarefa dos censores, cuidamos, ainda, de nada escrever em cada página, a fim de lhes facilitar o serviço e evitar-lhes um traumatismo craniano ou derrame cerebral — se é possível esparramar-se o nada. Em todo o caso, no interesse de auxiliar a imprensa, ainda não atingida por sua respectiva lei, caso cheguemos em liberdade ao final deste ato, será, este culto discurso, distribuído aos repórteres, para que, céleres, levem mais um relize de sua lavra às redações, como bons filhos da pauta que são. Cara-de-pau, juro que farei desta oração uma prece democrática, daquelas de prender, arrebentar ou explodir.

Desde logo afirmo representar nesta reunião de escritores, poetas, cineastas e desocupados em geral, sua excelência o senhor prefeito eleito de Porto Alegre, o qual, como todos sabem, não existe.

Represento também, à revelia, a câmara ardente dos vereadores da Capital, aos quais não dei ciência de que aqui viria falar em nome deles, porque está fora de moda pedir opinião aos eleitores.

E o título eleitoral, como se sabe, é hoje tão secreto que sequer pode ser levado a protesto.

Com tantas credenciais e este nariz de cera, vamos ao que serve:

Esta reunião, cá na Praça da Alfândega, por entre as barracas da feira dos livres (os que ainda podem comprar livros) à sombra desse horror nefertítico que é a sede da Caixa Econômica Federal lá deles, baixo à ameaça dessas pombas que não aprenderam com Raymundo Correa a mudar de alvo cada vez — esta reunião, dizia eu, é inaugural.

Inaugural, primaveril e graciosa.

Principalmente graciosa, porque não custou um só centavo ao povão, no que difere de outras campanhas filantrópicas, como as inesquecíveis do ouro para o bem-bom no Brasil e o monumento ao General Castelo Branco, cujo, este, bem poderia ter sido substituído por uma foto daquele preclaro constitucionalista, tão igualzinho ficou.

Nosso homenageado é Aparício Torelly, o Barão de Itararé, figura tão inacreditável quanto seu título e a batalha que o fez herói.

Foi lembrança dos chargistas rio-grandenses erguer-lhe, nesta Praça, aqui e agora, um marco à sua memória.

Como não se vê, trata-se de um monumento único em todo o mundo, não ocupa lugar.

Em suas formas é o que há de mais moderno em matéria de arte: quanto mais se olha, menos se entende.

Abstrato em todos os sentidos, o monumento ao Barão de Itararé permite que cada um o imagine como é, o que exclui as sempre antipáticas críticas que nos são desfavoráveis.

E por ele se pode passar ao largo e por dentro e por cima e não sendo, como não é, eqüestre, evita a possibilidade de um confronto desfavorável, caso, em anos próximos, o busto vizinho decida disputar o Grande Prêmio Bento Gonçalves. (N.R.: referência à estátua do General Osório, a cavalo, no centro da Praça)

Temos a certeza de que lá, onde habita e continua a rir de nós, o famoso Barão estará com seu olharzinho matreiro a avaliar a nossa façanha.

Repetindo como sempre:

— De onde menos se espera, daí mesmo é que não vem nada.

***Close* do monumento...**

Arquivo Coojornal

...ao Barão de Itararé

coojornal
ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

Diretor
Osmar Trindade

Editores
Antônio Manoel de Oliveira, José Antônio Vieira da Cunha, Victor Hugo Sperb, Daniel de Andrade (Fotografia), Edgar Vasques (Arte)

Redação/Fotografia
Rafael Guimarães, Eduardo Bueno, Luiz Eduardo Achutti, Delmar Marques, Juarez Fonseca, José Guaraci Fraga, Luiz Carlos Merten, Regina Vasques.

Diagramação/Arte
Luiz Antônio Pinheiro, Eugênio Neves, Luiz Gustavo Machado.

Correspondentes
Geraldo Hasse (São Paulo), Riomar Trindade (Rio), Ariosto Teixeira (Brasília), Manoel Canabarro (Recife)

Secretária Executiva
Vera Maria Moreira

Departamento Comercial
Antônio Domingues

Endereço
Rua Comendador Coruja, 372 — CEP 90.000 — Porto Alegre, RS.

Distribuição Exclusiva em todo o território nacional: Fernando Chinaglia Distribuidora S/A
Rua Teodoro da Silva, 907 — Rio de Janeiro — RJ — CEP 20.563.

Assinaturas
País: Cr$ 1.100,00 por 12 edições; América Latina: 50 dólares; demais países: 60 dólares.

Números atrasados
À venda somente a partir da edição nº 30, ao preço da última edição na banca. Os pedidos devem ser acompanhados do respectivo valor em cheque ou vale postal em nome da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda.

(Associado à Ajocoop)
Edição mensal.
Impresso na Corag -- Aparício Borges, 2.199.

Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda.

A Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre foi fundada em 24 de agosto de 1974, constituindo-se na primeira do gênero no país. A Cooperativa é uma organização administrada pelos próprios jornalistas, com uma diretoria eleita em assembléia geral para um mandato de dois anos. Cada associado, independente de sua participação no capital, tem os mesmos direitos nas decisões de assembléia.

ASSOCIADOS:

Osmar Trindade (**Presidente**), Antônio Oliveira (**Vice-presidente**), Rafael Guimaraens (**Secretário**), Affonso Ritter, Carlos Roberto Dornelles, Danilo Ucha, Luis Afonso Franz, Marcelo Oscar Lopes, Clarice Aquistapace, Jorge Polydoro, José A. Vieira da Cunha, Manoel Canabarro e Tomás Irineu Pereira (**Conselheiros de Administração**)

Elaine Lerner, Sérgio Batsow, Vladimir Neto Ungaretti, Eugênio Neves, Francisco Daniel da Silva e Mauro Toralles (**Conselheiros Fiscais**)

Daniel de Andrade, Edgar Vasquez, Fernando Goulart, João Batista Aveline, João Borges de Souza, Jorge Gallina, José Antônio Pinheiro Machado, Juarez Fonseca, Luiz Carlos Merten e Valdir da Silva (**Conselheiros de Edição**)

Acari Amorim, Adalberto Corrêa de Lemos, Adélia Porto da Silva, Ademar Vargas de Freitas, Ademir Fontoura, Adriano Lopes de Oliveira, Adroaldo Correa, Afonso Licks, Agene Schiffino, Airton M. Rodrigues, Alberto André, Alberto Filgueiras, Alberto Blum, Alda Souza, Alfonso Abrahan Alfredo Fedrizzi, Alice de Lorenzi Urbim, Amauri Mello, Amilton Vieira, Ana Amélia Lemos, Ana Maria Riviello, Ana Maria Smidt, Ana Maria Terra Magalhães, André Jockymann, Ângela B. Ricordi, Ângela Santamgelo, Ângelo Teixeira Júnior, Aníbal Bendatti, Anilson Gantes da Costa, Antôno Britto Filho, Antônio Carlos Esteves, Antônio Firmo Gonzalez, Antônio Dreon Peres, Antônio Vargas, Ariosto Teixeira, Ari da Silva Teixeira, Armando Burd, Armando Sobral Rollemberg, Armindo Antônio Ranzolin, Artur Monteiro, Artur Oliveira Filho, Artur Pereira da Silva, Artur S. Poester, Ataídes Miranda, Augustinho Licks, Avani Maenfeld, Ayrton Centeno, Ayrton Kanitz, Beatriz Micheletto da Rosa, Beatriz Polydoro, Benigno Rocha, Bernardete Duarte Schimitt, Bruno Ange Ferreira, Cândido Cruz, Carla Irigaray, Carlos Alberto Fruet, Carlos Alberto Kolecza, Carlos Alberto Sardenberg, Carlos Alexandre Gruber de Castro, Carlos Alfredo Simch da Silva, Carlos Alves Müller, Carlos Athanazio, Carlos Fehlberg, Carlos Frederico Mentz, Carlos Gerbase, Carlos Karnas, Carlos Henrique Bastos, Carlos Marino Urbim, Carlos Mossmann, Carlos Rafael Guimaraens, Carlos Roberto Silveira, Carlos Salzano V. da Cunha, Carmem Rita Cagno, Carmem Silveira, Carmem Silvia Rial, Celso Rosa, Celso Schroeder, Cid Pinhero Cabral, Cinara Lima, Cintia Leal, Clarice Dornelles, Ciro Dias dos Reis, Cláudia Quinto, Cláudio Barcelos, Cláudio Levitan, Clayton Selistre, Cléa Marcia Motti, Clóvis Heberle, Clóvis Malta, Cristina Baptista Pereira, Cyro Canabarro, Delmar Marques, Divino Fonseca, Edelberto Behs, Edgar Lisboa, Edna Della Nina, Edson Chaves Filho, Edson Kosminski, Eduardo A. Tavares, Eduardo R. Bueno, Eduardo San Martin, Eduardo S. Guimaraens, Eleonora Canto de Lucena, Elio Falcão Vieira, Elisabete Portugal, Elisabeth Copetti, Eloísa Enck, Elmar Bones da Costa, Elser Quintana, Enio R. Rocha, Ercy Pereira Torma, Erni Quaresma, Euclides Torres, Eugênio Bortolon, Eva Caparelli, Evaldo Gonçalves, Evelyn Berg Ioshpe, Evilázio Oliveira, Fátima Regina Torri, Fernando Lindote, Fernando Saes, Fernando Guedes, Fichel Davit Chargel, Flávio A. Porcello, Flávio Dutra, Flávio Schubert, Floreal Rodrigues Rosa, Floriano Correa, Francisco C. da Silva Ribeiro, Francisco Dias Lopes, Francisco José Karam, Francisco Juska, Francisco Paulo Santana, Gabriel Matias, Geanoni Peixoto, Gecy Balmonte, Geraldo Hasse, Gerson Schirmer, Gilberto Pauletti, Gilberto Leal, Glauco Cruz Brandão, Gomercindo Coutinho, Guilherme Pereira de Souza, Guisleno Baru Derquin, Gustavo de Freitas Moritz, Haroldo Abrantes da Silva, Hedi Moema Bauer, Heidy Gerhadt, Hélcio Pereira, Hélio Gama Filho, Hélio M. Doyle, Heloísa Cé, Helton Ricardo Barreto, Hermelindo Macedo, Higino Barros, Hiltor Paulo Mombach, Hiron Cardoso Goidanich, Iara Bendatti, Iara Schilling Pereira, Iaraporan Müller, Ibsen Valls Pinheiro, Ieda Guterres Bernardi, Ignes Pletsch, Ilgo Wink, Ilza Girardi, Imara Stalbaum, Ivan Pinheiro Machado, Ivo Egon Stigger, Jandira Cesar, Jandira D'Ávila Feijó, Jane M. Filipon, Jayme Copstein, Jayme Klintowitz, jaime Saltchuk, João Batista Scalco, João C. Ferreira da Silva, João Paulo Lacerda, João dos Reis Muniz, Jorge Baumann, Jorge Freitas, Jorge Meditsch, Jorge Escosteguy, Jorge O. Carvalho Leite, Jorge Oliveira da Silva, Jorge M. Gomes, Jorge Sá de Miranda Neto, José Antônio Ribeiro, José Antônio Severo, José A. Simch da Silva, José A. Pinto Netto, José A. Vieira Flores, José D. Ripoll, José Emanuel Mattos, José Enedir Francisco, José E. Nascentes, José Félix Valente, José Guaraci Fraga, José H. Mitchll, José Lauro Dickmann, José Luiz Chiarelli, José Luiz D. da Silva Lima, José Luiz Prévidi, José Marcelo Pontes, José Onofre, José Reduzino de Araújo, José R. Fontes, José Roberto de Alencar e Silva, José Roberto Garcez, José Abu-Jamra, José Secundino da Fonseca, Juan Carlos Gomes, Judith Costa, Julieta Nunes, Júlio José Chavenatto, Júlio Sortica, Jurandir Silveira, Jussara Coelho, Laerte de Franceschi, Laerte Martins, Laila Pinheiro, Lauro Quadros, Lea Aragon, Lenora Vargas, Leo Tavejhanski, Leonardo Dourado, Leonid Streliaev, Licínio Azevedo, Lilian Bem David, Linda Cristina Degrazia Sarturi, Lorena da Silva Paim, Lotário Neuberger, Lourival Viana e Silva, Lucila Camargo, Luiz Alberto Arteche, Luiz Alberto Scotto, Luiz Americano Vidal, Luiz Antônio Duarte, Luiz A. Corazza, Luiz A. Kosminski, Luiz A. Pinheiro, Luiz Carlos Felizardo, Luiz Carlos Ferreira, Luiz Carlos Miranda, Luiz Carlos Mello, Luiz Carlos O. de Almeida, Luiz Cláudio Cunha, Luiz Eduardo Achutti, Luiz Fernando Lima, Luiz Fernando Flores, Luiz Fernando L. da Silva, Luiz Fernando Veríssimo, Luiz Francisco Terra Júnior, Luiz Fonseca, Luiz Gonzaga, Luiz Humberto Pereira, Luiz Inácio de Castro, Luiz Oscar Matzenbacher, Luiz Paulo Pilla Vares, Luiz P. Ruschel Daudt, Luiz Vitello, Luiz Recena Grassi, Luiz Lanzetta, Lygia Miriam Nunes, Manuel J. Lourenço, Mara Bernardes, Marcelos Vilas-Boas dos Santos, Marcia Silva Câmara, Marcia Beatriz Turcatto, Marco Antônio Schuster, Marcos Antônio Baggio, Marco Tulio de Rose, Maria Angélica de Moraes, Maria Elaine Borges, Maria da Graça Seligman, Maria da Graça Silva, Maria H. Passos, Maria Helena Branchar, Maria Iara Rech, Maria Ines Zanchetta, Maria I. Hummes, Maria L. Fontanive, Maria Luiza Teixeira, Maria Regina Ferreira, Maria Suely Caldas, Margareth da S. Paula, Marina Wodtke, Marinoria Osório, Mário Alberto Nascimento, Mário Aris Perez, Mário Rocha, Mário L. Madureira, Mário Marcos de Souza, Marise Fetter, Meristela Barrios, Maroni João da Silva, Marques Leonam, Mary Menda, Mary Mezzari, Maureci Santos, Mauro C. Silveira, Milton Galdino da Silva, Milton Wells, Milton R. da Silva, Milton Saldanha Machado, Miriam Costa Correa, Miriam Tereza Chagas de Moura, Miriam T. Timponi, Mirta Coelho Maron, Najar Tubino, Nelson Franco Jobim, Nelson Matzembacher Ferrão, Neltair Rebés Abreu, Nestor C. Fedrizzi, Neusa M. Ribeiro, Newton Peter, Nilson Figueiredo, Nilson Guimarães, Nirce Levin, Nivaldo T. Manzano, Octacílio Grivot, Odilon Abreu, Olides Canton, Olívio Lamas, Olyr Zavaschi, Omar Barros Filho, Orlando C. Brasil, Otílio Rieth, Paolo Marconi, Patrício Bentes, Paulo Antôno Fogaça de Medeiros, Paulo Burde, Paulo Cancian, Paulo C. de Almeida Verri, Paulo Denis Pereira, Paulo V. Macedo, Paulo E. Vasconcellos, Paulo Fernando Guerreiro, Paulo Gerson A. de Oliveira, Paulo Marcon, Paulo Mário Garcia, Paulo Martimbianco, Paulo Queirós Bezerra, Paulo e Tarso Riccordi, Paulo Totti, Pedro Macedo, Pedro Sosa, Pedro V. Maciel, Plinio Dotto, Porfírio Borba Netto, Raul Rubenich, Raul Quevedo, Regina Vasques, Rejane Lempeck, Remi Baldasso, Renan A. de Oliveira, Renato Canini, Renato Kern, Renato Pinto da Silva, Ricardo Bolsoni, Ricardo Chaves, Ricardo Schimitt, Riomar Trindade, Roberto Alves D'Azevedo, Roberto Appel, Roberto A. Thomé, Roberto Ethel, Roberto Franco, Roberto L. Antunes Fleck, Roberto Manera, Rogério Fróes Monteiro, Rogério R. Ruschel, Rogério S. de Medeiros, Rômulo Krafka, Ronaldo Westermann, Rosvita Saueressig, Rubens Constantino Volpe, Rui Jorge Bender, Ruy Carlos Ostermann, Sérgio Becker, Sérgio Caparelli, Sérgio Moita, Sérgio Roca Lagranha, Sérgio Toniello, Severino Goes, Sibila Rocha, Silmar Müller, Silvia de Souza Costa, Silvio Ferreira, Silvio S. Corrêa, Solange V. Morgado, Tânia Carvalho, Tânia J. Failace, Tânia Krutscka, Telmo Zanini, Terezinha Figueiredo, Ubirajara Silva Prates, Vera Daisy Barcellos, Vera Bosak, Vera Costa, Vera Kern, Vera Maria Gomes, Vera Monteiro, Victor Hugo Sperb, Virson Holdembaum, Victor Moraes, Waldoar Teixeira, Walter Firmo da Silva, Whalmir Anna von Koening, Wilmar Marques, Zelia D. Leal.

Associado à AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

CALENDAS GREGAS

edgar vasques

VÉIO DICA...

QUANDO É 1982?

CUSP!

OLHA, PELO JEITO,...

...É SÓ DEPOIS DE 1984!

12/81

PACOTIC...

edgar vasques

E O PIOR NÃO É ISSO, O PIOR É QUE TÁ FAZENDO TIC-TAC!

12/81